



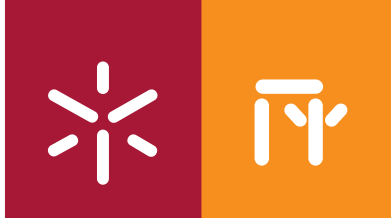
Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Vânia Andrea Sousa Gonçalves Moreira de Lima

**Vinculação, Representação da Relação
Íntima e Interação Diádica em Adultos**

Fevereiro de 2009



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Vânia Andrea Sousa Gonçalves Moreira de Lima

Vinculação, Representação da Relação Íntima e Interacção Diádica em Adultos

Tese de Doutoramento em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Maria da Costa Soares

Fevereiro de 2009

DECLARAÇÃO

Nome: Vânia Sousa Lima

Endereço Electrónico: vlima@porto.ucp.pt

Telefone: +351937035577

Nº Bilhete de Identidade: 11292207

Título da Tese de Doutoramento:

Vinculação, Representação da Relação Íntima e Interação Diádica em Adultos

Orientadora: Professora Doutora Isabel Maria da Costa Soares

Ano de Conclusão: 2009

Designação do Doutoramento: Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica

É autorizada a reprodução parcial desta tese/trabalho, apenas para efeitos de investigação mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, / /

Assinatura: _____

Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Bolsa de Investigação SFRH/BD/13291/2003 no âmbito do POCTI – Formar e Qualificar – Medida 1.1).

ao meu tio fernando

à minha vozi

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho muito deve ao apoio e colaboração de inúmeras pessoas, a quem gostaria de agradecer.

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Soares, por ao longo destes anos ter contribuído de forma ímpar e incessante para a minha aprendizagem e desenvolvimento académico e pessoal.

To Andy Collins, I express my gratitude for his conceptual expertise, empirical rigor and talent to coordinate a remarkable and passionate team.

O meu profundo apreço aos Casais que se disponibilizaram a colaborar no estudo, partilhando-se.

À Filipa Mucha Vieira, por partilhar a par e passo o desenrolar do processo, tornando-o possível e muito mais divertido.

Aos elementos do GEV, que de modo sério e rigoroso colaboraram na concretização deste projecto, apoiando a cotação da *AAI*, a selecção de casais e a recolha de dados, sublinhando o imperativo de se trabalhar em equipa. Por ser impossível nomear todos, fica um agradecimento a cada um.

Às equipas de cotação da *IRI* e *CIT*, António Castro, Diogo Lamela, Filipa Mucha Vieira, Joana Silva, Susana Tereno e Vera Ramalho, com quem foi um imenso prazer trabalhar.

Ao Bruno, João, Rita, Sofia, Teresa e Vanessa, incansáveis no moroso processo de transcrição das entrevistas e a quem os *deadlines* não assustam.

Aos meus colegas de doutoramento, Carla, Eva, John, Lúcia, Pedro, Susana e a jovem Joana, porque com pares tudo é diferente.

To Jeffrey Simpson, Jessica Siebenbruner, Megan Sampson, Karina Quevedo, KC Haydon, Minda Orina and all the RomRel Team from ICD, for their time, availability and knowledge helped me to be intimate with attachment theory and research.

To Alan Sroufe, Byron Egeland, Elizabeth Carlson and Michelle Egeland for warmly receiving me at ICD, making me feel at home.

À Professora Doutora Carla Martins, obrigada pela disponibilidade e visão crítica, que contribuíram para a segurança deste trabalho.

Ao Professor Doutor Armando Teixeira-Pinto, grata pelo apoio no tratamento de dados, dedicação e disponibilidade demonstrada.

Ao Professor Doutor Miguel Gonçalves, pelo incentivo na incursão do trabalho terapêutico com casais.

Ao Pedro Dias, que de modo muito próprio me acompanhou neste trajecto, que apenas agora começa.

Aos meus colegas da Universidade Católica Portuguesa, de modo especial, António Fonseca, Luísa Campos, Lurdes Veríssimo e Raquel Matos, obrigada pela disponibilidade, incentivo permanente e apoio nos momentos mais difíceis.

À Sara Melo, pela imensa generosidade, capacidade de organização e proactividade na resolução de problemas.

Aos meus Amigos, por respeitarem a minha impossibilidade de fruir do lazer e por tantas vezes realizarem tarefas que a mim competiriam.

À Vera, de amizade e clarividência inenarráveis.

À Susana, Nuno, Inês e Laura, cuja dedicação e carinho vai para além do *deja vu*.

À Ana e Fouto, para quem a amizade não tem distâncias ou pronúncia.

À Rosa, por ter sido em muitos momentos o meu porto seguro.

Ao Alcino, pelo que me proporcionou e por sempre ter acreditado.

Ao Ricardo, por evidenciar a importância de uma base segura e me ajudar a focar no essencial.

To Missy and Elizabeth, for supporting me completely overseas, helping me overcome (also) cultural differences and broadening my personal world.

À Gi e ao Guilherme, meus “afilhados íntimos”, cuja presença, carinho, compreensão e sentido de humor são transversais ao meu desenvolvimento.

Ao Oscar, que personifica o conceito de Amizade.

Finalmente, um agradecimento especial à minha Família, à presente e já ausente, que me apoiou sem reservas. Em particular ao Bruno, George, Zita, Sofia e Teresa, pela compreensão, flexibilidade e alegria que proporcionam.

Um reconhecimento profundo e grato à minha Mãe e ao meu Pai, que de tanto abdicaram estes anos.

RESUMO

Tendo como quadro conceptual a teoria da vinculação, o nosso estudo incide nas relações entre a representação da vinculação, a representação da relação íntima e a interacção diádica em casais. A complexidade da vinculação tem conduzido ao desenvolvimento de estudos que, metodologicamente, se inscrevem numa *abordagem-multi* (Soares, 2007). Nesta linha, a nossa investigação incorpora a dimensão representacional, ao nível da vinculação e da relação íntima, bem como a dimensão comportamental, ao nível da interacção diádica, tendo sido desenvolvida uma medida específica para a avaliação da representação da relação íntima (*Intimate Relationship Interview*).

Com o objectivo de analisar as relações entre o modelo interno dinâmico geral de vinculação, o modelo interno específico de relação íntima e o comportamento em contexto diádico, o presente trabalho envolveu 40 casais heterossexuais. Cada elemento do casal foi avaliado ao nível da representação da vinculação (*Adult Attachment Interview*), da representação da relação íntima (*Intimate Relationship Interview*) e da interacção diádica (*Couples Interaction Task*). A concepção da relação íntima como um processo de co-construção remeteu-nos para a análise do papel específico da representação da vinculação na qualidade de representação da relação com o(a) companheiro(a) e na qualidade da interacção diádica, bem como para o estudo do contributo de cada conjugue para a qualidade da interacção diádica.

Os nossos resultados evidenciaram a adequação da *Intimate Relationship Interview* para avaliar o modelo interno dinâmico específico da relação íntima. De acordo com as nossas hipóteses, os resultados mostram que a representação da vinculação está associada quer à qualidade da representação íntima, quer à qualidade da interacção diádica, havendo contributos específicos por parte do padrão de vinculação e da organização da representação da relação íntima na qualidade da interacção diádica.

ABSTRACT

Within the attachment theory, as a developmental perspective, our study is focused on the relations between attachment, intimate relationship representations and couples' dyadic interaction. The complexity of attachment requires, at the methodological level, a *multi-approach* (Soares, 2007). In this line, our research addresses the representational dimension in terms of attachment and intimate relationships, as well as the behavioural dimension in terms of the dyadic interaction. Within this approach, we developed a measure for assessing the quality of the intimate relationship's representation (*Intimate Relationship Interview*), aiming to contribute for methodological advancement in this field.

Aiming to examine the relations between general and specific working models of attachment and of intimate relationships, our study included 40 heterosexual couples and involved the assessment of the quality of attachment representation (*Adult Attachment Interview*), the quality of intimate relationship representation (*Intimate Relationship Interview*) and the quality of dyadic interaction (*Couples Interaction Task*). Conceiving the intimate relationship in terms of a co-construction, our analyses were directed to the specific roles played by individual's attachment representation on partner's intimate representation and on the quality of dyadic interaction. The contribution of the representations of each member for the quality of the dyadic functioning was also considered.

Our results show that *Intimate Relationship Interview* is an accurate measure of the specific internal working model. As hypothesized, our results reveal that attachment representation is related both to the representation of intimate relationship and to the quality of dyadic interaction. Specific contributions from the attachment pattern and from the representation of intimate relationship in the quality of the dyadic interaction were also observed.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
ÍNDICE	xi
Índice de quadros	xiv
Índice de tabelas	xv
Lista de anexos	xvii
GLOSSÁRIO	xviii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	4
VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA	4
1. Introdução	4
2. Enquadramento histórico: desenvolvimento conceptual e empírico	6
2.1. Questões teóricas	6
2.2. Questões empíricas: avaliação dos padrões de vinculação na infância	9
3. Representação da vinculação na idade adulta	20
3.1. Questões teóricas: o papel dos modelos internos dinâmicos - <i>The move to the level of representation</i>	20
3.2. Questões empíricas: avaliação da representação da vinculação através da <i>Adult Attachment Interview – AAI</i>	28
3.3. Resultados da investigação com a <i>Adult Attachment Interview</i>	36
CAPÍTULO II	46
VINCULAÇÃO E RELAÇÕES ÍNTIMAS	47
1. Introdução	47
2. Avaliação da representação das relações íntimas e da interacção diádica à luz da vinculação	51
2.1. Avaliação da representação das relações íntimas	51
2.2. Avaliação da interacção diádica	60
3. Estilos de vinculação nas relações íntimas	71
3.1. Abordagem categorial ou tipológica	72
3.2. Abordagem dimensional	75
3.3. Abordagem prototípica	78

CAPÍTULO III	85
REPRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS	86
1. Enquadramento e objectivos do estudo	86
2. Método	92
2.1. Participantes	92
2.2. Medidas	94
2.2.1. Ficha de identificação e caracterização do casal	94
2.2.2. Avaliação da representação da vinculação: <i>Adult Attachment Interview</i>	94
2.2.3. Avaliação da representação da relação íntima: <i>Intimate Relationship Interview</i>	98
2.2.4. Avaliação do comportamento na interacção diádica: <i>Couple Interaction Task</i>	100
2.3. Procedimentos	102
3. Resultados	104
3.1. Estudo I	
Características psicométricas da <i>Intimate Relationship Interview</i> e da <i>Couple Interaction Task</i>	104
3.1.1. <i>Intimate Relationship Interview</i> : validade de construto e fidelidade	104
3.1.2. <i>Couples Interaction Task</i> : validade de construto e fidelidade	110
3.2. Estudo II	
Vinculação, representação das relações íntimas e comportamento diádico no contexto conjugal	114
3.2.1. Vinculação	114
3.2.2. Representação da relação íntima e vinculação	119
3.2.3. Interacção diádica e vinculação	120
3.2.4. Interacção diádica, representação da relação íntima e vinculação	124
3.2.5. Vinculação, representação das relações íntimas e comportamento diádico: modelo de interacção e contributos individuais	129
4. Discussão e Conclusão	135
4.1. Contributos metodológicos: a representação da relação íntima e a interacção diádica	236
4.2. Vinculação e representação da relação íntima	137
4.3. Vinculação e interacção de casal	139
4.4. Representação da relação íntima e interacção de casal	142
4.5. Vinculação, representação da intimidade e comportamento na relação íntima	143
4.6. Limitações e implicações para a investigação futura	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147

ANEXOS

1. Ficha de Identificação e Caracterização do Casal
2. *IRI*: Escalas - Descrição, Categorização e Exemplos de Discurso
3. *CIT*: Escalas – Descrição e Categorização
4. Declaração de Consentimento Informado
5. Observação da Interação do casal: Listagem de problemas

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.	Sistemas de cotação da <i>AAI</i>	35
Quadro 2.	Comparação entre análises de <i>AAI</i> e <i>CRI</i>	58

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.	Caracterização sócio-demográfica da amostra	93
Tabela 2.	Matriz de correlações entre escalas da <i>IRI</i> nos homens	104
Tabela 3.	Matriz de correlações entre escalas da <i>IRI</i> nas mulheres	105
Tabela 4.	Matriz de correlações das escalas da <i>IRI</i> entre homens e mulheres	106
Tabela 5.	Matriz factorial e consistência interna da <i>IRI</i> para os homens	107
Tabela 6.	Matriz factorial e consistência interna da <i>IRI</i> para as mulheres	107
Tabela 7.	Diferenças na representação da relação íntima entre homens e mulheres ao nível dos factores da <i>IRI</i>	108
Tabela 8.	Matriz de correlações entre factores da <i>IRI</i> nos homens	109
Tabela 9.	Matriz de correlações entre factores da <i>IRI</i> nas mulheres	109
Tabela 10.	Matriz de correlações dos factores da <i>IRI</i> entre homens e mulheres	109
Tabela 11.	Matriz de correlações entre as escalas da <i>CIT</i>	110
Tabela 12.	Matriz factorial e consistência interna da <i>CIT</i>	112
Tabela 13.	Matriz de correlações entre factores e dimensão da <i>CIT</i>	113
Tabela 14.	Distribuição da representação de vinculação nos homens	114
Tabela 15.	Distribuição da representação de vinculação nas mulheres	114
Tabela 16.	Concordância do padrão da <i>AAI</i> no casal	115
Tabela 17.	Distribuição das configurações de Segurança e Insegurança da <i>AAI</i> no casal	116
Tabela 18.	Mega-Itens da <i>AAI</i> e padrão de vinculação nos homens	116
Tabela 19.	Mega-Itens da <i>AAI</i> e padrão de vinculação nas mulheres	117
Tabela 20.	Estratégias de vinculação e padrão da <i>AAI</i> nos homens	118
Tabela 21.	Estratégias de vinculação e padrão da <i>AAI</i> nas mulheres	118
Tabela 22.	Padrão de vinculação e factores da <i>IRI</i> nos homens	119
Tabela 23.	Padrão de vinculação e factores da <i>IRI</i> nas mulheres	119
Tabela 24.	Médias dos factores e dimensão da <i>CIT</i> nas categorias de comportamento	120
Tabela 25.	Diferenças nos factores e dimensão da <i>CIT</i> em função da <i>AAI</i> nos homens	121
Tabela 26.	Diferenças nos factores e dimensão da <i>CIT</i> em função da <i>AAI</i> nas mulheres	122
Tabela 27.	Padrão de vinculação dos homens e <i>clusters</i> da <i>CIT</i>	122
Tabela 28.	Padrão de vinculação das mulheres e <i>clusters</i> da <i>CIT</i>	123

Tabela 29.	Configuração de vinculação de casal e <i>clusters</i> da <i>CIT</i>	123
Tabela 30.	Diferenças na representação da relação íntima em função dos <i>clusters</i> da <i>CIT</i> , nos homens	124
Tabela 31.	Diferenças na representação da relação íntima em função dos <i>clusters</i> da <i>CIT</i> , nas mulheres	125
Tabela 32.	Concordância da Organização <i>IRI</i> no casal	126
Tabela 33.	Padrão de vinculação e Organização <i>IRI</i> nos homens	127
Tabela 34.	Padrão de vinculação e Organização <i>IRI</i> nas mulheres	127
Tabela 35.	Organização <i>IRI</i> dos homens em função da configuração de segurança do casal na <i>AAI</i>	128
Tabela 36.	Organização <i>IRI</i> das mulheres em função da configuração de segurança do casal na <i>AAI</i>	128
Tabela 37.	<i>Odds Ratio</i> simples e ajustados (ao padrão de vinculação do outro elemento do casal) de um <i>score CIT</i> inferior, em função do padrão de vinculação (n=40)	130
Tabela 38.	<i>Odds Ratio</i> simples e ajustados (ao <i>score IRI</i> do outro elemento do casal) de um <i>score CIT</i> inferior, em função dos <i>score IRI</i> de cada elemento do casal (n=40)	131
Tabela 39.	<i>Odds Ratio</i> de um <i>score CIT</i> inferior em função do padrão de vinculação e <i>score IRI</i> de cada elemento do casal	133
Tabela 40.	Resultados das regressões logísticas múltiplas para os <i>score IRI</i> masculino (n=40). <i>Odds Ratio</i> de um <i>score IRI</i> inferior para o sexo masculino, em função do padrão de vinculação e <i>score IRI</i> feminino correspondente	134
Tabela 41.	Resultados das regressões logísticas múltiplas para os <i>score IRI</i> feminino (n=40). <i>Odds Ratio</i> de um <i>score IRI</i> inferior para o sexo feminino, em função do padrão de vinculação e <i>score IRI</i> masculino correspondente	134

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1.	Ficha de Identificação e Caracterização do Casal	176
Anexo 2.	<i>IRI</i> : Escalas - Descrição, Categorização e Exemplos de Discurso	178
Anexo 3.	<i>CIT</i> : Escalas – Descrição e Categorização	181
Anexo 4.	Declaração de Consentimento Informado	185
Anexo 5.	Observação da Interação do casal: Listagem de problemas	186

GLOSSÁRIO

AAI	Adult Attachment Interview
AAS	Adult Attachment Scale
AAS-R	Adult Attachment Scale - Revised
APIM	Actor-Partner Interdependence Model
BDI	Beck Depression Inventory
CAI	Couple Attachment Interview
CIRS	Couple Interaction Rating System
CIT	Couple Interaction Task
CRI	Current Relationship Interview
DAS	Dyadic Adjustment Scale
DIS	Diário de Interação Social
EVA	Escala da Vinculação do Adulto
ECR-R	Revised Experiences in Close Relationships
GEV	Grupo de Estudos da Vinculação
IRI	Intimate Relationship Interview
MAI	Marital Attachment Interview
MICS	Marital Interaction Coding System
RCCS	Revised Conflict Coding System
RMICS	Rapid Marital Interaction Coding System
RQ	Relationship Questionnaire
RSQ	Relationship Styles Questionnaire
SAS/STAT	SASINST Software for Statistics
SBSS	Secure Base Scoring System
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

Introdução

A Teoria da Vinculação constitui-se como um quadro conceptual amplo e inclusivo, que, transpondo fronteiras entre a etologia, o evolucionismo darwiniano e a psicanálise, pode ser concebida como uma abordagem metateórica. A experiência clínica de John Bowlby com crianças institucionalizadas assumiu-se como base segura para a exploração de um *corpus* teórico que paulatinamente se autonomizou, atingindo a maturidade no terreno empírico com o trabalho observacional de Mary Ainsworth de cariz naturalista, no Uganda (1967) e laboratorial, em Baltimore (1977). Pelo mesmo, e incorporando o que Soares (2002) viria a designar por “abordagem-multi”, Ainsworth funda a profícua linha de investigação transcultural e longitudinal sob o paradigma da vinculação.

Embora as origens da Teoria da Vinculação radiquem no exame das relações diádicas estabelecidas entre bebé e figura de vinculação e sua disrupção (Bowlby, 1969/82), reconhece-se progressivamente como terreno fértil de inquirição científica a sua transposição para a idade adulta, assente conceptualmente no constructo Bowlbiniano de *Internal Working Models* e empiricamente no desenvolvimento e estabelecimento da *Adult Attachment Interview* de Main, Kaplan e George (1985).

Este enfoque na idade adulta é potenciado pelos trabalhos de Hazan e Shaver (1987) que, ao considerarem que as relações de cariz amoroso na idade adulta partilham especificidades das relações de vinculação na infância, inauguram sob este prisma o estudo das relações íntimas entre adultos. A perspectiva tipológica adoptada por estes autores é complementada por investigadores que elegem a avaliação de cariz representacional, desenvolvendo uma panóplia de entrevistas dirigidas à análise da organização da vinculação e da representação da intimidade na idade adulta (e.g., Crowell, 1990). Patenteando a relevância do legado empírico auferido por Ainsworth, e assegurando a fidelidade do conceptual aportado por Bowlby, assiste-se gradualmente a um retorno a metodologias de cariz observacional, desta vez focalizadas na interacção diádica do casal (e.g. Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998).

Nas declarações de Bowlby (1969/82) a propósito de não haver vislumbrado a envergadura e impacto do trabalho que principiava, subjaz também a noção de que a teoria se refina e amplia em paralelo à ampliação e refinamento metodológico, viabilizando leituras mais compreensivas e simultaneamente de maior complexidade, fazendo igualmente emergir novas questões e reptos de investigação.

O trabalho aqui apresentado insere-se neste enquadramento epistemológico, e visa contribuir, duas décadas volvidas sobre o trabalho pioneiro de Hazan e Shaver (1987), para o conhecimento sobre o modo como a organização de vinculação se relaciona com a representação da intimidade e comportamento diádico no contexto das relações íntimas de índole amoroso na idade adulta, estando organizado da seguinte forma: partindo de uma breve exposição dos postulados teóricos propostos por Bowlby (1969/82; 1973; 1980) e das contribuições empíricas derivadas por Ainsworth (1978), o **Capítulo I** centra-se nas relações de vinculação na idade adulta, evidenciando a *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1985) enquanto marco metodológico na avaliação da representação da vinculação com adultos. Posteriormente, o **Capítulo II** foca as principais linhas de investigação em torno da relação entre vinculação e relações íntimas de cariz amoroso. Partindo das metodologias de avaliação de índole representacional e comportamental, considera a abordagem da psicologia social e o recurso a instrumentos de auto-relato dos estilos de vinculação nas relações íntimas. O **Capítulo III** apresenta o estudo empírico por nós desenvolvido, organizando-se pela apresentação dos objectivos que o conduziram, descrição do método e exposição dos resultados e sua discussão, à luz da teoria da vinculação no contexto das relações íntimas na idade adulta.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA

1. INTRODUÇÃO

A teoria da vinculação encontra-se intimamente associada ao trabalho de John Bowlby, de que é ícone a sua trilogia *Attachment, Separation and Loss* – *Attachment* (Bowlby, 1969/82), *Separation: Anger and Anxiety* (Bowlby, 1973) e *Loss: Sadness and Depression* (Bowlby, 1980). Os primeiros escritos de Bowlby (1940, 1944) incidem sobre os efeitos da privação de cuidados maternos no estabelecimento da relação de vinculação, assumindo as suas obras um cariz eminentemente clínico derivado do contexto hospitalar em que trabalhava. Nestas, e ao longo do seu trabalho, denota-se o emergir de um quadro conceptual que, com contribuições como as da Etologia (Bowlby, 1957,1958) – salientando-se aqui os trabalhos de Lorenz (1935) e Harlow e Zimmermann (1959) – ou do Evolucionismo Darwiniano, se assume como alternativo à teoria psicanalítica vigente na época e na qual Bowlby se formou (Bowlby, 1988).

Centrando-se inicialmente na relação estabelecida pela díade bebé-mãe, Bowlby (1969/82, 1973) considera que a mesma é pautada pelo desempenho de dois papéis complementares: o do bebé, dirigido à busca de proximidade e cuidados que garantam a satisfação das suas necessidades básicas de segurança e protecção, e o do adulto, prestador de cuidados, disponível e capaz de atender às solicitações manifestadas pela criança. A realização continuada deste papel por parte do adulto permite-lhe apresentar-se à criança como uma figura de vinculação, i.e., à qual o bebé está vinculado (Bretherton, 1985) transmitindo-lhe, em princípio, segurança e conforto ante situações geradoras de mal-estar. Procedendo de um sistema bio-comportamental evolucionário, Bowlby assume que os comportamentos de vinculação contribuem para a sobrevivência da criança, mantendo-a próxima dos seus cuidadores em situações de perigo,

recuperando deste modo a percepção de segurança e protecção necessárias para o retomar dos seus movimentos exploratórios e incursões no mundo.

No terreno empírico, as considerações teóricas e clínicas de Bowlby são consubstanciadas pelo trabalho desenvolvido por Mary Ainsworth que, recorrendo a uma *abordagem multi* (multi-momentos, multi-contextos, multi-métodos e multi-observadores), enceta uma nova fase no desenvolvimento da teoria da vinculação (Bowlby, 1988; Soares, 2007). Adoptando metodologias de observação naturalista nos estudos realizados no Uganda (Ainsworth, 1963, 1967) e Baltimore (Ainsworth, 1977), e de cariz laboratorial de avaliação da interacção mãe-bebé (por meio do procedimento denominado de *Situação Estranha*) Ainsworth promove o desenvolvimento da avaliação e compreensão das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação, bem como no estudo de trajectórias desenvolvimentais que, enfatizando o papel da *figura de vinculação*, frisam no domínio empírico, a vinculação enquanto construto relacional (Soares, 2002).

Mais recentemente, os contributos teóricos e empíricos de Bowlby e Ainsworth espelham-se num crescente interesse da comunidade científica em relação à vinculação na idade adulta. Para tal muito contribuiu o trabalho de Mary Main que, alicerçado no conceito de modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973) e operacionalizado no desenvolvimento da *Adult Attachment Interview - AAI* (George, Kaplan & Main, 1985), se constitui como uma mudança no foco de avaliação, agora de cariz representacional com adultos, ao invés de comportamental com crianças. O desenvolvimento e crescente estabelecimento da AAI deu azo ao estudo da premissa que Bowlby (1969, p. 208) apresentou de que a vinculação acompanha o sujeito “*from the cradle to the grave*”, estando ainda na origem de estudos sobre a transgeracionalidade da vinculação (Benoit & Parker, 1994) ou do seu papel no desenvolvimento e qualidade das relações íntimas, sejam de amizade ou amorosas, na adolescência e idade adulta (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007; Feeney, 1999; Fisher & Crandell, 2001).

Neste capítulo são expostos os postulados teóricos propostos por Bowlby (1969/82; 1973; 1980) e as contribuições empíricas derivadas por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978). Centrar-nos-emos, posteriormente, no papel dos Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*) enquanto construto matricial da representação da vinculação ao longo do desenvolvimento. Finalmente, é apresentada a *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1985) enquanto marco metodológico na avaliação da representação da vinculação com adultos, ilustrando-se a sua relevância no domínio empírico do estudo da vinculação nesta faixa etária.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO: DESENVOLVIMENTO CONCEPTUAL E EMPÍRICO

2.1. QUESTÕES TEÓRICAS

Ao longo do trabalho de Bowlby é evidente a importância que atribui à necessidade de sustentação clínica e de evidência empírica dos seus enunciados teóricos. É, com efeito, a partir da sua prática clínica num internato para crianças e adolescentes que Bowlby (1940), ao debruçar-se sobre os efeitos da privação de cuidados maternos no desenvolvimento nos primeiros anos de vida, enceta o desenvolvimento da teoria da vinculação. Conduzindo, na sequência deste trabalho, um projecto de investigação dirigido à compreensão dos efeitos da separação de crianças face às figuras parentais devido à hospitalização, não somente durante o internamento mas também no regresso a casa, Robertson e Bowlby (1952) documentam uma sequência de comportamentos (manifestados a partir dos 6 meses), composta por *protesto, desespero e desvinculação*¹, como

¹ Bowlby refere a este propósito o quanto o impressionou a similitude no padrão de resposta das crianças à separação documentada por Marris (1958) relativamente ao luto com adultos, evidenciando quer a dimensão etológica associada, quer a relevância dos processos de separação nas crianças.

resposta da criança à separação experienciada. A integração da perspectiva etológica na leitura destes comportamentos é por Bowlby assumida como crucial (Bowlby, 1988), sendo iluminada pelo estudo dos efeitos da privação no comportamento animal (Harlow, 1958; Harlow & Harlow, 1966; Suomi & Harlow, 1978) e enquadrada numa matriz conceptual alternativa à proposta pela psicanálise (Bowlby, 1988; Soares, 2002). Efectivamente, os estudos conduzidos por Harlow e a sua equipa em Wisconsin (EUA) com macacos *rhesus* indicavam que bebés *rhesus* preferiam a proximidade a uma "mãe" artificial de pano que não provia alimento relativamente a uma "mãe" lactante de arame. A dimensão relacional que subjaz a estes resultados é enfatizada pelo facto de a "mãe" de pano se constituir quer como uma base segura a partir da qual o bebé *rhesus* principiava a exploração do meio, quer como um refúgio seguro quando confrontado com uma situação ameaçadora (Blum, 2002; Polan & Hofer, 1999).

A incorporação na teoria da vinculação de contribuições de áreas tão distintas quanto a etologia, a psicanálise, a cibernética, a psicologia cognitiva e a biologia evolutiva, aufere a este quadro conceptual um ecletismo que Bowlby valorizava, ao qual imprime uma dimensão empírica valiosa². Neste sentido, um dos construtos basilares da teoria da vinculação derivado da biologia evolutiva é o de *sistema comportamental* (Bowlby, 1969/82; Cassidy, 1999) que, sendo constituído por comportamentos dirigidos à obtenção de um dado objectivo tido como adaptativo, envolve a sua contínua integração em estruturas comportamentais de complexidade e sofisticação progressiva. O sistema comportamental é entendido como flexível, ajustando-se num mecanismo de *feedback* em direcção a objectivos corrigidos (característicos de organismos filogeneticamente complexos), e entre os sinais do organismo e os do ambiente, conduzindo à activação ou cessação do sistema. Do ponto de vista filogenético, poder-se-ão identificar como cruciais à sobrevivência e reprodução da espécie humana os sistemas de vinculação, de exploração, de prestação de cuidados e o sistema

² Em 1981, no âmbito do *Fourth Blanche Ittleson Award* promovido pela *American Orthopsychiatric Association*, Bowlby foi convidado a apresentar o seu trabalho na área da vinculação e, numa clara apologia da interconexão entre teoria e investigação (de que o seu trabalho é evidência), o autor parafrasea Kurt Lewin ao afirmar "*There is nothing so practical as a good theory and of course, nothing so handicapping as a poor one*" (cit. Bowlby, 1988, p. 42).

sexual, cada um deles abrangendo componentes comportamentais, cognitivos e emocionais (Greenberg & Marvin, 1982, *cit. in* Soares, 2002; Buss & Schmitt, 1993).

Bowlby alega que a vinculação do bebé à mãe opera com base num equipamento comportamental característico da espécie e, deste modo, de cariz instintivo. Neste sentido, permitindo uma compreensão do desenvolvimento a nível ontogenético e filogenético, e considerando que os sistemas biológicos devem ser capazes de operar automaticamente, seja ao nível fisiológico seja ao nível comportamental (Bowlby, 1969/82), o autor identifica um conjunto de respostas instintivas e com algum grau de independência entre si que, emergindo em momentos distintos no decurso do desenvolvimento, se organizam e dirigem à figura de vinculação. Designando estas respostas como *comportamentos de vinculação*, Bowlby enumera o chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir como respostas cuja função é o estabelecimento de proximidade e ligação entre o bebé e a figura de vinculação. Estes comportamentos simples tendem a organizar-se em sistemas de objectivos corrigidos de maior complexidade, permitindo à criança assegurar a manutenção da proximidade com a figura de vinculação, promotora de segurança, cumprindo deste modo a função biológica de protecção (Bowlby, 1969/82). Esta relação é conceptualizada como assimétrica, sendo a figura de vinculação tida como mais forte, experiente e capaz de lidar com o mundo (Bowlby, 1988), proporcionando à criança os cuidados básicos necessários para assegurar a sua sobrevivência.

No desenvolvimento da relação entre a figura de vinculação (mãe) e a figura vinculada (bebé), operam não somente comportamentos mas, no contexto do sistema comportamental da vinculação, elementos de cariz cognitivo e emocional (Soares, 2007). Bowlby defende que a relação de vinculação durante a infância, ao assentar em interações repetidas entre estas figuras, permite que o bebé desenvolva conhecimentos e expectativas sobre o modo como os seus pedidos e solicitações de ajuda são atendidos pela figura de vinculação (no que respeita à sua acessibilidade e responsividade), e sobre o *self* (em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os demais), a que denominou de *modelos*

internos dinâmicos. Bowlby (1969/82) considera que estes modelos são organizados sob a forma de representações generalizadas sobre as figuras de vinculação, o *self* e o mundo que, constituindo-se como guias de interpretação da experiência e de orientação da acção, permitem ao indivíduo tomar decisões sobre o seu comportamento de vinculação face a uma dada figura, antecipar a sua resposta e, assim, operar mais eficientemente (Soares, 1996, 2002)³.

2.2. QUESTÕES EMPÍRICAS: AVALIAÇÃO DOS PADRÕES DE VINCULAÇÃO NA INFÂNCIA

A edificação da teoria da vinculação enquanto quadro conceptual alternativo muito deve ao trabalho empírico de cariz naturalista e laboratorial levado a cabo por Mary Ainsworth e cols., que espelha a natureza transdisciplinar dos postulados teóricos e clínicos de Bowlby (Bowlby, 1981).

Esta investigadora americana, profundamente influenciada pela conceptualização de Blatz (1966) pela qual a criança necessitaria de desenvolver uma dependência securizante com os seus pais previamente a empreender movimentos de exploração de situações não familiares, detém-se na sua tese de doutoramento sobre aspectos de cariz metodológico, nomeadamente pelo desenvolvimento de medidas de auto-relato e entrevistas dirigidas à avaliação deste conceito de segurança. A sua capacidade reflexiva e o *know-how* que esta tarefa lhe proporcionou constituir-se-iam como basilares no trabalho subsequente que realizaria com Bowlby, já em Tavistock, caracterizado pela minúcia na avaliação comportamental que as suas funções exigiam.

Do ponto de vista estritamente metodológico no domínio da vinculação, o seu trabalho estreia-se com a adopção de procedimentos cuidadosos de observação naturalista numa tribo do Uganda (Ainsworth, 1963, 1967), atentando ao registo e

³ O construto *Modelos Internos Dinâmicos* será desenvolvido com maior acuidade quando nos debruçarmos sobre as relações de vinculação na idade adulta.

análise de comportamentos de díades mãe-filho, no sentido de identificar que comportamentos-chave poderão diferenciar os bebés vinculados à mãe e quais os antecedentes e trajectórias da (in)segurança da vinculação. Após o regresso de Uganda, Ainsworth inaugura a investigação longitudinal e transcultural no âmbito da vinculação, ao estabelecer-se em Baltimore, Maryland (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall 1978) e dedicando-se ao estudo das diferenças individuais nas respostas às separações num procedimento designado por *Situação Estranha*.

O procedimento laboratorial *Situação Estranha* dirige-se à activação do sistema comportamental de vinculação pela apresentação *standardizada* de um conjunto de episódios que se assumem como indutores de stress moderado para o bebé. O comportamento do bebé é observado e avaliado ao longo do procedimento (que envolve duas separações breves e duas reuniões entre o bebé e a figura de vinculação, quer com a presença, quer com a ausência de uma pessoa estranha ao bebé) naquela que seria uma macro-avaliação do seu comportamento, e também atendendo aos momentos críticos para o sistema comportamental de vinculação em episódios específicos de separação e reunião. À avaliação da vinculação do bebé na *Situação Estranha* subjaz a análise de dois tipos de comportamentos distintos: por um lado, examinam-se comportamentos exploratórios por parte do bebé em relação ao meio (como seja o brincar) e, por outro, consideram-se comportamentos de interacção diádica estabelecidos com a figura de vinculação, podendo estes assumir formas e colorações distintas, como sejam a procura e manutenção de contacto, a resistência no contacto ou o evitamento activo da figura de vinculação (Ainsworth, *et al.*1978).

O comportamento de vinculação do bebé na *Situação Estranha* foi por Ainsworth avaliado considerando i) a frequência de comportamentos específicos em cada episódio (como locomoção, orientação visual, choro, vocalização ou sorriso), ii) o comportamento do bebé com a figura de vinculação (procura de contacto e estabelecimento de proximidade, manutenção do contacto, resistência e evitamento) e iii) a classificação dos bebés em função de padrões de comportamento. Este sistema de categorização por padrões assume-se como o mais saliente e discriminante da avaliação das diferenças individuais, na medida em que reflecte, num prisma fundamentalmente qualitativo, a forma como o bebé

organiza o seu comportamento no âmbito da relação que estabelece com a figura de vinculação. Assim, podem ser distinguidos três padrões de vinculação em bebés de 12-18 meses, um de vinculação "segura" (padrão B) e dois genericamente concebidas como "inseguras" (padrões A e C). A primeira destas categorias promulga o equilíbrio entre comportamentos de vinculação e comportamentos exploratórios, decorrente da interacção securizante com a figura de vinculação:

- Em bebés classificados como seguros, salienta-se a sintonia e harmonia da comunicação com a figura de vinculação, coexistindo a manifestação de afectos positivos e de afectos negativos, de modo aberto e integrado, revelando a segurança na expressão emocional do bebé relativamente à mãe. Estes bebés com **PADRÃO B** apresentam alternadamente comportamentos de vinculação e de exploração. Neste sentido, perante a presença da figura de vinculação, o bebé dirige-se activamente à exploração do meio, registando-se um claro declínio destes comportamentos exploratórios perante a ausência da figura de vinculação. Face a esta ausência, não se regista necessariamente a exibição de comportamentos de protesto por parte destes bebés, sendo inclusivamente possível que sejam um pouco confortados por uma pessoa estranha. Porém, aquando do regresso da figura de vinculação, o bebé procura activamente a sua proximidade, contacto ou interacção, verificando-se posteriormente o regresso à exploração do meio. Constitui-se, deste modo, a figura de vinculação *“como uma base segura a partir da qual o bebé pode envolver-se na exploração de um ambiente desconhecido, da mesma forma que em casa se envolve no brincar”* (Ainsworth, et al. 1978; p. 311).

Em suma, o sentimento de segurança obtido pelo bebé decorre da percepção de acessibilidade à figura de vinculação e pelo estabelecimento de proximidade ou contacto com essa figura que, ao competentemente proporcionar conforto, segurança e satisfação das necessidades de protecção pela criança

evidenciadas, mitiga o *distress* experienciado e viabiliza (seguramente) o regresso à exploração.

À adequada gestão da proximidade física e da exploração, bem como à qualidade da comunicação emocional entre o bebé e a figura de vinculação presente nas díades de bebés seguros, contrapõe-se o verificado em bebés classificados como inseguros, cujos padrões se desenvolvem quando o bebé, procurando protecção e conforto, encontra rejeição, inconsistência e/ou ameaça por parte da figura de vinculação, suscitando dúvida e ansiedade quanto à responsividade e disponibilidade da figura (não) prestadora de cuidados (Crowell & Treboux, 1995). Ainda que englobadas na classificação “Insegurança da Vinculação”, estas díades apresentam características específicas em função do padrão que representam:

- Bebés cujo padrão é identificado como inseguro ambivalente-resistente (**PADRÃO C**) caracterizam-se pelo predomínio do comportamento de vinculação sobre o comportamento de exploração, pautado pela hipervigilância do bebé quanto à acessibilidade da figura de vinculação. Neste sentido, torna-se evidente a monitorização permanentemente por parte do bebé relativamente à presença e localização da mãe, num processo que claramente mina a riqueza e fluidez da exploração do meio. No episódio de reencontro com a figura de vinculação, o bebé manifesta ambivalência, verificando-se a concomitância de comportamentos de resistência activa ao contacto e interacção com a figura de vinculação, e de comportamentos de procura desse mesmo contacto. No que concerne à comunicação emocional com a figura de vinculação, a mesma é pautada por uma intensa tonalidade negativa, corporalizada em manifestações de raiva e irritação, bem como pela incapacidade de ser confortado pela figura de vinculação. O bebé aparenta não ter certezas relativamente à disponibilidade e responsividade da figura de vinculação, mantendo uma estratégia de

hiperactivação do sistema de vinculação e maximização dos sinais e comportamentos de vinculação.

- Por seu turno, o padrão inseguro-evitante (**PADRÃO A**) caracteriza-se pelo predomínio do comportamento exploratório sobre o comportamento de vinculação. Esta discrepância é de modo particular evidenciada nos episódios de reunião, em que o bebé opta por ignorar ou afastar-se da figura de vinculação, não se diferenciando o seu comportamento relativamente à figura de vinculação daquele que manifesta ante a figura estranha (podendo, inclusive, verificar-se um menor evitamento face a esta última). Todavia, ao invés do que sucede no padrão C, o bebé não revela tendência para resistir de modo activo ao contacto físico com a figura de vinculação, não protestando também com a saída desta. No que se refere à comunicação de sentimentos entre o bebé e a figura de vinculação, verifica-se que a mesma é directa somente na expressão de afecto positivo, tendendo as emoções negativas a ser direccionadas aos objectos num processo de desactivação do sistema de vinculação (Ainsworth, *et al.*, 1978).

Não obstante estes três padrões sejam distintos entre si, particularmente no que respeita ao balanceamento entre os comportamentos de vinculação e exploração e, assim, na qualidade da relação e no processo comunicacional de cariz emocional, os mesmos poderão considerar-se estratégias organizadas que, face ao *distress* suscitado pela separação, visam lidar com a perturbação.

Um outro grupo de bebés, cujos comportamentos não se vislumbraram consentâneos com os presentes nos padrões A, B e C descritos pela equipa de Ainsworth, foi identificado por Main e Solomon (1986), ao analisarem os casos tidos como “não classificáveis” por Ainsworth e cols. O comportamento destes bebés, maioritariamente provenientes de amostras clínicas e de risco, é descrito por Main e Solomon como tendo por denominador comum o fracasso das estratégias de vinculação. Este fracasso das estratégias de vinculação é

evidenciado pela apresentação de comportamentos bizarros (como comportamento estereotipado ou interrompido), movimentos assimétricos, posturas anómalas e manifestações de apreensão extrema face à figura de vinculação. Main e Solomon advogam que a inexistência de um objectivo claro ou de uma justificação para os comportamentos manifestados revela a ausência de uma estratégia coerente para lidar com a activação do sistema de vinculação, registando-se um “colapso da estratégia”. Emerge, deste modo, uma nova categoria – sublinhe-se que não se trata de um padrão, dado que a este conceito subjaz o imperativo de organização comportamental - que Main e Solomon designaram por Desorganizado (D). Em oposição ao observado nos bebés das categorias B, A e C, este novo grupo de bebés pauta-se pela manifestação de medo relativamente à figura de vinculação (Main & Hesse, 1990a; 1990b), naquilo que Tomkins (1991) refere ser uma interferência no desenvolvimento de uma estratégia de vinculação consistente.

Em síntese, como corolário do legado metodológico de Ainsworth⁴, o conceito de base segura assume-se como a pedra angular da teoria da vinculação e, de modo particular, do seu trabalho. É significativa a dedicatória de Bowlby a Ainsworth no seu livro *A Secure Base* (Bowlby, 1988), referindo-se-lhe como tendo introduzido o conceito que o seu livro adoptava como nome. A noção de base segura evidencia-se empiricamente de modo mais relevante nos episódios de reunião da *Situação Estranha*, constituindo-se, conforme referimos, como os momentos críticos da interacção, quando a figura de vinculação está disponível para proporcionar segurança e conforto, e não na sua ausência ou inacessibilidade. O foco é, assim, colocado na análise da interacção, na (não) sintonia e harmonia entre a capacidade da criança em sinalizar e obter segurança quando necessita, e o modo como a figura de vinculação é capaz de, nesses momentos, proporcionar a segurança que consubstancie a possibilidade de o bebé se reorientar activamente para a exploração (Soares, 2002). Neste sentido

⁴ O legado de Ainsworth é, nas palavras de Sroufe (2007; comunicação pessoal) “ainda para nós absolutamente incalculável”, sendo de tal representativo o título do artigo de Grossmann e Grossmann (1999): *Mary Ainsworth, our guide to attachment research*.

se compreende que a activação do sistema exploratório se efective quando a situação é percebida pelo próprio como não ameaçadora e a proximidade com a figura de vinculação está assegurada, sendo nestas situações o comportamento de vinculação entendido como *comportamento de base segura*. O sentimento de segurança decorre precisamente desta interacção, num processo recíproco de regulação, num círculo recursivo espiralóide (Morin, 1973) entre a segurança auferida e a exploração efectuada.

Enfatizando o contexto transaccional da vinculação⁵, Ainsworth e cols. avaliaram igualmente o comportamento materno em termos da disponibilidade, responsividade e prestação de cuidados ante os sinais emocionais e comportamentais manifestados pelos bebés, verificando que as diferenças individuais na qualidade da vinculação na *Situação Estranha* se encontravam intimamente associadas ao comportamento materno no decurso da interacção (Ainsworth *et al.*, 1978). Concluíram, assim, que as crianças avaliadas como seguras na *Situação Estranha* tinham mães que, ao longo dos 12 meses de observação, se tinham revelado mais atentas aos sinais emocionais dos bebés (i.e., haviam manifestado maior sensibilidade), sendo-lhes regularmente responsivas e eficazmente capazes de reduzir a sua perturbação, permitindo ao bebé regressar à exploração do meio (i.e., brincar) após confortadas por elas. Os bebés classificados como inseguros tinham mães que revelavam maior dificuldade em perceber e interpretar adequadamente o *distress* evidenciado, não sendo capazes de providenciar uma resposta proporcional e suficientemente lesta para minimizar o desconforto do bebé. Especificamente, os bebés avaliados como inseguros-evitantes eram aqueles cujas mães eram tidas como mais rejeitantes e que activamente ignoravam as necessidades de vinculação do bebé, revelando-se também menos afectuosas no (e receptivas ao) contacto corporal. Finalmente, o comportamento observado nas mães de bebés com padrão

⁵ Importa, mais do que classificar indivíduos, compreender a organização da vinculação no contexto relacional diádico, ultrapassando o que Soares (2007) viria a designar por “efeito *Situação Estranha*”.

inseguro-ambivalente era pautado pela inconsistência e imprevisibilidade na prestação dos cuidados.

Ao assumir a figura de vinculação como co-protagonista da construção da segurança da vinculação, Ainsworth funda uma tradição empírica em torno do comportamento materno e sua associação com a qualidade da prestação de cuidados ao bebé e sua representação (e.g., Bailey, Waters, Pederson & Moran, 1999; George & Solomon 1996, 1999).

Não obstante o estudo de Baltimore sobre a avaliação das diferenças na qualidade da vinculação tenha incluído a mãe como figura de vinculação, investigações ulteriores debruçaram-se sobre a interacção entre o bebé e a figura paterna (e.g., Belsky, Gardugue & Herncir, 1983; Fox, Kimmerly & Schafer, 1991) e a educadora da creche (Goossens & Van IJzendoorn, 1990), revelando-se a classificação do bebé com ambos independente da classificação do bebé com a mãe na *Situação Estranha*, facto que sublinharia a especificidade relacional do desenvolvimento da vinculação, conforme o veiculado por Sroufe e Fleeson (1986). Estes resultados dão consistência à tese de a qualidade da vinculação ser específica à relação em análise, a que se associaria o desenvolvimento de modelos internos dinâmicos específicos.

Ao analisar os processos de estabilidade e/ou mudança⁶ dos padrões de vinculação, e examinando as trajectórias desenvolvimentais associadas e suas implicações do ponto de vista longitudinal, Ainsworth dá início a uma nova linha de investigação, de que são especialmente representativos os trabalhos (que se estendem desde a infância até à idade adulta) de Bielefeld e Regensburg com amostras de classe média, o *Minnesota Parent-Child Project* com uma amostra de risco, e o estudo longitudinal de *Stony Brook*. Por ora deter-nos-emos na apresentação dos principais resultados e suas implicações até à adolescência,

⁶ A perspectiva desenvolvimental que subjaz a estes processos, é elucidativamente ilustrada pelo título do primeiro capítulo do livro *The Development of the Person* (Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005a), *The Challenge*, enfatizando justamente o desafio inerente à compreensão da (des)continuidade inerente ao desenvolvimento.

remetendo para o ponto 3.3 do presente capítulo a reflexão sobre os mesmos, desta vez na idade adulta.

O estudo europeu de Bielefeld, do qual derivou o de Regensburg, mais abrangente e ambicioso⁷ (Grossmann & Grossmann, 1991; Grossmann, Grossmann & Kindler, 2005) tinha como objectivo inicial a análise de similitudes com o projecto de Baltimore, num esforço transcultural do estudo da vinculação (análogo ao realizado pela própria Ainsworth entre Uganda e Maryland). Este estudo envolveu indivíduos e seus pais, oriundos da classe média, num processo de avaliação multifacetado organizado em quatro etapas: os primeiros três anos de vida, o período escolar, a adolescência e o início da idade adulta. De modo global, os resultados destes estudos permitiram determinar que a sensibilidade e responsividade dos progenitores face à criança, avaliada aos 12 e 18 meses pelo procedimento Situação Estranha, estava associada a resultados diferenciais ao nível da capacidade da criança interagir com os seus pares ou de resolver conflitos no início do período escolar, denunciando melhores índices de adaptação social e aceitação e valorização pelos pares. Importa salientar que foram encontrados efeitos específicos da segurança da vinculação da criança ao pai e à mãe, no sentido de à segurança em relação ao pai associar-se a um comportamento tido como exploratório (e.g., ser capaz de tomar a iniciativa no relacionamento interpessoal), ao passo que à segurança em relação à mãe evidenciar-se um comportamento descrito como de porto seguro (*safe haven*). O recurso à avaliação da percepção dos professores relativamente ao comportamento social e regulação emocional permitiu verificar que as crianças seguras eram por estes informadores avaliadas como mais competentes do que as crianças que na Situação Estranha haviam sido consideradas inseguras-evitantes.

⁷ Grossmann, Grossmann e Kindler (2005) referem que o projecto de Regensburg visava complementar o trabalho de Bielefeld, e que é de algum modo iluminado pelo trabalho de Minnesota, mas desta vez examinando a presença de efeitos a longo prazo da interacção criança-pais numa amostra de baixo risco.

A não linearidade na organização da vinculação é explorada por Sroufe (1988) que considera a instabilidade contextual, que introduz alteração na prestação de cuidados parentais, se associa a descontinuidades no padrão de vinculação ao longo do desenvolvimento. Este investigador é mentor do projecto longitudinal de Minnesota, iniciado na década de 70 do século XX, em colaboração com Byron Egeland e Elizabeth Carlson, a que se juntaria W. Andrew Collins posteriormente. O *Minnesota Parent-Child Project* é o mais fecundo projecto longitudinal em curso sobre os processos de (des)continuidade da vinculação ao longo do ciclo de vida. A amostra deste estudo provém de famílias em risco das *Twin Cities*, de nível sócio-económico baixo e perfaz um total de 180 crianças e suas famílias. Dados sistematizados foram recolhidos nos primeiros quatro anos de vida destas crianças, durante o período do ensino básico e a cada dois ou três anos, até à actualidade, envolvendo avaliações em casa, no laboratório, na escola e em campos de férias e abarcando medidas de cariz social, cognitivo e comportamental.

Sroufe, Egeland, Carlson e Collins (2005a) apresentam como questões centrais da investigação a compreensão i) das condições que promovem (ou dificultam) o funcionamento competente ao longo do desenvolvimento, ii) do processo pelo qual indivíduos apresentam trajetórias desenvolvimentais não esperadas em função da (não) presença de condições de risco, e iii) do papel das experiências precoces no desenvolvimento subsequente.

No período pré-escolar, o funcionamento interpessoal das crianças relacionava-se com a sua história de vinculação, no sentido em que crianças avaliadas como seguras na Situação Estranha e cujas famílias eram mais disponíveis revelavam maior capacidade de interagir com os pares, à semelhança do que ocorreria no período escolar (Weinfeld, Ogawa & Sroufe, 1997), em que 13% da variância da competência interpessoal analisada nos campos de férias aos 9 anos era explicada pela segurança da vinculação aos 12 e 18 meses. Neste sentido, parece claro que a insegurança parecia coarctar os movimentos de exploração do mundo interpessoal, particularmente integrar na análise variáveis parentais como estimulação apropriada na interacção com os filhos aos 24 e 42 meses.

Por sua vez, a emergência de problemas de comportamento, comportamento disruptivo na infância e psicopatologia na adolescência parece associar-se ao colapso da estratégia das crianças avaliadas como desorganizadas (Carlson, 1998), conforme descrito por Main e Solomon. Carlson amplia o nosso conhecimento o desenvolvimento da psicopatologia à luz da teoria da vinculação, ao verificar que estas crianças tinham maior probabilidade de evidenciar sintomatologia dissociativa. Ainda nesta linha de investigação, foram encontradas associações entre o padrão de vinculação evitante e o comportamento anti-social na adolescência (Aguilar, Sroufe, Egeland & Carlson, 2000), particularmente se consideradas as condições contextuais e familiares, como monoparentalidade ou maternidade na adolescência sem suporte da família de origem.

De modo global, é encontrado suporte empírico para que às diferenças na organização precoce da vinculação estejam associadas disparidades no desenvolvimento ao longo da infância e da adolescência, nomeadamente no que respeita ao funcionamento interpessoal (e.g., Egeland & Erikson, 1987; Elicker, Englund & Sroufe, 1992), percepção de si - especificamente, bebés avaliados como seguros apresentam maior probabilidade de apresentarem uma auto-estima mais elevada e um auto-conceito mais positivo – e regulação emocional (Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005b). Assim, é lícito considerar que o enfoque longitudinal destes trabalhos evidencia o relevo das experiências de vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo, cuja apreciação na idade adulta muito deve ao contributo metodológico fornecido pela *Adult Attachment Interview*, conforme procuraremos demonstrar de seguida.

3. REPRESENTAÇÃO DA VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA

3.1. QUESTÕES TEÓRICAS: O PAPEL DOS MODELOS INTERNOS DINÂMICOS - *THE MOVE TO THE LEVEL OF REPRESENTATION*⁸

O desenvolvimento no terreno empírico da teoria da vinculação conhece nos anos 80 uma nova fase (Soares, 2002) deslocando-se o foco de avaliação para a idade adulta e movendo-o do domínio comportamental operacionalizado por Ainsworth e cols. para o domínio representacional (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Conforme defendem Crowell, Fraley e Shaver (1999), este movimento insere-se na conceptualização da teoria da vinculação como uma teoria desenvolvimental de ciclo de vida, compreensão também partilhada por Sroufe e cols. (2005a).

Esta incursão extensiva no domínio representacional da vinculação na idade adulta tem sido equacionada à luz dos Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*), definidos como construtos cognitivo-emocionais que se desenvolvem no decurso da relação da criança com as figuras de vinculação e organizam a experiência sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, as figuras de vinculação e as relações (Soares, 2000). Este enfoque é para Bretherton (2005) tido como coerente na trajectória teórica de Bowlby, ao considerar que a sua inclusão denotaria uma aproximação inequívoca da sua formação psicanalítica com o paradigma cognitivo. Assim, Bowlby não descarta o enfoque evolucionista que está inerente ao conceito, que efectivamente foi adoptado do zoólogo Young (1964) e por este de Craik (1943).

A relevância destes construtos na teoria Bowlbiniana é enfatizada por Grossmann (1999), que os considera como basilares na mesma, e por Waters e Waters (2006) que os apontam como construtos fulcrais em torno dos quais a teoria e investigação sobre a vinculação se tem desenvolvido, assentando a sua pertinência no facto de se constituírem, do ponto de vista teórico, como

⁸ Extraído do original Main, Kaplan e Cassidy (1985).

organizadores mentais da experiência, permitindo deste modo a compreensão dos efeitos longitudinais desta ao longo do desenvolvimento da pessoa.

Estas representações mentais conscientes e inconscientes (Bowlby, 1973), ao viabilizarem a percepção, organização e planeamento dos acontecimentos de cariz interpessoal, constituir-se-iam como uma classe específica de esquemas (West & Sheldon-Keller, 1994), se bem que deles distintos, já que imbuídos de uma dimensão eminentemente relacional, incluindo nesse sentido componentes de cariz afectivo, conforme enunciou Bowlby (1980).

Para Bowlby (1973), os modelos internos dinâmicos (MID) podem variar em função da simplicidade/complexificação, acompanhando o processo maturativo-desenvolvimental do indivíduo, no decurso do qual modelos mais sofisticados e integrativos substituem progressivamente versões anteriores de menor complexidade (Bretherton, 1985; Thompson, 1999). Esta assumpção dos modelos internos dinâmicos enquanto esquemas representacionais alvo de permanente complexificação, decorre desde logo da sua nomenclatura original. Efectivamente, a adopção do termo *working model* sublinha a dimensão dialéctica que Bowlby procurava imprimir e enfatizar na sua compreensão das representações mentais das experiências de vinculação. Deste modo, Bowlby veiculava em simultâneo a capacidade de (re)construção dos modelos internos dinâmicos ante novas experiências e/ou relações de vinculação (des)confirmatórias das anteriores.

Ao considerar que a criança, face à interacção continuada que estabelece com a figura de vinculação, desenvolve uma representação internalizada daquela, Bowlby (1980) evidencia a diversidade de expectativas e aprendizagens decorrentes, ao nível de valor pessoal e competência do *self*, da acessibilidade e responsividade da figura de vinculação e, globalmente, do mundo e das relações. Assim, interacções pautadas pela sensibilidade e responsividade da figura prestadora de cuidados relativamente às necessidades da criança, viabilizam uma representação do outro como disponível, do *self* enquanto competente na eliciação de cuidados e deles merecedor, bem como, de um modo mais amplo, do mundo como um contexto seguro. Ao invés, relações caracterizadas pela

indisponibilidade e não responsividade da figura de vinculação às necessidades da criança, potenciam o desenvolvimento da representação de um mundo não previsível, do *self* como incompetente e não merecedor de cuidados e afecto, e do outro como não confiável e distante.

Bowlby destaca a (não) distinção entre o papel desempenhado pela figura de vinculação e pelo *self*, considerando que, ao assentar na confiança numa figura de vinculação, dois aspectos estão indissociável e complementarmente presentes: por um lado, a avaliação da figura de vinculação como disponível e capaz de satisfazer as necessidades de protecção e conforto; por outro lado, a avaliação do *self* como alguém que tendo impacto sobre a figura de vinculação de modo particular e, globalmente, sobre o outro, deles obtém resposta de modo sustentado, às solicitações e necessidades do *self*⁹.

Este posicionamento suscita alguma controvérsia, tendo Main e cols. (1985) proposto que, na medida em que é a totalidade da relação que é interiorizada, o que se desenvolve efectivamente é um modelo interno dinâmico da relação de vinculação, como defendem posteriormente Sroufe e Fleeson (1986). Neste sentido se sustentariam as diferenças inter-individuais na organização da vinculação, em função de os diferentes modelos internos dinâmicos da vinculação, enquanto aspectos dinâmicos, estruturais e funcionais das representações da vinculação (Soares, 1996), orientarem comportamentos e sentimentos, bem como processos de cariz cognitivo (de que se salientam as dimensões mnésica e atencional) e narrativo-linguístico relativamente a quaisquer

⁹ *"In the working model of the world that anyone builds, a key feature is his notion of who his attachment figures are, where they may be found, and they may be expected to respond. Similarly, in the working model of the self that anyone builds, a key feature is his notion of how acceptable or unacceptable he himself is in the eyes of his attachment figures. (...) Confidence that an attachment figure is (...) likely to be responsive can be seen to turn on two variables: a) whether or not the attachment figure is judged to be the sort of person who in general responds to calls for support and protection; b) whether or not the self is judged to be the sort of person towards whom (...) the attachment figure is likely to respond in a helpful way". (Bowlby, 1973; pp. 203-204). Bowlby reitera ainda que o modelo interno da figura de vinculação e o modelo interno do *self* se desenvolvem de modo complementar e confirmando-se mutuamente.*

temáticas (ainda que indirectamente) associadas às relações de vinculação (Main *et al.*, 1985).

Os modelos internos dinâmicos são por Bowlby (1973, 1980) postulados como relativamente estáveis ao longo do tempo, pese embora a consideração de que se dirigiriam no sentido de uma crescente complexificação. Porque organizadores da experiência e decorrentes de arquétipos relacionais, torna-se expectável que os modelos internos dinâmicos tendam a subsistir, particularmente se as características relacionais subsistirem também. Especificamente, modelos internos dinâmicos em que o *self* é representado como incompetente e não merecedor de afecto e a figura de vinculação como indisponível, tendem a rigidificar ante situações de tal confirmatórias, suscitando por sua vez que outras situações relacionais sejam interpretadas à luz deste paradigma. Por seu turno, modelos internos dinâmicos em que a figura de vinculação é avaliada como próxima e responsiva e o *self* competente, caracterizam-se pela sua flexibilidade e capacidade de incorporação de novas experiências de vinculação. No fundo, e porque os modelos internos dinâmicos se constituem como mediadores na compreensão e construção das relações interpessoais, emerge a dimensão complementar e reciprocamente confirmatória entre os modelos internos dinâmicos da figura de vinculação e do *self*. Da dialéctica inerente à conceptualização apresentada se compreende o posicionamento teórico de Bowlby ao defender que os modelos internos dinâmicos passariam a operar de modo relativamente automático, validando então a tendência para a sua estabilidade (Bowlby, 1980)¹⁰.

Aportando esta consideração conceptual, conforme referido, uma perspectiva de ciclo de vida ao sistema de vinculação (Sroufe, 2005), cremos que a dialéctica exposta se constitui como uma grelha de leitura da mudança, desenvolvimento e revisão dos modelos internos dinâmicos e da sua continuada influência no seio de relações sociais ulteriores (e.g., Belsky, 1988; Sroufe, Carlson, Levy & Egeland, 1999)¹¹. Pelo facto de as relações do indivíduo não se estabelecerem num vácuo,

¹⁰ Cf. Bretherton (2005).

¹¹ Um importante suporte empírico a esta asserção tem sido oferecido por diversos estudos, particularmente de cariz longitudinal, a que nos referiremos no Capítulo II (e.g., Kohnen & John,

conforme veiculam Sroufe e Fleeson (1986), e não invalidando a sua estabilidade e continuidade, da dimensão dinâmica que já dos primeiros escritos de Bowlby (1973) emergia relativamente a estes construtos se infere a possibilidade da sua (re)elaboração, e adaptação às (novas) condicionantes do contexto (também) relacional em que o indivíduo se insere (Hazan & Shaver, 1987; Shaver & Mikulincer, 2002). Pela mesma, o indivíduo não se cinge às expectativas criadas relativamente à responsividade comportamental das figuras de vinculação, mas, ao invés, desenvolve-se em direcção a formas crescentes de complexificação e sofisticação de organização da experiência e orientação da acção (Zimmermann, 1999). Para tal complexificação contribuem a maturação bio-cognitivo-emocional (e.g., Crittenden, 1997), o estabelecimento de outras relações íntimas tidas como relações de vinculação (e.g., Baldwin & Fehr, 1985; Bretherton & Munholland, 1999; Crowell & Treboux, 2001), e situações disruptivas da anterior adequada prestação de cuidados (e.g., Vaughn, Egeland, Sroufe & Waters, 1979).

Crê-se, aliás, que o processo adaptativo de (re)elaboração dos modelos internos dinâmicos tenderá a ser mais provável (e necessário) à medida que o indivíduo for sendo confrontado com tarefas específicas inerentes ao seu percurso desenvolvimental. Concretamente, centrando-nos no que ocorre na transição para idade adulta, é expectável que o jovem experiencie um afastamento da família nuclear, decorrente da sua inserção no ensino superior e/ou do encetar da sua actividade profissional (Cavanhaug & Blanchard-Fields, 2005). Em acréscimo, o normativo estabelecimento e desenvolvimento de relações íntimas de cariz amoroso e de amizade, exige, de acordo com Sroufe, Egeland, Carlson e Collins (2005b) a capacidade de coordenação das relações interpessoais e/com as tarefas laborais, de gestão financeira e societárias, num balanceamento entre a construção da autonomia, por um lado, e da intimidade, por outro. Estas tarefas desenvolvimentais são para Levinson (1978, 1980) e Erikson (1968) cruciais neste período, propondo o último autor como necessárias para a adequada efectivação da intimidade a capacidade de compromisso, de manutenção da individualidade e de partilha com o outro.

1998; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000; Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001; Grossmann, Grossmann, Winter, & Zimmermann, 2002).

Estes movimentos de preservação e partilha do *self* (Cassidy, 2001) requeridos ao indivíduo a partir da sua adolescência, fruto também da expansão da sua rede relacional, exigem flexibilidade e maleabilidade dos modelos internos dinâmicos no sentido em que tal se constitui como um coadjuvante do processo de adaptação. Efectivamente, conforme explicitado, o âmago dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth é a noção de que da interacção precoce com a figura de vinculação, e em função da sensibilidade e responsividade desta, a criança vai desenvolvendo conhecimento, crenças e expectativas que lhe permitirão explorar o mundo (e, em última instância, explorar-se no mundo), de modo seguro, ao longo do seu desenvolvimento, inclusive na idade adulta (Ainsworth, 1991). Desta forma se torna lícito considerar os modelos internos dinâmicos enquanto metáforas conceptuais basilares para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo ao longo do seu ciclo de vida.

Main e cols. (1985) incorporam no seu trabalho a relevância dos modelos internos dinâmicos, debruçando-se também sobre a organização estrutural que os mesmos assumem. Para Main e cols. (1985), os modelos internos dinâmicos encontram-se organizados de acordo com uma estrutura hierárquica, pela qual modelos gerais organizariam as relações de vinculação de modo lato, enquadrando-se em níveis inferiores modelos representacionais que compreenderiam a organização de relações específicas. Deste modo, para Main (1991), a informação de diferentes níveis não teria necessariamente de ser concordante entre si, conforme havia já Bowlby ponderado (1980).

Naquela que em nosso entender pode ser considerada como uma expansão da proposta hierárquica, Collins e Read (1994) advogam que os modelos internos dinâmicos se estruturariam em formato de rede, também ela hierarquicamente organizada. Assim, modelos representacionais mais abrangentes do *self* e dos outros (derivados dos padrões interaccionais com as figuras de vinculação) enquadrar-se-iam num patamar superior relativamente a modelos relativos a tipos de relações (como de amizade ou amorosas), que se posicionariam num nível

intermédio entre aqueles e os referentes a relações específicas (relação com o companheiro actual).

Num trabalho sobre o qual adiante nos debruçaremos (*vide* Capítulo II), Simpson, Rholes, Orina e Grich (2002) apresentam suporte empírico para a multidimensionalidade das representações de vinculação na idade adulta, ao verificarem que a representação da vinculação com as figuras precoces se correlacionam apenas moderadamente com as relativas aos companheiros com quem estabelecem relações íntimas de cariz amoroso. Num estudo anterior de Cozzarelli, Hoekstra e Bylsma (2000), o modelo geral de representação da vinculação parecia prever mais o funcionamento adaptativo do indivíduo, por avaliação de largo espectro, ao passo que modelos específicos de representação prediziam mais fortemente aspectos ligados à relação com o companheiro, como sejam sentimentos de amor e satisfação com o relacionamento. Com o intuito de avaliar o modo como as múltiplas representações se estruturam, Overall, Fletcher e Friesen (2003) testaram a adequabilidade de três estruturas distintas de organização das representações de vinculação: a unitária, que sintetiza num único modelo as relações de vinculação transversalmente aos seus contextos e figuras; a tripartida, que propõe modelos independentes para tipos de relações (especificamente, família, relações íntimas platónicas e relações íntimas amorosas); e a hierárquica, conforme apresentada por Collins e Read (1994). Os autores encontraram evidência para a adopção da última proposta, que se revela estatisticamente a mais ajustada, independentemente da análise, do tipo de relação e do sexo.

Para Klohnen, Wheeler, Luo e Choe (2005) estas investigações evidenciam o cariz multidimensional dos modelos internos dinâmicos (de que, aliás, o seu próprio estudo é reflexo), o que se apresenta como uma interessante matriz de leitura das relações de vinculação na idade adulta, ao viabilizar a coexistência de níveis de complexidade distintos.

Ao remeter para o domínio diádico e explicitamente transaccional a (re)elaboração continuada dos modelos internos dinâmicos, Bowlby (1969/1982) deixa patente as componentes cognitiva e emocional que lhes subjazem. Neste

sentido, os modelos internos dinâmicos estariam imbuídos de memórias das experiências de vinculação, de crenças sobre o próprio, os outros e as relações, de expectativas face ao comportamento das figura de vinculação, mas também de afecto, que seria aliás o elemento gerador da conexão dos elementos anteriores. Efectivamente, é a natureza emocional associada às experiências de vinculação ao longo do desenvolvimento que viabiliza a revisão dos modelos internos dinâmicos.

É bastante atraente a leitura de Dozier, Manni e Lindhiem (2005) ao metaforizarem, na sequência da perspetivação dos modelos internos dinâmicos como “*conceptual metaphors*” (Bretherton, 1985, p.29), os modelos internos dinâmicos como mapas de estrada que representam (in)fiel, (in)consistente e/ou (in)flexivelmente o trajecto (no caso dos modelos internos dinâmicos, relacional) e assim salientam a equivalente adequabilidade e funcionalidade que (não) oferecem. Esta conceptualização dos modelos internos dinâmicos como metáforas conceptuais é de algum modo consentânea com as questões levantadas por Waters, Crowell, Elliot, Corcoran e Treboux (2002), preconizando que a definição destes construtos é mais especulativa do que formal¹².

Parece-nos crucial sublinhar que, independentemente das questões suscitadas e dos hiatos a suprir, é inequívoca a relevância dos modelos internos dinâmicos enquanto construtos latos capazes de organizar a informação, gerar expectativas e orientar a acção do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, conforme evidenciam as palavras de Waters e Waters (2006; p. 193):

“The working models concept has played an important role in attachment theory and research and it will continue to do so. Having moved productively to the level of representation, it is now useful for theory and research to move to the level of greater specificity in assessing attachment representations”

¹² Recorde-se o comentário de Shaver e Mikulincer (2002, p.244) a propósito da afirmação de Waters e cols. (2002) de que o conceito de modelos internos dinâmicos é ainda um *work in progress*: “*attachment researchers still have only vague ideas about these models*”.

Tendo-nos debruçado sobre o construto dos Modelos Internos Dinâmicos e procurado realçar a sua relevância na compreensão da representação da vinculação ao longo do desenvolvimento, o ponto seguinte incide na representação da vinculação na idade adulta, e do seu estudo por intermédio da *Adult Attachment Interview*.

3.2. QUESTÕES EMPÍRICAS: AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA VINCULAÇÃO ATRAVÉS DA *ADULT ATTACHMENT INTERVIEW* - *AAI*

A partir do enquadramento conceptual exposto acerca dos modelos internos dinâmicos, George, Kaplan e Main (1985) elaboram a *Adult Attachment Interview* – *AAI*, uma entrevista semi-estruturada de cariz biográfico e de tipo clínico, que se centra nas relações de vinculação dos indivíduos na infância e no significado que a elas atribuem no momento presente. A *AAI* destina-se à activação do sistema de vinculação (de forma similar ao realizado pela *Situação Estranha* com crianças), permitindo examinar, por um lado, o modo como o sujeito se confronta com a temática da vinculação e, por outro, analisar o modo como integra as suas memórias específicas no cômputo mais geral das relações de vinculação. Avalia, pois, a representação actual do sujeito relativamente à vinculação (*current state of mental organization with respect to attachment*) (Main *et al.*, 1985; Main, Hesse & Kaplan, 2005). Neste sentido, o modo como o sujeito acede e organiza o conhecimento relativo ao *self*, às figuras de vinculação e à relação que com ela estabelece reflecte-se na organização do pensamento e da linguagem sobre a vinculação no decurso da entrevista, cuja análise incide sob dois vectores: o vector semântico e o vector episódico, salientando-se a sua articulação e balanceamento (a este propósito, *cf.* Tulving, 1972).

A *AAI* possibilita o estudo da vinculação ao longo do ciclo da vida, respondendo ao legado conceptual de Bowlby de que as experiências precoces influenciam o desenvolvimento da personalidade (e.g. Bretherton, 1985; Fonagy,

Target, Gergely, 2000; Liotti, 2000; Patterson & Moran, 1988; Shaver & Brennan, 1992) e o estabelecimento de relações posteriores, nomeadamente a transição para a parentalidade, a relação amorosa ou a relação psicoterapêutica (e.g. Cicchetti, Toth & Lynch, 1995; Simpson & Rholes, 1997; Sperling & Bermann, 1994; West & Sheldon-Keller, 1994), ainda que tal não ocorra de modo linear. A este propósito, atribuímos particular destaque às palavras de Waters e Waters (2006), considerando a AAI como o veículo empírico pelo qual se torna viável avaliar a hipótese de Bowlby de que as relações de vinculação na infância se constituem como prototípicas das experienciadas na idade adulta.

A AAI, ao solicitar ao indivíduo a integração compreensiva de eventos da sua infância assumidos como críticos do ponto de vista da vinculação (especificamente as experiências de perda, de separação, de rejeição e de trauma), apela de modo transversal a um balanceamento entre memória semântica e memória episódica. A este propósito Hesse (1996) salienta que a principal tarefa do sujeito na AAI consiste na evocação de episódios sobre a vinculação e reflexão sobre os mesmos, devendo manter, concomitantemente, um discurso coerente¹³.

O processo de cotação da AAI envolve a avaliação de três eixos: o relato e descrição das experiências de infância, a linguagem utilizada pelo indivíduo e a sua capacidade em fornecer um relato coerente, crível e organizado das experiências e do seu significado (Crowell & Treboux, 1995). Vários são os sistemas de cotação da entrevista desenvolvidos, a salientar: o sistema original proposto por Main & Goldwin (1984/1998), o sistema de classificação de Regensburg (Grossmann, Fremmer-Bombik, Rudolph & Grossmann, 1988) e o procedimento *Attachment Q-Sort* (Kobak, 1993).

Pela sua relevância histórico-conceptual e metodológica, centremo-nos no primeiro destes sistemas, o de Main e Goldwin (1984, 1998), desenvolvido no

¹³ O protocolo da AAI será apresentado em detalhe no Capítulo 3, aquando da apresentação do Método.

âmbito do estudo longitudinal de Berkeley. De acordo com este método, a classificação da AAI exige a leitura da transcrição integral da entrevista e contempla escalas que avaliam a experiência provável do sujeito com a figura de vinculação, bem como escalas dirigidas à avaliação da representação actual da vinculação, enfatizando-se a organização do discurso. Nas escalas dirigidas à avaliação daquela que terá sido a experiência provável do sujeito com a figura de vinculação incluem-se as escalas de “Afecto”, “Rejeição”, “Incentivo à Realização”, “Negligência” e “Inversão de Papel”, ao passo que as escalas de “Coerência”, “Idealização”, “Irritação com os Pais”, “Insistência na Incapacidade de se recordar da infância” e “Luto não resolvido” integram-se nas escalas dirigidas à avaliação da organização do discurso. A cotação da AAI de acordo com este método exige a apreciação das suas propriedades discursivas, de acordo com as máximas propostas por Grice (1975, 1989 *cit.* Hesse, 1999) para o discurso cooperativo e racional (*cf.* Haberland & Mey, 2002)¹⁴. Estas máximas discursivas compreendem a da qualidade (dizer a verdade e fornecer suporte episódico credível ao que é relatado), da quantidade (ser sucinto mas completo), da relação (apresentar informação relevante para o tópico em discussão) e da forma (ser claro e expressar ordem).

De modo análogo ao que ocorria do ponto de vista comportamental na classificação da vinculação dos bebés por intermédio da *Situação Estranha*, na AAI podem ser distinguidas três categorias centrais de classificação, desta feita derivadas da análise e avaliação da coerência discursiva. Assim, desenvolvem-se as classificações Seguro/Autónomo, Inseguro/Desligado (correspondente à classificação Ansioso-Evitante) e Inseguro/Preocupado (correspondente à classificação Ansioso-Resistente/Ambivalente), que descreveremos detalhadamente uma vez apresentados os diferentes métodos de cotação da entrevista. De facto, Main e cols. (1985) colocam em evidência o papel da coerência, no que se refere à capacidade de integrar a informação relacionada

¹⁴ Beijersbergen, Bakermans-Kranenburg e van IJzendoorn (2006), enfatizando a coerência das entrevistas como o aspecto central subjacente à avaliação da vinculação do ponto de vista representacional, questionam a pertinência de quatro máximas, referindo a proposta dual de Horn (1989) de *quantidade* e *relevância*.

com a vinculação, como o mais significativo indicador de segurança da vinculação na idade adulta.

A classificação **Segura/Autónoma** descreve indivíduos que são capazes de descrever experiências diversas na infância, independentemente do seu conteúdo favorável ou desfavorável, valorizam as relações de vinculação, considerando, numa análise objectiva, que as mesmas têm impacto no seu desenvolvimento. As narrativas destes sujeitos caracterizam-se pela coerência, sendo as suas apreciações sobre a relação com a figura de vinculação ilustradas e sustentadas com episódios convincentes e não contraditas no decurso da entrevista. O seu discurso revela flexibilidade e abertura para reflectir sobre a vinculação e para enquadrar a sua percepção num dado contexto relacional, não negando ou menosprezando as experiências negativas, mas aceitando-as e integrando-as cognitivamente e afectivamente no seu desenvolvimento. Os sujeitos com esta classificação respondem então à entrevista com um grau de elaboração adequado, respeitando de modo global as máximas discursivas de Grice. Do ponto de vista da história pessoal, estes indivíduos referem-se às figuras de vinculação como estando acessíveis em situações de perturbação, não sendo, porém, linear ou unívoca a sua trajectória desenvolvimental. Na verdade, Main e cols. (1985) referem um subgrupo na categoria dos indivíduos Seguros caracterizado por experiências de vinculação globalmente adversas, mas capaz de ante elas se posicionar, reflectir e integrá-las de modo coerente, designado por *Earned Secure*.

Em contraste, a classificação Insegura reporta-se a indivíduos que consistentemente se apresentam como incapazes de integrar as memórias episódicas que relatam com o significado que às suas experiências atribuem, evidenciando características diferenciadas em função de a classificação ser Insegura/Desligada ou Insegura/Preocupada.

Especificamente, indivíduos classificados como **Inseguros/Desligados** são caracterizados por recorrerem a uma estratégia de desactivação do sistema de vinculação (Bowlby, 1980). Estes indivíduos são comumente incapazes de recordar episódios que ilustrem as apreciações globais que fazem, caracterizadas frequentemente pela idealização das figuras de vinculação e/ou da relação

estabelecida com elas. Estas entrevistas apresentam-se como inconsistentes, apresentando informação que é contradita ou não sustentada no decurso da entrevista, colocando reservas quanto à credibilidade do relato. As suas respostas são extremamente fugazes ou tangenciais ao tópico em foco, numa clara transgressão à máxima da quantidade. Apesar de diferenças idiossincráticas no discurso, Main e Goldwin (1984) identificam como denominador comum a estes sujeitos, a representação de independência, invulnerabilidade e normalidade, conforme havia sublinhado Bowlby (1980), ao referir-se aos meios cognitivos de exclusão de informação relevante sobre a vinculação¹⁵. Deste modo, a natureza emocional associada às experiências de vinculação e considerada crítica para a revisão dos modelos internos dinâmicos, é minimizada pelos indivíduos classificados como desligados, num processo activo de desvalorização da importância das relações de vinculação.

A classificação **Insegura/Preocupada** descreve adultos que apresentam confusão, preocupação e grande activação relativamente às experiências de vinculação. As suas entrevistas são usualmente confusas, não-objectivas e tendencialmente extensas, reflexo da sua comum incapacidade em manterem-se focados num dado tópico. Este emaranhamento discursivo, expresso pela irritação, parece ser paralelo ao emaranhamento relacional estabelecido com as figuras de vinculação precoces, inviabilizando a tomada de perspectiva crítica ou a autoavaliação e comprometendo desenvolvimento identitário. A título ilustrativo, as suas relações actuais com os pais podem ser pautadas pela raiva ou passividade, podendo a activação emocional que evidenciam manifestar-se num discurso confuso, gramaticalmente inconsistente, em que as experiências passadas são relatadas como se estivessem a ocorrer no presente, num reflexo da dificuldade em posicionar-se objectivamente e reflectir sobre as relações de vinculação e, nelas, sobre o papel do *self*. Assim, e conforme explicita Belsky (2005), os indivíduos Preocupados permanecem como que presos às suas experiências de vinculação na infância ou ao relacionamento que actualmente

¹⁵ Bowlby havia referido o desenvolvimento de uma inconsistente e insustentada independência e confiança no *self* (*self-reliance*), num processo de minimização das relações de vinculação e da sua importância, a que se associava, nas situações de perda (por morte), a ausência de manifestação de dor.

estabelecem com os progenitores. O discurso pode apresentar-se como vago, particularmente se referente a experiências negativas, ou excessivamente detalhado, violando as máximas da quantidade, forma e relevância de Grice.

À Insegurança da vinculação na *AAI* está habitualmente associado o relato de experiências adversas do ponto de vista da vinculação, não sendo no entanto os sujeitos capazes de reflectir sobre a sua influência no desenvolvimento pessoal, nem tão pouco de integrar esta informação de modo coerente. Esta dificuldade encontra-se evidenciada de modo particular na dissonância presente entre as descrições episódicas e a organização semântica em torno da figura de vinculação, ou pela incapacidade de se focarem no tópico da entrevista ou por oscilarem sucessivamente entre um posicionamento positivo e negativo face às experiências ou figuras de vinculação.

Na sua globalidade, as três classificações aqui consideradas (Seguro, Inseguro/Preocupado, Inseguro/Desligado), ainda que pressupondo qualidades discursivas e de organização mental distintas face à vinculação, são consideradas como descrevendo classificações organizadas. Concomitantemente, porém, pode ser atribuído o estatuto **não-resolvido/desorganizado**, quando os indivíduos apresentem lapsos na monitorização do raciocínio ou do discurso relativamente a experiências perturbadoras de perda ou abuso (Main & Hesse, 1990). Numa análise transgeracional, esta classificação tem sido apontada como preditora da categorização do comportamento das crianças na situação estranha como “desorientado/desorganizado” (e.g. Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005a).

Finalmente, entrevistas que não cumprem os critérios de classificação de acordo com o sistema de cotação de Main e Goldwyn (1998), obtêm a designação de **CC** (“cannot classify”) (Hesse, 1996). Esta classificação ocorre quando na *AAI* está patente uma combinação de padrões linguísticos contraditórios e incompatíveis, sendo uma classificação frequentemente associada a histórias de perturbação psiquiátrica, violência marital e criminal, bem como de abuso sexual (Hesse, 1999).

Reportando-nos ao segundo sistema de cotação supracitado, o desenvolvimento do método de classificação de Regensburg para a análise da

AAI (Fremmer-Bombik, Rudolph, Veit, Schwarz & Schwarzmeier, 1989) operou-se no âmbito do estudo longitudinal de Regensburg e Bielefeld e orientou-se por procedimentos de tipo indutivo, tendo por base um conjunto de protocolos de entrevistas. Com o intuito de identificar dimensões qualitativas, posteriormente operacionalizadas quantitativamente, este sistema de cotação da AAI permite a classificação da entrevista de acordo com a qualidade da representação da vinculação (segura ou insegura) e de acordo com padrões de representação (positivo, reflectido, incoerente e repressivo), por intermédio de quatro parâmetros de avaliação, aglutinadores de critérios específicos: figura de vinculação, conteúdos relevantes (histórias), reflexões (envolvimento) e estratégias defensivas.

O terceiro sistema de cotação e classificação da AAI, o *Attachment Q-Sort* desenvolvido por Roger Kobak sublinha a relação entre a organização de vinculação e a regulação do afecto, ao atentar ao recurso a estratégias emocionais minimizadoras *versus* estratégias emocionais maximizadoras. O procedimento de classificação segundo este método compreende a cotação da entrevista de modo independente por dois juízes, que recorrem a 100 descritores que deverão distribuir de modo forçado em 9 categorias (que oscilam entre “Descreve Pior” e “Descreve Melhor”), em função da sua capacidade descritiva da entrevista em causa. Da distribuição dos descritores pelas diferentes categorias extraem-se correlações com os protótipos dos padrões Seguro, Desligado ou Preocupado, caracterizados por Main e cols. (1985), sendo a entrevista considerada como não-classificável quando as cotações não se correlacionam com nenhum dos protótipos. Este método permite, em acréscimo, a avaliação de mega-itens relacionados com a vinculação. O sistema de cotação proposto por Kobak será detalhado posteriormente, aquando da apresentação do Método (cf. Capítulo III)

Uma síntese de cada um dos sistemas de cotação da AAI, designadamente do método e parâmetros de avaliação e categorias de classificação final, pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1. Sistemas de cotação da AAI

Sistemas de Cotação	Método de Avaliação	Parâmetros de Avaliação	Categorias de Classificação
Main & Goldwin	Classificação dos sujeitos a partir de um conjunto de escalas que avaliam: Experiência do sujeito com a figura de vinculação; Organização discursiva.	Afecto; Rejeição; Incentivo à Realização; Negligência; Inversão de Papel; Coerência; Idealização; Irritação com os Pais; Insistência na Incapacidade de se recordar da infância; Luto não resolvido.	Seguro / Autónomo Inseguro / Desligado Inseguro / Preocupado
Regensburg	Procedimento indutivo que identifica dimensões que permitem classificar a entrevista em termos da qualidade da representação da vinculação: Segura vs Insegura	Figuras de Vinculação; Conteúdos relevantes; Reflexões; Estratégias Defensivas.	Seguro-Positivo Seguro-Reflectido Inseguro-Incoerente Inseguro-Repressivo
Attachment Q-Sort	Avaliação da relação entre a organização de vinculação e regulação do afecto: Estratégias de segurança vs insegurança; Estratégia de desactivação vs hiperactivação.	Cotação por dois juízes independentes; 100 descritores distribuídos por 9 categorias, num número pré-estabelecido de descritores por categoria, em função da sua capacidade descritiva da entrevista em questão.	Da distribuição dos descritores pelas diferentes categorias extraem-se correlações com os protótipos dos padrões: Seguro Desligado Preocupado

Explanados os sistemas de classificação da AAI, e caracterizadas as classificações deles derivadas, são de seguida apresentados os principais resultados da investigação com recurso a esta entrevista, dando-se particular ênfase a estudos de cariz longitudinal, aos debruçados sobre a hipótese da transmissão intergeracional da vinculação, e aos elaborados em torno de aspectos desenvolvimentais de cariz cognitivo e sócio-emocional.

3.3. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO COM A *ADULT ATTACHMENT INTERVIEW*

Estudos em torno da avaliação das características psicométricas da *AAI* têm revelado que esta entrevista apresenta excelentes valores relativos à fidelidade de resultados (e.g. Bakermans-Kranenburg & van IJzendoorn, 1993; Steele & Steele, 1994; Crowell, Treboux & Waters, 2002), validade de construto e discriminante (e.g. van IJzendoorn, 1995; Crowell & Treboux, 1995; Crowell, Fraley and Shaver, 1999) e validade preditiva (van IJzendoorn, 1995). Ao nível da análise da validade de construto, Bakermans-Kranenburg e van IJzendoorn (1993) verificaram que a classificação da *AAI* não se encontra relacionada com medidas de QI, nem é influenciada por desejabilidade social, algo que Crowell, e cols. viriam a confirmar posteriormente (1995) num estudo com 54 mães de crianças em período pré-escolar.

Uma meta-análise sobre a distribuição das principais categorias da vinculação realizada por van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996) a partir de estudos de amostras não-clínicas, sugere que a categoria segura/autónoma é a mais representada (58%), à qual se segue a categoria desligada (24%) e, finalmente, a preocupada (18%), não se verificando diferenças de género nesta distribuição.

O desenvolvimento e crescente estabelecimento da *AAI* imprimiu robustez metodológica ao estudo da premissa que Bowlby (1969, p. 208) apresentou de que a vinculação acompanha o sujeito “*from the cradle to the grave*”, ou seja, a sua dimensão inequivocamente desenvolvimental, viabilizando igualmente estudos sobre a transgeracionalidade da vinculação (Benoit & Parker, 1994), ou do seu papel no desenvolvimento do indivíduo e da qualidade das relações íntimas na adolescência e idade adulta, sejam relações de amizade ou amorosas (Faria, *et al.*, 2007; Feeney, 1999; Fisher & Crandell, 2001).

A apresentação da perspectiva desenvolvimental da vinculação exige, na idade adulta, a apreciação dos estudos de cariz longitudinal, que incidem sobre os processos de (des)continuidade da organização de vinculação e adaptação ao

contexto. Neste âmbito, salientam-se os trabalhos de Minnesota, Bielefeld e Regensburg (já explorados na secção empírica da avaliação da vinculação na infância), bem como o *Stony Brook Adult Relationship Project*.

No estudo de Minnesota, procedeu-se à avaliação global do ajustamento dos participantes no início da idade adulta (19 anos), atendendo a aspectos tão diversificados quanto envolvimento laboral, educacional e suporte social a nível familiar, de amizade ou amoroso. Os resultados apontam para relações significativas entre a segurança da vinculação avaliada pela SE aos 12 e 18 meses e ajustamento no início da idade adulta, com especial relevância se consideradas no modelo de predição as medidas de competência interpessoal em idade pré-escolar e escolar, e o suporte familiar durante este período (Sroufe, *et al*, 2005b).

Ao nível específico da vinculação, apesar de não terem sido encontradas relações entre as avaliações da SE e da AAI aos 19 anos, com excepção da desorganização da vinculação, associada a abuso sexual na infância, verificou-se que a segurança da vinculação avaliada aos 18 meses predizia a segurança da AAI aos 26 (Sampson, 2004). Sroufe e cols. (2005a) apresentam como possibilidades para compreender estes resultados as características de risco da amostra, bem como o facto de a tarefa reflexiva que é exigida durante a realização da AAI ser demasiado exigente para os indivíduos no início da idade adulta. Ainda que apenas se tenham encontrado relações moderadas ($\chi^2=12.95$; $p=.012$) entre a SE aos 18 meses e a AAI aos 26, elas são inteiramente devidas à segurança, isto é, indivíduos avaliados na infância como seguros apresentavam maior probabilidade de o serem também na idade adulta (53%) do que indivíduos tidos como inseguros na SE (35%).

O contributo de Sampson (2004) no estudo da continuidade da vinculação envolveu ainda a análise entre as avaliações da representação da vinculação pela AAI aos 19 e 26 anos. A autora encontrou moderada estabilidade nos padrões de vinculação entre estes dois momentos de avaliação, em simultâneo a elevada mutabilidade que, como veremos no Capítulo II, se compreendia quando consideradas variáveis contextuais e relacionais, especificamente o

estabelecimento de uma relação íntima tida como securizante. Assim, estamos de acordo com Sroufe e cols. (2005b) quando referem que a representação da vinculação avaliada pela AAI, enquanto medida dos modelos internos dinâmicos, contempla um carácter cumulativo da(s) experiência(s) exigindo, pela complexidade associada, a inclusão da história relacional do sujeito ao longo do seu ciclo de vida para a compreensão do processo desenvolvimental (não) normativo.

Na Alemanha, é encontrada evidência para a continuidade dos padrões de vinculação, sendo a segurança da AAI aos 22 anos predita pela sensibilidade e suporte materno durante a infância, e estando correlacionada com o suporte paterno ao longo dos três primeiros anos de vida (Grossmann, Grossmann & Hindler, 2005).

Um outro significativo projecto longitudinal é o desenvolvido em *Stony Brook* e encabeçado por Everett Waters e Judith Crowell. O trabalho destes investigadores contempla a avaliação da estabilidade e mudança dos padrões de vinculação i) entre a infância e a idade adulta, e ii) aquando da transição para o casamento e parentalidade.

O estudo da estabilidade da vinculação entre a infância e a idade adulta envolveu a realização de AAIs a uma amostra de 50 indivíduos com 21/22 anos, que haviam sido na sua infância avaliados através do procedimento SE. Verificou-se a estabilidade do padrão de vinculação em 64% dos indivíduos e, quando não distinguidos os padrões inseguros (i.e. inseguro-ambivalente, inseguro-evitante, preocupado e desligado) a correspondência da classificação ascendia a 72% (Crowell & Waters, 2005), sem distinção em função do género. As mudanças verificadas associavam-se a episódios de vida como divórcio, morte de um dos pais ou doença da criança ou dos pais, não obstante a presença destes acontecimentos implicasse invariavelmente a mudança de um padrão seguro na infância para inseguro na idade adulta.

A análise da (des)continuidade da representação da vinculação na idade adulta aquando da transição para o casamento e parentalidade, englobou uma amostra de 157 casais (noivos) e 101 casais de namorados, avaliados através da AAI três meses antes do casamento e dezoito meses depois do mesmo

(perfazendo um intervalo de 21 meses). Crowell, Treboux e Waters (2002), verificaram que a estabilidade da segurança da vinculação na transição para o casamento era de 96% e a da insegurança de 76%. Os dados indicam claramente que o espaço para a mudança é relativamente diminuto mas, a existir, os indivíduos inseguros têm maior probabilidade de (re)representarem as suas relações de vinculação em direcção à segurança do que os seguros têm em direcção à insegurança. Relativamente à transição para a parentalidade, são encontrados resultados interessantes: não existem diferenças significativas entre a representação da vinculação dos homens e das mulheres sem filhos durante os primeiros 6 anos de casamento, mas elas ocorrem nos casais que tiveram filhos. Especificamente, se a representação da vinculação nestas mulheres se mantém estável (94%), nos homens a parentalidade parece constituir-se como motriz para a mudança, seja na direcção da segurança, seja na da insegurança.

De modo global, os resultados dos estudos longitudinais apresentados que, conforme refere Soares (2002), se salientam pela sua robustez empírica e consistência conceptual, aportam evidência à relevância das experiências de vinculação na infância ao longo do ciclo de vida do sujeito. Ainda que o debate em torno da (des)continuidade dos padrões de vinculação não esteja fechado, parece-nos consensual a tese da estabilidade, não desconsiderando ou minimizando o espaço e as oportunidades para a mudança. É assim viável estabelecer a analogia com a necessidade sublinhada por Dozier, Manni e Lindhiem (2005) numa análise de cariz epistemológico, de a investigação estar aberta à desconfirmação.

O desenvolvimento da AAI e do estudo da organização da vinculação na idade adulta provém do trabalho encetado por Main e cols. (1985) ao equacionarem, no plano empírico, a dimensão intergeracional subjacente aos padrões comportamentais dos bebés e a organização da vinculação, no domínio representacional, hipótese por Bowlby precocemente advogada (Bowlby, 1973) e por outros autores amplamente reiterada (e.g., George & Solomon, 1999). Considerando-se a dimensão relacional subjacente ao desenvolvimento da

vinculação, importa não olvidar as suas condições eminentemente contextuais (Soares, Martins & Tereno, 2007).

Avaliando a organização de vinculação das mães dos bebés do estudo de Berkeley, Main e colaboradores encontram dados relevantes na defesa da tese da intergeracionalidade, ao estabelecerem uma relação positiva e claramente significativa entre a segurança da figura materna avaliada pela *AAI* e a segurança da vinculação do bebé avaliada com recurso à *Situação Estranha* aos 12 meses, dados similares aos posteriormente encontrados sobre a associação segurança-figura paterna e segurança-bebé, avaliada aos 18 meses. Esta continuidade intergeracional está igualmente presente nas organizações de vinculação tidas como inseguras, verificando-se uma correspondência significativa entre os padrões comportamentais evitante e resistente com as classificações representacionais desligado e preocupado, respectivamente. Estes dados são na sua generalidade, corroborados nos estudos de Regensburg e de Bielefeld, que salientam de modo específico a relação estabelecida entre a representação de vinculação segura da mãe e a sua sensibilidade e responsividade no domínio comportamental face ao bebé (Grossmann *et al.*, 1988).

Com o intuito de evitar distorções na leitura destes resultados, e no sentido de minimizar a possibilidade de os mesmos serem produto do cariz retrospectivo a que estes estudos apelavam, Fonagy, Steele, Steele, Moran e Higgitt, (1991) elaboram a primeira investigação de índole prospectiva, que compreendeu quer a avaliação da representação da vinculação no período pré-natal, quer a avaliação do padrão de vinculação com recurso à *Situação Estranha*, aos 12 meses. Dos seus resultados salienta-se a equivalência intergeracional encontrada ao nível da segurança-insegurança, bem como ao nível dos três padrões-organizações de vinculação (evitante-desligado, resistente-preocupado e seguro-autónomo), de elevada significância estatística.

Num esforço de sistematização dos principais resultados em torno da hipótese da transmissão intergeracional da vinculação, e dada a diversidade de estudos realizados, van IJzendoorn (1995) conduziu uma meta-análise com base em 18 amostras, congregando um total de 854 díades. Com este estudo, o autor procurou explorar em que medida a (in)segurança da vinculação dos progenitores

se relaciona com a (in)segurança da vinculação da criança e, em paralelo, avaliar a equivalência entre os diferentes padrões nas duas gerações. Para ambas as premissas foi encontrada evidência empírica, salientando-se, relativamente à primeira, uma mais significativa correspondência transgeracional no caso da mãe ($d=1.14$; $r=.50$) do que o verificado para o pai ($d=.80$; $r=.37$); na segunda, verificou-se que os três padrões de vinculação (seguro, evitante e resistente) eram preditos em 70% dos casos pelas três categorias de avaliação da vinculação nos adultos (seguro, desligado e preocupado – respectivamente).

No contexto Português, é incontornável destacar os trabalhos de Soares (1996), com díades mãe-filho adolescente (16-17 anos), no qual se verificou concordância ao nível da representação da vinculação mãe-filho(a), utilizando a versão portuguesa da AAI e adoptando o sistema de cotação de Regensburg, posteriormente, Jongenelen (2004) analisaria a concordância intergeracional da vinculação entre mães adolescentes e seus bebés, tendo o trabalho de Carvalho (2007) contemplado nesta amostra a 1ª geração, de avós, bem como o de Tereno (2008), que incluiu na sua análise o papel do pai.

Conforme se constata pela apresentação destes estudos, parece assumir-se como robusta a evidência empírica para a transmissão intergeracional da vinculação, em consonância com o postulado teoricamente. Contudo, importa realçar que a concordância frequentemente encontrada entre a qualidade da vinculação dos progenitores e a qualidade da vinculação dos seus filhos não é, de todo, absoluta (Hesse, 1999; Verneuil, 2001), invalidando-se cabalmente a assumpção da sua linearidade e inevitabilidade.

Efectivamente, e uma vez mais de modo consonante com o *corpus* teórico, verifica-se espaço e possibilidade de mudança na organização da vinculação, naquela a que denominaríamos de descontinuidade intergeracional da qualidade da vinculação. Esta descontinuidade é equacionada desde os primeiros estudos sobre a temática (*cf.* Soares, 2002), registando-se casos em que, pese embora a existência de histórias de vida pautadas por experiências de rejeição, negligência ou abuso perpetrado pelas figuras de vinculação, os indivíduos adultos foram classificados como Seguros (e.g. Roisman, Padrón, Sroufe & Egeland, 2002;

Weinfeld, Sroufe & Egeland, 2000), subjacendo a este processo de mudança a capacidade destes indivíduos reverem e reelaborarem as suas experiências de vinculação. Este processo consubstancia-se não raras vezes no âmbito de outras relações afectivas invalidantes do modelo inadequado com que se relacionaram, como sejam relações íntimas de amizade ou de cariz amoroso (e.g., Collins & Sroufe, 1999; Paley, Cox, Harter & Margand, 2002), proporcionando as condições necessárias para a revisão da organização da vinculação, requerendo um processo de autonomização face às figuras de vinculação (Soares, 1996).

Embora os estudos de cariz intergeracional tenham sido alvo de primordial atenção aquando do desenvolvimento da *AAI* (Hesse, 1999), a comunidade científica tem revelado um crescente interesse na utilização deste instrumento no âmbito de inúmeros contextos. Concretamente, Soares e cols. (2002) procuraram compreender a relação estabelecida entre a qualidade da organização da vinculação e seus correlatos de cariz psicofisiológico, de que é pioneiro o trabalho de Dozier e Kobak (1992), cujos resultados, com 50 estudantes universitários, apontam para uma relação entre uma estratégia de desactivação e o aumento dos níveis de condutância da pele durante a resposta a questões de rejeição, separação e ameaça.

Roisman, Tsai e Chiang (2004), por sua vez, no sentido de avaliar diferenças no processo de regulação e integração emocional das experiências de infância, contemplaram a resposta fisiológica do indivíduo no decurso da *AAI*, atentando à sua congruência com a expressão facial de conteúdo emocional e respostas emocionais auto-referentes durante a *AAI*. A amostra deste estudo era constituída por 60 indivíduos norte-americanos de ascendência distinta (30 sujeitos com ascendência europeia e os restantes 30 com ascendência chinesa) e com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, a quem foi administrada a *AAI*. Conforme antecipado teoricamente, os indivíduos avaliados como seguros apresentaram congruência entre as dimensões psicofisiológicas (condutância da pele, ritmo cardíaco e expressão facial), o relato emocional e a natureza do episódio abordado, num processo por Roisman e cols. apelidado de coerência emocional, que acompanha a coerência com que o indivíduo organiza as suas

experiências de vinculação. Ao invés, sujeitos classificados como desligados apresentaram um aumento da actividade electrodérmica durante a entrevista, reflexo de supressão emocional, ao passo que adultos tidos como preocupados evidenciaram discrepâncias acentuadas entre as diferentes dimensões contempladas.

A *AAI* tem sido igualmente utilizada com amostras clínicas e de risco (e.g., Carlson, 1998), como sejam perturbações do foro psicótico (Fonagy, *et al.*, 1996) perturbação *borderline* da personalidade (e.g., Lioti, Cortina, Faria, 2008), comportamentos de auto-mutilação (e.g., Yates, 2004), perturbações do comportamento alimentar (Pinho, 2000; Dias, 2007¹⁶) ou perturbação depressiva (e.g., Bosquet & Egeland, 2001), estando ainda a ser utilizada em contexto psicoterapêutico no sentido de compreender a relação entre a organização da vinculação e aspectos da aliança terapêutica (Coutinho, em preparação).

Em acréscimo aos estudos referidos, a *AAI* tem sido amplamente utilizada na análise da relação entre a organização da vinculação e um conjunto de variáveis do funcionamento psicológico em jovens e adultos, com particular ênfase para a regulação emocional, o suporte social, a identidade e competência social (e.g., Sroufe, Egeland & Kreutzer, 1990; Grossmann, Grossmann & Kindler, 2005; Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005a). Integrado nesta linha de investigação encontra-se o trabalho de Kobak (1985), tido como o precursor no plano empírico da avaliação da representação da vinculação em jovens estudantes do primeiro ano do ensino superior. Recorrendo a uma amostra composta por 53 indivíduos, Kobak avaliou a representação da vinculação (através da *AAI*), a regulação do afecto - usando o *Q-sort* de Block e Block (1980), preenchido por dois colegas de cada indivíduo - e as percepções do sujeito relativamente ao seu relacionamento interpessoal (nomeadamente família e amigos), ao apoio social e ao isolamento e inadequação pessoal (pelo recurso a um conjunto de questionários de auto-relato). Os resultados deste estudo evidenciam que os sujeitos classificados pela *AAI* como Seguros se perceberam em níveis mais elevados de apoio social e níveis reduzidos de perturbação psicológica, sendo caracterizados pelos pares

¹⁶ Saliente-se que o estudo de Dias (2007) com uma amostra clínica de perturbações alimentares contempla ainda a integração de medidas de cariz psicofisiológico.

como apresentando maior adaptação do ego e menor ansiedade e hostilidade. Em contrapartida, os jovens classificados como Desligados na AAI apresentavam percepções de si como mais isolados socialmente e dispendo de limitado apoio social por parte da família, tendo sido avaliados pelos pares como mais hostis e com menores níveis de adaptação do ego. Finalmente, os estudantes da categoria Preocupado consideravam a família mais apoiante do que o que se verificava no grupo Desligado, referindo níveis elevados de perturbação pessoal, similantemente percepcionada pelos pares ao nível da ansiedade e adaptação do ego (Kobak, 1985; Kobak & Sceery, 1988).

A pertinência do estudo de Kobak abrange de modo inequívoco a dimensão relacional inerente à organização da vinculação, ao determinar a associação entre esta e a competência social, seja percebida pelo próprio ou por outrem. Com efeito, os indivíduos classificados como Inseguros (independentemente da categoria específica a que pertenciam) foram avaliados pelos pares como significativamente mais isolados, menos atraentes e afectuosos, mais desconfiados e evitando relações íntimas do que o que ocorria com os sujeitos do grupo Seguro. Numa análise mais específica, e atendendo desta feita aos elementos diferenciadores das categorias Preocupado e Desligado, a percepção dos pares é ainda mais negativa relativamente ao último grupo, referindo-se-lhe como evidenciando níveis mais elevados de afecto negativo, maior dificuldade na interacção social e manifestando menor interesse nas relações com o sexo oposto, dados consonantes com os encontrados por Sroufe (1983) e, posteriormente, por Collins & Sroufe (1999). De igual modo, Kobak constata que os sujeitos do grupo Desligado se percepcionam como tendo maiores dificuldades na relação com os outros (e.g. referem menor apoio social por parte da família), ao passo que os do grupo Preocupado evidenciam maiores dificuldades ao nível da percepção do *self*, evidenciando um desequilíbrio na relação “eu-outro” (i.e., no domínio interpessoal), que se encontra por sua vez harmonizada nos indivíduos pertencentes ao grupo Seguro.

Este último balanceamento, que incorpora, no limite, a ponderação das necessidades e especificidades do outro nas do próprio, será alvo de elaboração no próximo capítulo, centrado na vinculação no contexto de relações íntimas na idade adulta.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

VINCULAÇÃO E RELAÇÕES ÍNTIMAS

1. INTRODUÇÃO

Conforme exposto no capítulo anterior, a extensão do foco de estudo da vinculação para a idade adulta, ocorrida no decurso da década de 80, sustenta-se, do ponto de vista teórico-conceitual, pelo "*movimento para o nível representacional*" proposto por Main, Kaplan e Cassidy (1985) e, do ponto de vista empírico, pelo desenvolvimento da *Adult Attachment Interview - AAI* -, dirigida à avaliação das diferenças individuais na organização e representação da vinculação (George, Kaplan & Main, 1984).

Para Bowlby, é desde a infância que podem ser encontrados os ingredientes para o estabelecimento de relações íntimas na adolescência e idade adulta, entendendo-se as relações precocemente estabelecidas entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) de vinculação como prototípicas das relações íntimas estabelecidas na idade adulta (Waters, Kondo-Ikemura, Posada & Richters, 1991; Cassidy, 2001; Roisman, Madsen, Henninghausen, Sroufe, & Collins, 2001), afigurando-se a designada *hipótese protótipo* como um elemento nuclear na teoria da vinculação (Crowell & Waters, 2005). Com efeito, no decurso do desenvolvimento do indivíduo, a regulação homeostática decorrente da interacção previsivelmente securizante da criança com a figura de vinculação pode ser transposta e evidenciada no contexto das interacções íntimas, com o/a companheiro/a, conforme o ilustram as palavras de Bowlby (1979) "*there is a strong causal relationship between an individual's experiences with his parents and his later capacity to make affectional bonds*" (pp. 135).

Esta asserção merece-nos dois comentários. Em primeiro lugar, e não obstante esta consideração se encontre sustentada no construto de modelos

internos dinâmicos, as relações de vinculação na idade adulta contrastam com as desenvolvidas durante a infância no que concerne à simetria e reciprocidade (e.g. Berman, Marcus, & Berman, 1994; Crittenden, 1997; Crowell & Treboux, 2001). Se na infância a complementaridade de papéis de procura e prestação de cuidados está patente na sua inequívoca diferenciação e hierarquização, cabendo somente às figuras de vinculação o assegurar do conforto e segurança à criança (verificando-se uma orientação vertical da prestação de cuidados), no contexto relacional adulto-adulto é expectável (diríamos, desejável) um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e cuidados, ou seja, entre o recorrer ao outro como base segura e ante ele constituir-se como tal, quando (e sempre que) necessário (Ainsworth, 1991; Crowell & Treboux, 2001). Assim, a verticalidade, complementaridade e assimetria da procura e prestação de cuidados na infância dão lugar, no contexto das relações de vinculação na idade adulta, à horizontalidade, reciprocidade e simetria (e.g. Lima, Vieira & Soares, 2007), a que se associa, a nível individual, a expansão do repertório comportamental exigindo a integração dos sistemas comportamentais sexual e de prestação de cuidados com os sistemas de vinculação e exploração (Bowlby, 1969; Ainsworth, 1989; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000).

Em segundo lugar, aquela célebre frase de Bowlby sublinha, quase que deterministicamente, a continuidade da organização da vinculação no decurso do desenvolvimento do indivíduo. Ora, como referimos, esta perspectiva de continuidade entre o comportamento de vinculação na infância e a sua representação na idade adulta, ainda que empiricamente validada, não revoga a viabilidade de descontinuidade, i.e., de mudança no modo como o indivíduo (re)constrói a(s) sua(s) experiência(s) de vinculação. Neste sentido, refira-se o posicionamento de Sroufe e cols. (1999) ao conceptualizarem a teoria da vinculação não como uma teoria de resultados, mas como uma teoria do processo relativamente à (re)construção de trajectórias desenvolvimentais para as quais contribuem (não determinando) as experiências precoces. Estas, à luz de acontecimentos subsequentes (em que se inscrevem relacionamentos

significativos), ver-se-ão sucessivamente transformadas, destituindo-se o carácter imutável das experiências passadas na experienciação do presente (e.g., Waters, Weinfield & Hamilton 2000; Sagi-Schwartz & Aviezer, 2005).

Historicamente, a conceptualização das relações íntimas como relações de vinculação foi proposta por Hazan e Shaver (1987), ao postularem que “(...) *all important love relationships - especially the first ones, with parents, and later ones with lovers and spouses - are attachments' in Bowlby' sense.*” (1988, p. 75). Estes autores defendem paralelismos entre as relações íntimas na idade adulta e as relações de vinculação na infância, que se efectivam na concepção de que na idade adulta a relação com o outro poderá constituir-se como promotora de segurança, na medida em que o indivíduo procuraria proximidade em situações avaliadas como ameaçadoras, recorrendo ao outro para readquirir uma percepção de competência pessoal e a capacidade de exploração do mundo. Na sequência destes axiomas, e no decurso das duas últimas décadas, a investigação tem-se debruçado sobre o papel que o sistema de vinculação desempenha no desenvolvimento, manutenção e ruptura das relações íntimas (e.g. Feeney, 1999), constituindo-se como desafio a análise do processo de construção de uma *nova* relação de vinculação por duas pessoas com as suas próprias histórias e representações de vinculação individuais (Karney, Bradbury & Thomas, 1995).

Assumindo-se como nuclear no contexto de relações de vinculação ao longo do desenvolvimento a noção de base segura, a percepção do outro como disponível e responsivo face a situações de *distress* aufere ao indivíduo o sentimento de segurança viabilizador da exploração de outros contextos e actividades, bem como de si próprio no contexto da relação (e.g., Berman & Sperling, 1994; West & Sheldon-Keller, 1994; Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007). O sucesso deste processo deriva do equilíbrio imprescindível entre a capacidade de individuação e o estabelecimento de intimidade, sendo imperativo que, para que esta ocorra, a primeira se realize, conforme havia já Erickson equacionado, como tivemos oportunidade de referir (*cf.* Capítulo I). Na verdade, no contexto de um relacionamento íntimo, a possibilidade de

individação e de desenvolvimento pessoal convive com a percepção de pertença e de unicidade: nas palavras de Relvas (2000), o *“sujeito apenas se pode diferenciar no seio das interações que estabelece com os outros”*. Adicionalmente, é sustentada pelos vínculos estabelecidos com o outro, em consonância com as palavras de Bretherton sobre a vinculação *“(...) not as an initially symbiotic relationship from which the child must eventually emerge as differentiated and separate, but rather as a relationship that, from the very beginning, permits the optimal autonomy in the context of emotional support”* (1987, p. 1075; cit in Soares, 2002).

Tidas como cruciais para o funcionamento adequado do indivíduo (Reis, Collins, & Berscheid, 2000; Sarason, Sarason, & Gurung, 2001), as relações íntimas na idade adulta compreendem múltiplos factores de cariz motivacional, emocional e comportamental, podendo ser caracterizadas pela procura e valorização da proximidade com o outro. Este processo, apelidado de “criativo” por Collins e Sroufe (1999), sublinha o carácter co-construído e fluído da intimidade, dimensão já realçada por Reis e Patrick em 1996, e que no decurso deste trabalho procuraremos evidenciar.

Ao longo deste capítulo são apresentadas as principais linhas de investigação em torno da relação entre vinculação e relações íntimas de cariz amoroso¹⁷, conferindo-se particular destaque às metodologias de avaliação de índole representacional e comportamental. A abordagem da tradição da Psicologia Social e o recurso a instrumentos de auto-relato dos estilos de vinculação nas relações íntimas são também considerados. Terminar-se-á o presente capítulo com uma reflexão sobre os reptos lançados pela (e para) a investigação relativa à compreensão da intimidade na idade adulta à luz da teoria da vinculação.

¹⁷ Importa clarificar que o nosso posicionamento contempla como relações íntimas as relações de amizade e as relações amorosas. Contudo, no âmbito deste trabalho debruçar-nos-emos de modo mais incisivo sobre as relações íntimas de cariz amoroso. Quando ambos os tipos de relação se assumem como relações de vinculação, é possível identificar como transversais as especificidades inerentes às relações de vinculação, constituindo-se a dimensão sexual como elemento diferenciador (Faria *et al.*, 2007).

2. AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS E DA INTERACÇÃO DIÁDICA À LUZ DA VINCULAÇÃO

No âmbito da investigação sobre a vinculação nas relações íntimas, é possível identificar dois vectores metodológicos que recorrem a diferentes medidas de avaliação: as medidas de cariz representacional, que sublinham a qualidade da organização da representação, e as medidas comportamentais que se focalizam na qualidade da interacção diádica. Cada uma delas configura diferentes linhas de investigação que sendo com frequência utilizadas em conjunto pela sua complementaridade, serão de seguida apresentadas separadamente.

2.1. AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

No que diz respeito à primeira linha de investigação, e na sequência da tradição empírica imposta pela AAI, a literatura tem-se debruçado sobre o modo como as experiências de vinculação na infância moldam a representação do indivíduo relativamente à relação íntima de cariz amoroso que estabelece na idade adulta.

Nesta linha, e no âmbito do *The Stony Brook Adult Relationship Project*, de cariz longitudinal, foi desenvolvida a *Current Relationship Interview - CRI* (Crowell, 1990), elaborada no seguimento da AAI, mas dirigida à avaliação de modelos internos dinâmicos específicos (Crowell & Owens, 1996).

A *CRI* é uma entrevista semi-estruturada cuja administração tem a duração aproximada de 60 minutos, que pretende avaliar a qualidade da representação

das relações íntimas entre adultos, sublinhando-se a representação do self e do outro no contexto relacional, onde o parceiro é assumido como uma figura de vinculação. O protocolo da entrevista contempla a descrição breve de relações anteriores, num enquadramento da história relacional do sujeito, seguindo-se a descrição da relação actual com o parceiro. Nela são solicitados episódios de separação e abuso, situações em que o sujeito se tenha sentido rejeitado, episódios de procura e de prestação de cuidados, culminando com a avaliação do modo como o sujeito considera que a relação com o parceiro potencia o seu desenvolvimento pessoal, ou, pelo contrário, o inviabiliza. De forma análoga ao que sucede na avaliação da *AAI*, o processo de cotação da *CRI* envolve o registo da entrevista e sua transcrição, valorizando-se a qualidade da organização da narrativa (nas dimensões semântica e episódica), o que permite a classificação da entrevista de acordo com padrões de organização da vinculação equivalentes aos identificados na *AAI*: Seguro, Preocupado e Desligado.

Neste sentido, os indivíduos cotados como Seguros pela *CRI* apresentam uma narrativa elaborada e coerente - cumprindo as máximas da coerência de Grice (1975, *cit in* Hesse, 1999) – sobre as suas experiências com o parceiro, explorando os seus sentimentos e pensamentos sobre a relação de um modo aberto e reflectido, ao invés do que sucede com sujeitos que apresentam uma representação da vinculação com o parceiro como Preocupada ou Desligada, em que sobressai a idealização e/ou desvalorização do parceiro e da relação com ele estabelecida. Uma quarta categoria é identificada quando os indivíduos apresentam um discurso desorganizado em relação às experiências de perda (de relações íntimas anteriores, por morte ou ruptura da relação), sendo-lhes atribuído a classificação de Não-Resolvido. O quadro seguinte sintetiza de modo comparativo as escalas de cotação da *AAI* e da *CRI*.

Quadro 2. Comparação entre análises da AAI e CRI

Escala	AAI	CRI
	Main & Goldwin (1994)	Crowell & Owens (1996)
Nível Episódico	Afecto	Afecto (S+P)
	Rejeição	Rejeição (S+P)
	Parentificação (Inversão de Papel)	Dependência (S+P)
	Negligência	
	Incentivo à Realização	
		<i>Involving</i> (S+P)
		Controlo (S+P)
		Comunicação (S+P)
		<i>Careseeking</i> (S+P)
		<i>Caregiving</i> (S+P)
Organização Mental da Vinculação	Idealização	Idealização
	Incapacidade Recordar a Infância	
	Raiva/Irritação	Raiva / Irritação (O+P)
	Passividade	Passividade
	Desprezo/Desvalorização	Desprezo/Desvalorização (V+P)
	Medo de Perda	Medo da Perda
	Coerência	Coerência
	Desorganização (Abuso + Ameaça)	
Não-Resolvido/Desorganizado	Desorganização (Perda)	Desorganização (Perda/Abuso)
	Desorganização (Abuso /Ameaça)	
Padrões de Vinculação	Seguro	Seguro
	Desligado	Desligado
	Preocupado	Preocupado
	Não-Resolvido/Desorganizado	Não-Resolvido
	<i>Cannot Classify</i>	

Nota: S – Sujeito; P – Parceiro; O – Outros; V - Vinculação

A CRI tem sido a entrevista mais utilizada no âmbito do estudo da vinculação nas relações íntimas (Roisman, Collins, Sroufe, & Egeland, 2005), sublinhando-se uma panóplia de estudos que contemplam questões como a dialéctica estabilidade/mudança na organização da vinculação (e.g. Treboux, Crowell & Waters, 2004; Carlivati, 2006), o impacto da parentalidade na qualidade das relações íntimas (e.g. Crowell & Treboux, 2001) e a articulação entre a dimensão representacional e o comportamento do indivíduo na relação (e.g. Roisman *et al*, 2005).

No capítulo anterior apresentámos o trabalho longitudinal de Stony Brook incidindo sobre a problemática da continuidade ou mudança do padrão de vinculação em diferentes momentos do processo desenvolvimental do adulto

(nomeadamente, casamento e parentalidade). Neste momento debruçamo-nos sobre um dos objectivos centrais do estudo de Treboux, Crowell e Waters (2004): avaliar a estabilidade e mudança – ou seja, a (não)concordância - das avaliações entre a *AAI* e a *CRI* em casais em diferentes estádios da relação. Os autores recorrem à amostra de 258 casais (157 com uma relação de noivado e 101 com uma relação de namoro), que avaliam no intervalo de 6 anos. Neste trabalho, o protocolo de avaliação contemplou a administração da *AAI*, da *CRI*, de uma tarefa de interacção do casal (dirigida à avaliação do comportamento de base-segura¹⁸) e de um conjunto de medidas de auto-relato sobre a relação, nomeadamente o *Family Behavior Survey* (Posada & Waters, 1988) – dirigido à avaliação da frequência de episódios de discórdia e de resolução de conflito – e o *Triangular Love Scale* (Sternberg, 1998) – que contempla a análise da percepção de intimidade, compromisso e paixão. A este protocolo-base, repetido nos diferentes momentos de avaliação, foram sendo adicionados outros instrumentos de auto-relato. A sub-amostra de casais que tinha uma relação de noivado foi avaliada 3 meses antes do casamento, e depois do casamento aos 18 meses e aos 6 anos. A sub-amostra de casais que tinha uma relação de namoro foi avaliada inicialmente, 21 meses mais tarde e, aqueles que casaram, 6 anos depois. Os indivíduos foram classificados em função da representação da vinculação em quatro grupos possíveis: Seguro-*AAI*/Seguro-*CRI*, Seguro-*AAI*/Inseguro-*CRI*, Inseguro-*AAI*/Seguro-*CRI* e Inseguro-*AAI*/Inseguro-*CRI*¹⁹. Os valores de correspondência entre as classificações da *AAI* e da *CRI* foram nesta amostra de 58% ($k=.35$, $p\leq.01$), apresentando as cotações relativas à coerência das entrevistas uma correlação de .47 entre as medidas ($p\leq.01$).

Conforme reconhecem os autores, ao equacionar a estabilidade da representação de vinculação entre a *AAI* e a *CRI*, é lícito considerar que, seja na apreciação global do padrão, seja na análise de elementos específicos da

¹⁸ A tarefa de interacção utilizada por estes autores e o sistema de cotação associado serão descritos no ponto 2.2. deste Capítulo.

¹⁹ A não diferenciação entre os grupos Desligado e Preocupado prende-se com a não determinação de diferenças significativas entre os mesmos em estudos anteriores (Crowell, Treboux & Waters, 2002).

representação de vinculação, a continuidade existe, mas não mais do que moderadamente, facto que se revela concordante com os dados encontrados por outros autores (e.g. Roisman *et al.* 2005). Na verdade, a expectativa de correspondência (quase) perfeita entre a *AAI* e a *CRI* revela-se não mais do que infundada, dada, nomeadamente, a especificidade inerente à mutualidade presente nas relações de vinculação na idade adulta com o parceiro (como a procura e prestação de cuidados) por comparação à hierarquização verificada na infância (e.g. Crowell, Fraley, & Shaver, 1999; Carlivati, 2006). Assim, assume-se como bastante sugestivo o título da sua publicação (*When “New” meets “Old”: Configurations of adult attachment representations and their implications for marital functioning*), salientando, que os modelos internos dinâmicos específicos são iluminados pela representação geral, mas também influenciados pelas experiências decorridas no contexto da relação actual.

Ao avaliar a continuidade da relação íntima em função das diferentes configurações de (in)segurança-*AAI*/*CRI*, o grupo Seguro-*AAI*/Inseguro-*CRI* era o mais predisposto a terminar a relação actual, sendo também o que maior insatisfação apresentava face à mesma na avaliação pré-casamento. Deste modo, é válido considerar que a representação de vinculação com o parceiro seja alicerçada num modelo representacional generalizado, embora também influenciado por experiências decorridas no seio da relação íntima actual (Crowell & Waters, 2005).

Num outro estudo realizado no âmbito do projecto longitudinal de Minnesota a que tivemos já oportunidade de fazer referência²⁰, Roisman e cols. (2005) procuraram avaliar a validade da *CRI* enquanto medida de avaliação da representação da vinculação com o parceiro. A amostra deste estudo compreendeu 73 casais heterossexuais, entre os 20 e os 23 anos, a quem foi administrada a *AAI*, a *CRI*, uma bateria de questionários de auto-relato sobre a intimidade percebida, a satisfação com a relação, níveis de idealização relativamente ao parceiro e à relação, bem como a estabilidade e compromisso

²⁰ Confira-se, a este propósito, o capítulo precedente.

da mesma e, por fim, uma tarefa de observação da interacção do casal. Os resultados indicam que a *CRI* se constitui como mais preditiva da qualidade da interacção do que qualquer medida de auto-relato utilizada, sendo a coerência do discurso sobre a relação íntima e o parceiro predita quer pelas experiências precoces na família de origem, quer pela sua representação, conforme avaliado pela *AAI*, ainda que esta continuidade não inviabilize o espaço à mudança.

Por sua vez, Alexandrov, Cowan e Cowan (2005) desenvolveram a *Couple Attachment Interview - CAI*, uma entrevista semi-estruturada que se centra na relação íntima actual do sujeito e que cobre aquelas que são as dimensões críticas da teoria da vinculação: a procura de proximidade, e a procura e prestação de cuidados. O *Coding Couple Attachment Interview System* também desenvolvido pelos autores permite, por um lado, o elicitar de três dimensões contínuas para os protótipos de vinculação com o parceiro (especificamente Seguro, Preocupado e Desligado), e, por outro, um sistema de duas categorias, diferenciando a segurança da insegurança. Realizando um estudo com 73 casais em contexto psicoterapêutico dirigido à análise da relação estabelecida entre a representação da vinculação com o parceiro e a qualidade da relação marital, e fazendo uso de instrumentos de auto-relato bem como de medidas de observação da interacção, os autores encontraram diferenças significativas em função das três medidas contínuas, e em função das categorias Segurança/Insegurança, independentemente da metodologia de avaliação da qualidade da relação a que se reportavam (Alexandrov, *et al.*, 2005). Estes dados são assumidos como complementares à investigação precedente que não encontrava qualquer relação entre a representação da vinculação na idade adulta (i.e. relativamente às figuras de vinculação da infância) e a percepção da qualidade da relação com o parceiro (Cohn, Cowan, Cowan & Pearson, 1992). Deste modo, assume-se como viável a possibilidade de a representação da vinculação com o parceiro se constituir como um factor de maior preponderância na percepção da qualidade da relação do que o que parece ser a organização da vinculação *per se*, em consonância com a sugestão de Rotter (1982).

Esta hipótese foi igualmente explorada por Dickstein, Seifer, Andre e Schiller (2001), tendo para tal elaborado a *Marital Attachment Interview - MAI*, um instrumento igualmente derivado da *AAI* e que dela mantém as propriedades estruturais – uma entrevista semi-estruturada que contempla a possibilidade de o entrevistador solicitar informação adicional em momentos específicos sem que introduza comentários interpretativos que aumentem a coerência da narrativa. A *MAI* apela ao balanceamento entre a memória semântica e a memória episódica relativamente a temáticas e experiências críticas do ponto de vista da vinculação e sua representação, desta feita ao nível da relação íntima com o cônjuge²¹. É uma entrevista com a duração aproximada de 1 hora, constituída por 16 questões que compreendem a descrição da relação e que incluem expectativas, mudanças ocorridas ao longo do tempo, experiências de separação, ameaça, rejeição e apoio por parte do parceiro. Prossegue-se com questões em torno de relações íntimas anteriores, focando-se em experiências de divórcio e relações em que o abuso ou mau-trato estivesse presente, solicitando-se ainda ao sujeito que apresente memórias sobre a relação mantida pelos pais na sua infância e ao longo do seu desenvolvimento²². Por fim, o sujeito é questionado sobre a influência que a relação actual tem na sua personalidade. O sistema de classificação da entrevista deriva da proposta de Main e Goldwyn (1994), permitindo a classificação do sujeito em Seguro, Preocupado e Desligado como categorias centrais, a que se acrescentam as classificações de Não-Resolvido (referente a situações de luto ou maus-tratos) e Não-Classificável. Trata-se de um sistema que comporta também dimensões contínuas entre a segurança-insegurança e activação-desactivação do comportamento de vinculação.

²¹ Os autores referem-se à entrevista como sendo dirigida a “*same-generation couples*” fazendo apanágio da horizontalidade da relação de vinculação (Dickstein, Seifer, Andre & Schiller, 2001).

²² Refira-se a este propósito o trabalho de Amatto e Booth (2001) ou de Cummings & Davies (2002).

Dickstein e cols. (2001) elaboraram um estudo com 19 casais²³ que incluía no protocolo de avaliação a *AAI*, a *MAI*, e questionários de auto-relato sobre a relação familiar: o *Dyadic Adjustment Scale* (Spanier, 1976), instrumento de 32 itens dirigido à avaliação da satisfação com a relação, a sua coesão e expressão de afecto no contexto da mesma, permitindo a avaliação global da satisfação do indivíduo com a relação; e o *Family Assessment Device*, questionário composto por 60 itens e que permite a avaliação do funcionamento familiar incluindo papéis, comunicação, resolução de problemas, controlo comportamental, responsividade e envolvimento afectivo, derivando-se um *score* global do funcionamento familiar. Dos seus resultados salienta-se a convergência entre as classificações da *AAI* e as da *MAI*, perfazendo um total de 61% de indivíduos em que a hipótese da continuidade se verificou. Assim, é lícito considerar que embora a representação da vinculação do adulto se constitua como importante na representação da vinculação com o parceiro, a existência de outras relações significativas pode constituir-se como um factor viabilizador do processo de mudança (Bretherton & Munholland, 1999; Ammaniti, van Ijzendoorn, Speranza & Tambelli, 2000). Em acréscimo, os autores referem uma relação significativa entre a classificação da organização da vinculação com o/a companheiro/a e a percepção do funcionamento familiar e satisfação com a relação íntima, com os sujeitos avaliados como Seguros a serem aqueles que apresentam maior satisfação e níveis mais elevados de funcionamento familiar adequado (particularmente ao nível do estabelecimento de papéis, envolvimento emocional e comunicação) quando comparados com os indivíduos classificados como Preocupados ou Desligados.

Integrada ainda nesta linha de investigação de cariz representacional e à luz da Teoria da Vinculação, foi desenvolvida a *Intimate Relationship Interview - IRI* (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005), uma entrevista semi-estruturada que

²³ Estes casais foram recrutados no âmbito de outros projectos sobre o desenvolvimento infantil (dos filhos), tendo inicialmente sido integradas 24 famílias. Porém, por inexistência de avaliações completas a um dos membros do casal e por 4 indivíduos terem obtido a designação de não-classificável na *AAI* e 1 na *MAI*, são aqui assumidos os 19 casais restantes.

permite a avaliação da representação das relações íntimas, examinando o modo como o sujeito organiza as suas experiências no contexto da relação, como as integra e lhes atribui significado. A sua avaliação tem por base dois níveis de análise, de modo análogo ao ocorrido com a *AAI*: por um lado, o nível semântico, centrado no modo como o indivíduo descreve as suas experiências e as avaliações e interpretações que elabora e, por outro lado, o nível episódico traduzido na capacidade de o indivíduo sustentar as suas descrições por meio de acontecimentos específicos e relevantes na sua relação. Do protocolo da *IRI* constam cinco domínios relevantes para a compreensão da especificidade das relações íntimas, incluindo-se elementos cruciais do ponto de vista da Teoria da Vinculação: (i) regulação emocional, (ii) intimidade sexual, (iii) capacidade de procurar cuidados, (iv) capacidade de proporcionar cuidados e (v) base segura. O processo de cotação da *IRI* (que exige o registo áudio e respectiva transcrição) comporta como dimensões de avaliação a integração da emocionalidade, o *careseeking*, o *caregiving*, a intimidade sexual, o equilíbrio entre o desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento da relação, a idealização e a coerência²⁴.

Em função do exposto, torna-se clara a multiplicidade de medidas de representação da vinculação no contexto de relações íntimas que se seguiram ao desenvolvimento empírico-conceptual implementado pela *AAI* e dela explicitamente derivadas. Em nosso entender, a consubstanciação da teoria da vinculação no terreno empírico no contexto das relações íntimas na idade adulta deu-se pelo contributo inequívoco que estas entrevistas aportaram à compreensão dos postulados teóricos de Bowlby acerca da influência da representação das relações precoces na experiência e representação das relações íntimas, conforme defendem Crowell, Gao, Lawrance-Savanne, Abbott,

²⁴ Este instrumento é apresentado de modo detalhado no Capítulo III, aquando da descrição do Método.

Olmsted e Lord (2001). Embora a diversidade de instrumentos de avaliação e investigação em torno da teoria da vinculação possa ser encarada como o reflexo da proficuidade que a mesma possui, parece-nos algo redundante a proliferação de medidas, urgindo, e em concordância com o defendido por Roisman e cols. (2001), uma reflexão crítica e um debate cuidadoso sobre as mesmas.

2.2. AVALIAÇÃO DA INTERACÇÃO DIÁDICA

Inscrevendo-nos no âmbito da segunda linha de investigação sobre a vinculação no contexto das relações íntimas, a observação da relação do casal assenta na realização de tarefas desafiantes que visam avaliar comportamentos diádicos que atendem, por um lado, a comportamentos de expressão e regulação do afecto, negociação e resolução de conflitos e, por outro lado, a comportamentos específicos de vinculação ao nível da existência de uma base segura, da prestação ou pedido de cuidados. Nestas tarefas, sugere-se ao casal a discussão de um aspecto problemático vivenciado no contexto da relação ou experienciado por um dos elementos fora do contexto da mesma (e.g. Collins & Feeney, 2000; Roisman *et al.*, 2001; Crowell, Treboux, Gao, Fyffe, Pan & Waters, 2002; Grossmann, Grossmann, Winter & Zimmermann, 2002; Wampler, Shi, Nelson & Kimball, 2003), activando deste modo o sistema de vinculação, similarmente ao que ocorre com outros procedimentos, de natureza representacional, nomeadamente a AA/

Na Teoria da Vinculação o sublinhar do relacional consolida a reciprocidade e a interdependência, perdendo relevo ou protagonismo as características individuais e salientando-se, ao invés, a harmonia entre os elementos que compõem a relação. De facto, a investigação em torno das relações de vinculação que recorre a metodologias de cariz observacional enfatiza não a frequência dos comportamentos específicos, mas o equilíbrio entre o domínio comportamental do sujeito, o impacto desse comportamento no outro e o seu significado específico e partilhado. Nesta linha de pensamento, emerge o

conceito de sensibilidade (conforme entendido por Ainsworth, 1977), tido como fulcral no contexto das relações de vinculação (também) na idade adulta.

A investigação que recorre à observação do comportamento do casal é ampla, podendo identificar-se as décadas de 80 e 90 como sendo particularmente profícuas neste domínio (e.g. Julien, Markman & Lindhal, 1989; Basco, Birchler, Kalal, Talbott & Slatter, 1991). As abordagens adoptadas são distintas, podendo eleger-se uma abordagem globalizante de avaliação da interacção (e.g., Weiss & Tolman, 1990; Malik & Lindahl, 2004) ou atender a comportamentos específicos da mesma, nomeadamente competências comunicacionais de resolução de problemas (Floyd, 2004), ou expressão de conteúdo emocional (Shapiro & Gottman, 2004²⁵). De modo transversal a estes trabalhos, o foco de avaliação da interacção do casal assenta na qualidade e extensão da comunicação com o parceiro em torno de diversos tópicos, atendendo quer a comportamentos verbais, quer a comportamentos não verbais, a que se associam a satisfação dos indivíduos face à relação e a prospecção da longevidade da mesma.

Um estudo ilustrativo destes aspectos é o apresentado por Gottman e Levenson (1992; *cit. in* Gottman & Notarius, 2000) que sugere que casais cuja interacção foi avaliada como contendo elevada emocionalidade negativa (especificamente criticismo, defensividade e acusação mútua) e ausência de emocionalidade positiva, referiam menor satisfação conjugal e incorriam em maior probabilidade de divórcio. Em acréscimo, do trabalho de Thomas, Fletcher e Lange (1997) ressalta o papel da empatia (pela identificação e sintonia dos sentimentos e pensamentos dos indivíduos com o parceiro), avaliada pelos próprios no visionamento da interacção, como preditor da satisfação marital e fluidez do processo comunicacional do casal, em que as necessidades do outro são valorizadas e atendidas.

Atentemos agora a alguns sistemas de cotação de interacção de casal, considerando as diferentes abordagens adoptadas. É possível considerar como o

²⁵ Não obstante o sistema de cotação proposto por Shapiro e Gottman (2004) – *Specific Affect Coding System* (SACS) remeta para uma avaliação *gestáltica* da comunicação emocional em casais e famílias, compreendemo-lo como dirigido à avaliação de comportamentos específicos, sem desvirtuar o processo que lhe subjaz.

mais propagado sistema de cotação da interacção de casal o *Marital Interaction Coding System - MICS* (Hops, Wills, Weiss & Patterson, 1972), alvo de várias revisões ao longo dos anos, conforme descrito por Heyman, Weiss e Eddy (1995). Na sua formulação original, o *MICS* contempla uma “avaliação micro” do comportamento, atentando especificamente a 40 comportamentos discretos (e.g., “chora”, “queixa-se”, “deprecia”) organizados em categorias formuladas *a priori* (e.g. culpabilização, descrição do problema, inviabilização do outro). Esta organização de comportamentos discretos em categorias mantém-se nas formulações ulteriores, dando lugar na sua quarta versão – o *MICS-IV* (Heyman, et al.1995) – a categorias mais amplas que, sujeitas a análise factorial com uma amostra de 1088 casais (Heyman, Weiss, Eddy & Vivian, 1995), permitem a sua agregação em quatro factores: (i) hostilidade, (ii) discussão construtiva do problema, (iii) humor e (iv) responsabilidade. Num desenvolvimento subsequente deste instrumento, Heyman e Vivian (2000) concebem um sistema de cotação mais simples e centrado numa “avaliação-macro” do comportamento (por oposição à identificação e cotação de comportamentos discretos), designado por *Rapid Marital Interaction Coding System – RMICS*. As escalas de avaliação deste sistema de cotação estão organizadas de acordo com comportamentos diádicos negativos (que compreendem o abuso psicológico, atribuição (cognitiva) de manutenção do *distress*, hostilidade, disforia e isolamento), comportamentos diádicos positivos (aceitação, atribuição - cognitiva - da melhoria da relação, auto-revelação e humor) comportamentos diádicos avaliados como neutros (discussão/resolução construtiva do problema, e outro – compreendido como interferência ou distractibilidade).

As diferentes versões do *MICS* têm sido utilizadas num vasto número de estudos, com enfoques diversos e de que são ilustrativas as investigações sobre o exercício de poder na relação conjugal (Gray-Little, Baucom & Hamby, 1996), sobre a expressão emocional e estabilidade relacional (Gottman, Coan, Carrere & Swanson, 1998), e sobre o funcionamento conjugal em que um dos elementos do casal apresenta psicopatologia, nomeadamente, dependência alcoólica e perturbações de humor (Jacob & Khran, 1987; Jacob & Leonard, 1992). São também foco de vasto interesse pela comunidade científica os processos de transição, em que o casal é avaliado em diferentes etapas do seu percurso

relacional. Assim, O'Leary (1990), por exemplo, examinou a associação existente entre estratégias de resolução de conflitos em casais de namorados heterossexuais e a sua satisfação com a relação após 18 e 30 meses do casamento, tendo verificado que interações negativas se encontravam correlacionadas com a infelicidade pós-marital, não sendo no entanto preditivas da (in)satisfação conjugal *per se*.

Outros enfoques de investigação no seio das abordagens observacionais são dados por Sillars (1986; *Revised Conflict Coding System - RCCS*), White (1989), bem como por Ball, Cowan e Cowan (1995) ao analisarem diferenças comportamentais em situações de conflito em função do sexo, da personalidade (Smith & Brown, 1991), ou por Gottman e Levenson (1992, *cit. in* Gottman & Notarius, 2000) ao examinarem correlatos psicofisiológicos no decurso da interação de casal.

No que se refere à transposição destas metodologias na avaliação das relações íntimas na idade adulta sob a matriz teórica da vinculação, poder-se-á referir como pioneiro o trabalho de Simpson, Rholes e Nelligan (1992), ao avaliar a influência da organização da vinculação nos padrões de prestação de cuidados. O procedimento deste estudo consistia em produzir *distress* no elemento feminino do casal dizendo-lhe que a tarefa que realizaria seria exigente e algo perigosa, de forma a activar o sistema de vinculação. A interacção do casal, gravada em registo de vídeo durante o período de espera (entre a informação e a tarefa *per se*), foi cotada atendendo à disponibilidade e responsividade do elemento masculino na prestação de cuidados, verificando-se que a qualidade da mesma estava inversamente correlacionada com os níveis de evitamento evidenciados pelos sujeitos. Em estudos posteriores com a mesma amostra, Rholes, Simpson & Orina (1999) atentaram a expressões emocionais de raiva por parte do elemento masculino durante o período de *distress* e após o mesmo ter terminado, verificando que os indivíduos com níveis superiores de evitamento eram aqueles que apresentavam maior quantidade e intensidade nas expressões de raiva no primeiro momento, sendo incapazes de interagir de forma positiva aquando do término do período de *distress*. Por sua vez, a segurança da

AAI para as mulheres associava-se positivamente com a qualidade do suporte prestado ao parceiro, independentemente do seu próprio *distress* (Simpson, Rholes, Orina & Grich, 2002). Na sequência destes estudos, Simpson, Winterheld, Rholes e Orina (2007) avaliaram as respostas de indivíduos ao tipo de apoio recebido pelo parceiro (emocional, instrumental e físico) em função da segurança da AAI, tendo concluído que indivíduos seguros tendiam a acalmar-se mais se o companheiro providenciasse apoio emocional, ao passo que indivíduos inseguros (concretamente, desligados) respondiam mais favoravelmente ao apoio do parceiro se o mesmo fosse de cariz instrumental.

Um ícone dos estudos de cariz observacional naturalista é o de Fraley e Shaver (1998), que analisaram o comportamento de casais em situações de separação (despedida) em aeroportos, salientando comportamentos de distanciamento, menor procura de contacto físico e ocular com o parceiro em mulheres tidas como evitantes, não se registando esta diferenciação em indivíduos do sexo masculino.

Contemporâneo deste trabalho é o desenvolvimento da *Couple' Interaction Task* – CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998), no âmbito do *Parent-Child Minnesota Longitudinal Study*, baseada no procedimento de interacção diádica de Cox (1991, *cit in* Collins *et al.*, 1998) para a observação da interacção do casal. Trata-se de um procedimento que envolve a avaliação de comportamentos diádicos ocorridos no âmbito de tarefas desafiantes e activadoras do sistema de vinculação, incluindo uma tarefa organizada em dois momentos distintos (registados em vídeo), que apela aos processos de resolução de problemas e de negociação: num primeiro momento, é solicitado ao casal que, após ter seleccionado de entre uma listagem de tópicos aquele que se apresenta como o ponto de maior discórdia na relação, discuta o problema e procure resolver o conflito de modo a alcançar uma solução satisfatória para ambos; num segundo momento, o casal deverá cooperar na descrição de uma relação ideal ou de um casal perfeito, descentrando-se da própria relação, por recurso a metodologia Q-sort. A cotação da CIT envolve a análise de comportamentos

partilhados de expressão e regulação do afecto, negociação e resolução de conflitos, assim como de comportamentos característicos de relações de vinculação (base segura, solicitação ou prestação de cuidados)²⁶.

Constitui-se de particular relevância o enfoque longitudinal de Sroufe, Egeland, Carlson e Collins (2005b) na utilização da *CIT* no contexto das relações íntimas. Ampla investigação por estes autores e sua equipa realizada enfatiza o papel desempenhado pelas experiências de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento quer na qualidade global da interacção estabelecida entre o casal, quer em aspectos específicos da mesma aos 20 e aos 26 anos de idade. Concretamente, a desorganização da vinculação na infância assume-se como um significativo preditor de hostilidade na interacção com o parceiro/a, bem como de uma reduzida capacidade de resolução de conflito na idade adulta (Sroufe *et al.*, 2005b). Ao incluir, nesta associação de variáveis, índices de competência na relação com os pares e na relação com os pais, a mesma vê-se fortemente potenciada²⁷. A título ilustrativo, é de salientar que quando contemplado o suporte auferido pelos pais numa tarefa de interacção com o indivíduo aos 13 anos, a predição da relação entre o padrão de vinculação na infância e a capacidade de resolução de conflito na relação íntima (avaliada pela *CIT*) aumenta significativamente²⁸. Neste sentido, sublinha-se a relevância do papel das

²⁶ Esta metodologia será alvo de maior aprofundamento no Capítulo III.

²⁷ O papel das relações entre pares na adolescência no desenvolvimento de relações íntimas não pode ser negligenciado, conforme enfatiza Furman (1999). Este autor salienta a relevância do trabalho de Hazan e Shaver (1987), apontando, contudo, como lacunar a omissão no seu modelo das contribuições do relacionamento entre pares na adolescência. Este contexto de desenvolvimento interpessoal é proposto por Hartup (1992) como de excelência, como sublinhariam Newcomb, Bukowski e Bagwell (1999). Furman coloca ainda em evidência o cariz sinérgico que os diversos contextos interpessoais em que o sujeito se move imprimem na competência relacional individual, de modo consentâneo com o evidenciado por ampla investigação (e.g. DeHart, Sroufe, & Cooper, 2000; Sroufe, Cooper & DeHart, 1996; Sroufe, Egeland & Carlson, 1999).

²⁸ O papel do comportamento de base segura na infância por parte da figura de vinculação (especificamente a mãe) no comportamento de base segura com o parceiro na idade adulta é alvo de análise do trabalho de Crowell, Treboux, Gao, Fyffe, Pan e Waters (2002), sendo significativa a correlação entre estas duas dimensões.

experiências de vinculação precoce, do relacionamento intra-familiar e com os pares na capacidade de estabelecimento e manutenção de relações íntimas na idade adulta (e.g. Collins & Sroufe, 1999; Sroufe *et al.*, 2005b).

Na esteira do trabalho encetado por Simpson, Rholes e Philips (1996), ao nível do enfoque observacional das interações de casal dever centrar-se no processo de conflito e sua resolução, Simpson, Collins, Tran e Haydon (2007) começam recentemente a redirigir à *CIT* um olhar sobre as estratégias negativas diádicas de gestão e resolução do conflito, adoptando destas uma concepção dimensional polarizada entre envolvimento no conflito e retirada do conflito. Estes autores desenvolvem quatro escalas suplementares de avaliação (tipo *likert*, 5 pontos): (i) exigência-isolamento, referente a interações em que um dos elementos do casal se queixa ou acusa, propondo mudança de comportamento, obtendo como resposta do companheiro isolamento, retraimento na interação ou mudança de assunto; (ii) exigência-aquiescência, relativa a interações em que um dos elementos do casal protesta ou reclama, enquanto o parceiro anui às queixas e exigências apresentadas no sentido de evitar a escalada de conflito; (iii) acusação recíproca, presente em interações em que se verifica mutualidade de exigências ou acusações, num processo de escala ininterrupto; e (iv) evitamento recíproco, no qual ambos os elementos do casal se esquivam ao debate de tópicos tidos como sensíveis ou geradores de conflito. De acordo com esta proposta de cotação da *CIT*, os papéis desempenhados pelos elementos do casal no processo de gestão e resolução do conflito podem descrever-se como simétricos, em que ambos os indivíduos se envolvem ou se retiram do conflito, ou assimétricos, em que um dos elementos do casal se envolve enquanto o outro se retira. No entanto, pelo facto de a cotação contemplar o visionamento de 10 minutos de interação, torna-se viável que coexistam diferentes estratégias de resolução de conflito ao longo da mesma.

Numa investigação com 78 casais com idades compreendidas entre os 21 e 23 anos e com uma duração mínima de relacionamento de 4 meses, Simpson e cols. verificaram que 54 casais (70%) apresentavam pelo menos uma estratégia negativa de resolução de conflito, 23 casais (30%) apresentavam duas, ao passo que 9 casais manifestavam a coexistência de três estratégias negativas de

gestão e resolução de conflito, não se registrando nenhum casal que evidenciasse as quatro estratégias numa mesma interação. Considerando os casais que exibiam duas estratégias, a combinação do evitamento recíproco e da acusação recíproca apresentou-se como a mais frequente, tal como o verificado em casais que evidenciavam o uso de três estratégias, adicionando-se-lhe a exigência-isolamento²⁹.

O racional e o enfoque atribuído por Simpson e cols. (2007) aos processos de resolução de conflito na interação de casal adota a proposta subjacente ao *Couple Interaction Rating System* - *CIRS* apresentada por Heavey, Gill, & Christensen (1996) inserido no *Couple Therapy Project*³⁰ e dirigida à avaliação da estratégia exigência-isolamento no processo de resolução de conflito. Neste sistema de cotação são contempladas duas dimensões no eixo “exigência” - culpabilização e pressão para a mudança; e três dimensões no eixo “isolamento” - isolamento, evitamento e discussão (conceptualizada e cotada inversamente), sendo a totalidade das dimensões cotadas numa escala *likert* de 9 pontos. Utilizando a *CIRS* com instrumentos de auto-relato de avaliação da satisfação conjugal em casais envolvidos em processos terapêuticos, verifica-se que níveis superiores desta estão associados a um menor recurso à estratégia exigência-isolamento na resolução de conflito (Eldridge, 2000), resultados estes globalmente similares aos verificados anteriormente com amostras diversas, como casais não-clínicos (Christensen & Shenk, 1991) e casais indicados para psicoterapia por violência doméstica (Holtzworth-Munroe, Smutzler & Stuart, 1998).

No âmbito do *Stony Brook Adult Relationship Project* e com o intuito de avaliar a relação estabelecida entre segurança da vinculação e qualidade da interação

²⁹ A partir da *CIT*, outras propostas de cotação estão a emergir, reflexo de enfoques mais centrados na dimensão não verbal do comportamento e do uso do poder (Ostrov & Collins, 2007) ou considerando as contribuições individuais que os sujeitos aportam ao contexto diádico (Collins, Simpson, Orina & Haydon, em preparação).

³⁰ Coordenado conjuntamente pela *University of California at Los Angeles* e pela *Washington University*.

de casal, foi desenvolvido um conjunto de estudos sobre vinculação com casais que incluía a avaliação de cariz observacional do comportamento centrado no conceito de base segura, por intermédio do *Secure Base Scoring System* - SBSS desenvolvido por Crowell, Pan, Gao, Treboux e Waters (1998). Este sistema de cotação, que pretende assumir-se como análogo à observação de comportamentos de vinculação de Ainsworth e cols. (1978), contempla a avaliação individual (i.e. de cada um dos elementos da díade, separadamente) da activação do sistema de cuidados de modo diferencial, analisando, deste modo, comportamentos de procura de cuidados e comportamentos de prestação de cuidados ocorridos no decurso de uma interacção de aproximadamente 15 minutos em que é solicitado ao casal que eleja um tópico gerador de discórdia na relação e que procure chegar a uma solução consensual.

A avaliação do adulto que evidencia comportamentos de vinculação por meio deste sistema de cotação inclui a apreciação da qualidade do comportamento de procura de cuidados por intermédio de quatro escalas tipo *likert* de 7 pontos: (i) intensidade e clareza da sinalização do *distress*; (ii) manutenção da sinalização do *distress*; (iii) aproximação à figura de vinculação (denotando a expectativa desta providenciar suporte); (iv) abertura e capacidade de ser confortado (i.e. cuidado pela figura de vinculação). É ainda atribuído ao indivíduo um valor global (que se configura como compósito dos anteriores) de uso da base segura. Por seu turno, a avaliação do adulto enquanto prestador de cuidados advém da concepção de Ainsworth e cols. (*ibidem*) sobre a sensibilidade, acessibilidade e responsividade (que inclui aceitação e cooperação). Neste âmbito, o indivíduo é avaliado em quatro escalas tipo *likert* de 7 pontos: (i) interesse no parceiro (ou promoção da exploração); (ii) reconhecimento dos sinais de *distress* do parceiro; (iii) interpretação do *distress*; e (iv) responsividade. De modo análogo ao verificado anteriormente, é ainda atribuído ao indivíduo um valor global de provisão de base segura.

O procedimento de cotação envolve o visionamento da totalidade da interacção (registada em vídeo), a identificação da natureza do tópico em debate (especificamente se o mesmo é tido como estritamente relacionado com a vinculação – ou seja, que ameacem explicitamente o bem-estar do próprio, da

relação e/ou da figura de vinculação) num dado momento da interacção, identificação dos membros do casal enquanto recorrendo a suporte ou prestando-o nos diferentes episódios e atribuição do valor correspondente a cada uma das escalas de cotação.

Recorrendo à amostra de 157 casais com uma relação de noivado a que já aludimos, Crowell e cols. (2002) examinaram, no âmbito de um estudo mais lato, a validade e utilidade da *SBSS* na avaliação do comportamento de base segura em casais em articulação com outras dimensões do funcionamento conjugal, mormente o processo comunicacional pelo casal evidenciado. Para tal, cada interacção de casal foi cotada de forma cega por um grupo de juízes treinados no *SBSS* e por outro grupo de juízes formados no *RMICS*, procedendo-se à análise comparativa das cotações atribuídas. De acordo com o esperado do ponto de vista teórico, registaram-se correlações positivas significativas entre o recurso e provisão de base segura avaliado pelo *SBSS* com as escalas de comportamentos diádicos positivos avaliados pelo *RMICS*. Ao verificar-se também correlações negativas significativas entre o recurso e provisão de base segura avaliado pela *SBSS* com as escalas de comportamentos diádicos negativos avaliados pelo *RMICS*, denotou-se não só a adequabilidade do *SBSS* enquanto sistema de avaliação de comportamento de base segura, como também a pertinência de articulação de sistemas de avaliação complementares de forma a melhor compreender a complexidade inerente ao relacionamento íntimo na idade adulta.

A relevância da intimidade assenta mais no afecto partilhado, do que no afecto experienciado (Crittenden, 1997), ou, nas palavras de Cassidy (2001) “na partilha do *self*”, projectando-o para uma dimensão marcadamente relacional. Esta projecção, consubstanciada pela Teoria da Vinculação, permite ultrapassar a dicotomia veiculada pela literatura entre os processos mentais internos (individuais) e os comportamentos manifestados (na interacção) no contexto das relações conjugais, sublinha a relevância de analisar as relações de vinculação na idade adulta de um modo compreensivo, e assim integrar as diferentes metodologias de avaliação das relações íntimas. Nesse sentido, várias investigações têm sido realizadas, tendo Roisman e cols. (2005), bem como

Crowell e cols. (2002) articulado de modo particularmente relevante as metodologias de cariz representacional e comportamental.

Do estudo longitudinal desenvolvido por Roisman e cols. (2005) emerge a associação entre a representação da vinculação e o afecto expresso na interacção, denotando-se uma menor ocorrência de manifestação de afecto negativo naqueles sujeitos cuja narrativa se apresentava como mais coerente (indicador de segurança), registando-se, ao invés, uma interacção mais positiva. Por sua vez, o trabalho desenvolvido por Crowell e cols. (2002) centra-se na relação entre a representação da vinculação e a capacidade de o sujeito recorrer ao cônjuge como base segura e ante ele constituir-se como tal, registando-se que ambas as valências são mais facilmente observáveis em indivíduos classificados como Seguros por meio da AAI. Contudo, conforme anteriormente exposto, a organização da vinculação não se assume como factor unicausal do comportamento de vinculação no contexto da relação, havendo necessidade de considerar o cariz co-construído de uma relação íntima, tal como o veiculam Crowell, Treboux e Waters (2002). Segundo estes autores, o comportamento do sujeito está mais fortemente associado à sua organização de vinculação do que ao comportamento ou organização de vinculação do parceiro, e que não obstante a estabilidade, existe espaço para a co-construção e reorganização de experiências com o outro significativo. Ao atentar particularmente à relação entre as configurações de (in)segurança-AAI/CRI estabelecidas por Crowell e cols (2002), e o comportamento de base segura evidenciado pelos indivíduos numa tarefa de interacção de casal, o seu estudo apontou para o facto do grupo Seguro-AAI/Seguro-CRI ser aquele que apresentava maior frequência e qualidade de comportamentos de prestação de cuidados, bem como níveis mais reduzidos de conflito relacional. No outro pólo, identificaram o grupo inseguro-AAI/Inseguro-CRI como aquele que apresentava o comportamento de base segura mais ineficaz e maiores índices de conflito relacional sem capacidade de resolução, ao passo que o comportamento evidenciado pelos outros grupos no espectro da insegurança (Seguro-AAI/Inseguro-CRI e Inseguro-AAI/Seguro-CRI) foi genericamente qualificado como pobre no comportamento de base segura e mais volátil em função do nível de *distress* experienciado na interacção do casal.

Em suma, são diversos os sistemas de cotação da interacção de casal, alicerçados em múltiplos racionais teóricos, tendo sido desenvolvidos quer como instrumentos específicos enquadrados em investigações mais latas, quer como ferramentas de avaliação e intervenção clínica. No âmbito específico da Teoria da Vinculação, a crescente relevância auferida a metodologias de cariz observacional no contexto de relações íntimas da idade adulta é inequívoca, patenteando, em nosso entender, a pertinência dos trabalhos de observação comportamental de Ainsworth com bebés. De facto, se a transposição da Teoria da Vinculação para o terreno empírico se viabilizou por metodologias rigorosas de observação do comportamento diádico mãe-bebé, a mudança do foco e, necessariamente, da conceptualização e avaliação com adultos consubstancia-se, (por intermédio do conceito de modelos internos dinâmicos) pelo *move to the level of representation* preconizado por Main, a ele não se circunscrevendo, mas ao invés, integrando o comportamento diádico adulto, cujo macro-objectivo é concebido como análogo ao evidenciado pela díade mãe-bebé. De seguida debruçar-nos-emos sobre a avaliação dos estilos de vinculação na idade adulta (construto eminentemente associado à avaliação da percepção do indivíduo) e seus correlatos no domínio das relações íntimas.

3. ESTILOS DE VINCULAÇÃO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

Apesar do já considerável volume de investigação em torno da representação e comportamento de vinculação nas relações íntimas, importa recordar que a vinculação na idade adulta foi conceptualizada inicialmente por investigadores com raízes na Psicologia Social, mediante o recurso a instrumentos de auto-relato para avaliação de estilos de vinculação.

A pluralidade dos trabalhos dirigidos à avaliação das diferenças individuais no modo como os adultos se percebem nos relacionamentos com outros, e no

estabelecimento, manutenção e qualidade das relações íntimas pode ser organizada em três tipos de abordagens distintas: a categorial ou tipológica, a dimensional, e a prototípica (Fraley & Spieker, 2003).

3.1. ABORDAGEM CATEGORIAL OU TIPOLOGICA

Derivado da tipologia de Ainsworth e cols. (1978) e congregando aspectos centrais à experiência relacional íntima, Hazan e Shaver (1987) elaboraram um questionário tripartido, composto por 56 itens dirigidos à avaliação das experiências de amor do indivíduo (que incluía a avaliação da amizade, confiança, felicidade, aceitação, atracção sexual, medo de intimidade, ciúme, emoções contraditórias, preocupações obsessivas, amor à primeira vista e desejo de união e de reciprocidade); questões de cariz demográfico e em torno da história da relação, e questões alusivas à história das relações de vinculação e modelo mental do sujeito face às suas relações amorosas, do qual se deriva um estilo de vinculação, organizado em seguro, evitante ou ansioso/ambivalente. A avaliação do modelo mental de vinculação faz-se de um modo categorial, devendo o indivíduo indicar o quanto se revê em três descritores dos seus sentimentos e pensamentos relativamente às suas relações íntimas.

Realizando dois estudos junto de amostras de 620 sujeitos e 108 sujeitos, os autores encontraram distribuições pelos três estilos de vinculação similares às que haviam sido encontradas com crianças, com predominância para o estilo Seguro (56% da amostra), seguido do Evitante (25% da amostra) e do estilo Ambivalente-ansioso (19% da amostra), sendo que ao estilo de vinculação dos indivíduos estavam associadas percepções e concepções sobre o amor distintas. Assim, e conforme expectável do ponto de vista teórico (Hazan & Shaver, 1987), os indivíduos tidos como Seguros apresentavam relações mais duradouras, caracterizavam-nas como de confiança e amizade e avaliavam-nas como felizes, considerando aceitar e apoiar o companheiro independentemente das suas imperfeições. Já nos indivíduos considerados Evitantes, o medo da intimidade, o

ciúme e a coexistência de sentimentos antagônicos pautavam as relações, ao passo que em indivíduos avaliados como Ambivalentes, ao amor associavam-se cogitações de cariz obsessivo relativamente à percepção de perda e abandono, contrabalançadas por intensos anelos de posse e fusão com o outro, sublinhando-se ainda ciúme excessivo e atracção sexual. Paralelamente, no que concerne aos modelos mentais relativos ao amor, os autores verificaram a existência de diferenças em função dos estilos de vinculação adulta, com os indivíduos Seguros a considerarem-se capazes de estabelecer relações e ser valorizados pelos demais, confiando nas intenções relacionais do outro, ao invés do que ocorre com os indivíduos Ambivalentes, que se apresentavam duvidosos de si, sentindo-se menos compreendidos e apreciados pelos outros, que consideravam como menos capazes de investir na relação. Os indivíduos Evitantes avaliavam o amor romântico como não existindo na sua essência, considerando que a intensidade emocional tende a diminuir, não existindo possibilidade de reavivar a relação se a mesma esmorecesse.

Esta linha de investigação foi ampliada pelos trabalhos de Feeney e Noller (1991), que procuraram não apenas replicar os resultados obtidos por Hazan e Shaver, ao nível das relações entre estilo de vinculação, história da vinculação e modelos mentais, mas também investigar as relações entre a teoria da vinculação e dimensões associadas ao amor. Com uma amostra constituída por sujeitos de ambos os sexos, entre os 17 e os 58 anos, este estudo teve por base o questionário de Hazan e Shaver, o *Coopersmith Self-Esteem Inventory* e duas escalas sobre o amor, desenvolvidas por Hendrick e Hendrick, o *Love Attitudes Scale*, e por Rubin, o *Scale of Love*, tendo os autores alcançado resultados consistentes com as características essenciais dos três estilos de vinculação encontradas por Hazan e Shaver (1987). Deste modo, comparativamente a ambos os grupos Inseguros, os sujeitos Seguros evidenciam níveis mais elevados de confiança em si próprios e nas suas relações. A característica principal do grupo Evitante era justamente o evitamento da intimidade, ao passo que a característica discriminante do grupo Ambivalente revelou ser a dependência face ao outro, assumindo-se a relação ideal como uma do tipo fusional.

Um outro estudo longitudinal levado a cabo por Kirkpatrick e Hazan (1994) viria a corroborar estes dados apontando para a manutenção dos relacionamentos entre sujeitos Seguros quatro anos após a avaliação, enquanto sujeitos Evitantes estariam comumente envolvidos em múltiplas relações sem grande compromisso emocional (ou não tendo qualquer tipo de relacionamento íntimo), característica partilhada por sujeitos avaliados como Ambivalentes, diferenciando-se estes dos sujeitos Evitantes pelo desejo de estar envolvidos numa relação.

Em consonância com estes resultados, surgem os dados encontrados por Brennan e Shaver (1995), que evidenciam que sujeitos com estilos de vinculação segura tendem a confiar no outro, vivendo as suas relações afectivas de modo mais positivo. A capacidade de negociação e de resolução de conflitos é nestes indivíduos mais evidente, destacando-se igualmente a aceitação do outro não obstante os seus defeitos. Pelo contrário, nos sujeitos Evitantes, a dificuldade em depender do outro e de a ele recorrer, em concomitância com o evitamento da intimidade, marca o relacionamento amoroso. A dúvida quanto à existência ou estabilidade do amor, associada à desconfiança de a relação com o outro ser portadora de algo positivo (Baldwin *et al.*, 1993), evidencia a crença da auto-suficiência, que em si mesma gera uma hiper-activação quanto aos possíveis sinais de aproximação do outro e consequente activação do sistema de vinculação. Nos sujeitos Ambivalentes, sobressai o intenso medo de abandono, antagonizado pelo desejo de fusão com o outro, pautado pela desconfiança, ciúme e uma maior vulnerabilidade à solidão.

Scott e Cordova (2002) avaliam a influência dos estilos de vinculação na associação entre ajustamento e satisfação conjugal (avaliado pelo *Dyadic Adjustment Scale* – DAS; Spanier, 1976) e sintomatologia depressiva (medida pelo *Beck Depression Inventory* – BDI; Beck & Steer, 1993), adoptando como referencial a tipologia de Hazan e Shaver, na qual introduzem algumas alterações. Especificamente, estes investigadores da Universidade de Illinois solicitam aos participantes (neste estudo, 91 casais heterossexuais casados, com idades compreendidas entre os 19 e os 78 anos) que, ao invés de seleccionarem o parágrafo que melhor os caracteriza, coteiem cada uma das três afirmações

numa escala *likert* de 7 pontos³¹. Os resultados revelaram efeitos de moderação do estilo de vinculação na associação entre satisfação conjugal e depressão, verificando-se que esta associação apenas emergia nos sujeitos que cotaram baixo em “seguro”, sendo especialmente elevada em sujeitos que obtiveram valores altos ou muito altos em “ansioso/ambivalente” (ambos os resultados são verificados independentemente do sexo).

Em síntese, o paralelismo teorizado por Hazan e Shaver entre as relações de vinculação na infância e as experienciadas na idade adulta parece consubstanciar-se no domínio empírico, constituindo o seu trabalho um passo decisivo na compreensão das diferenças individuais da experiência do amor e das crenças, sentimentos e expectativas sobre si e o outro no contexto relacional íntimo. Importa salvaguardar, todavia, que no plano metodológico o estudo não é isento de algumas considerações, nomeadamente, e conforme o asseveram os autores, a categorização simplista do modelo mental que subjaz ao instrumento que não abarca a complexidade associada ao construto em causa, a que Ainsworth atendeu no seu estudo sobre a vinculação precoce (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Apesar destas considerações, é irrefutável a atribuição a Hazan e Shaver do epíteto de fundadores do estudo da vinculação entre adultos, que paulatina e proficuamente se tem desenvolvido nas duas últimas décadas.

3.2. ABORDAGEM DIMENSIONAL

Adoptando uma matriz dimensional, à qual subjaz uma avaliação contínua da vinculação, Collins e Read (1990) desenvolveram a *Adult Attachment Scale - Revised* – AAS-R (na sequência da *Adult Attachment Scale*, desenvolvida por estes autores no mesmo ano) extraíndo dos três parágrafos de Hazan e Shaver

³¹ Esta alteração prefigura-se, em nosso entender, como enquadrada numa abordagem prototípica, de que daremos conta no ponto 3.3..

(1987) quinze itens (equitativamente eduzidos) a que adicionam outros seis, dirigidos à avaliação das crenças sobre a disponibilidade da figura de vinculação e a sua resposta quando requerida (três itens) e das reacções à separação da figura de vinculação (três itens).

Da avaliação das características psicométricas do instrumento com uma amostra de 470 pessoas, resultou a versão actual do questionário com o total de 18 itens que, por meio de análise factorial se organizam em três dimensões (seis itens cada): (i) *Close* (com *alpha* de Cronbach de .69), referente à avaliação do conforto percebido pelo indivíduo no estabelecimento de relações próximas e íntimas; (ii) *Depend* (com *alpha* de Cronbach de .75), que avalia o modo como o indivíduo sente poder depender de outros em situações que deles necessite; e (iii) *Anxiety* (com *alpha* de Cronbach de .72), que avalia a preocupação do indivíduo em ser abandonado ou rejeitado.

As dimensões da *AAS-R* parecem estar associadas a diferenças entre indivíduos avaliados como violentos e não violentos em contexto conjugal, apresentando os primeiros valores superiores na escala *Anxiety* e valores inferiores nas escalas *Close* e *Depend* quando comparados com os indivíduos sem história de perpetração de violência conjugal (Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson, 1997).

O interesse da avaliação dos estilos de vinculação no contexto terapêutico deu azo a que Mallinckrodt, Coble e Gantt (1995) examinassem a relação entre estes (pelo recurso à *AAS-R*) e a aliança terapêutica em 76 mulheres envolvidas num processo psicoterapêutico, verificando uma associação negativa entre a subescala *Anxiety* e dimensões da aliança terapêutica (como objectivos, tarefas e relação). Em Portugal, um estudo com resultados similares foi desenvolvido por Coutinho (2005), urgindo a necessidade de trabalhos complementares para a compreensão da relação entre estes dois construtos.

Apesar de distintos, é passível o estabelecimento de paralelismos entre os sistemas de classificação categorial e dimensional, como evidencia o trabalho de Morrison, Urquiza e Goodlin-Jones (1997) que recorrem simultaneamente à medida de Hazan e Shaver e à de Collins e Read, na avaliação da associação entre estilos de vinculação e hostilidade no contexto da relação íntima.

Em contexto nacional, Canavarro (1999) procedeu à adaptação da escala, adoptando a designação de *Escala da Vinculação do Adulto – EVA*. Administrando o instrumento a 192 indivíduos, a autora extraiu três factores capazes de explicar 46,67% da variância, a que denominou de vinculação ansiosa, segura e evitante³², com poder discriminativo entre população não-clínica e população com perturbações de humor e ansiedade (Canavarro, 1999). A *EVA* tem sido utilizada em diversos estudos em Portugal com uma significativa diversidade de amostras da população em geral (Almeida, 2005; Vieira, 2008) e de vários subgrupos da população clínica, nomeadamente com perturbações do comportamento alimentar (Terenio *et al*, 2001; Marques, 2004), e perturbações de internalização (Coutinho, 2005). Dada a relevância e utilidade deste instrumento de avaliação da vinculação do adulto, Canavarro, Dias e Lima (2006) analisaram as suas características psicométricas recorrendo a uma amostra mais ampla do que a inicialmente utilizada por Canavarro (1999). Assim, numa amostra de 434 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos da população geral a quem foi administrada a *EVA*, os autores extraíram três factores a que designaram por (i) Ansiedade (*alpha* de *Cronbach* de .84), (ii) Conforto com a proximidade (*alpha* de *Cronbach* de .67), e (iii) Confiança nos outros (*alpha* de *Cronbach* de .54). Esta solução factorial, responsável por 46,9% da variância, replica parcialmente a estrutura proposta por Canavarro (1999), aproximando-se, no entanto, de modo mais significativo da verificada no instrumento original desenvolvido por Collins e Read (1990)³³.

³² A nomenclatura adoptada por Canavarro é similar à proposta por Hazan e Shaver (1987), sendo as correspondências terminológicas e de conteúdo as seguintes: vinculação ansiosa – *anxiety*; vinculação segura – *close*; e vinculação evitante – *depend*. Não obstante esta designação, a matriz dimensional presente na avaliação da vinculação do adulto pela *AAS-R* mantém-se na versão portuguesa da *EVA*.

³³ Apesar de se ter verificado similitude entre as dimensões de Canavarro (1999) - Vinculação Ansiosa, Vinculação Segura e Vinculação Evitante - e as designadas respectivamente por *Ansiedade*, *Conforto com a Proximidade*, e *Confiança nos Outros*, na proposta de Canavarro, Dias e Lima (2006), a mudança da terminologia prendeu-se com o facto de a estrutura factorial da escala se aproximar mais da proposta de Collins e Read (1990) do que da versão de Canavarro (1999).

3.3. ABORDAGEM PROTOTÍPICA

Finalmente, as abordagens prototípicas procuram conciliar as propostas categoriais e contínuas, identificando especificidades de um dado grupo de indivíduos e em simultâneo contemplando (no seu seio) a variabilidade individual. Bartholomew (1990) é tida como a preconizadora destas abordagens, tendo elaborado um modelo bidimensional composto por eixos dicotomizados de modelo de si, e modelo dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). Da *interface* destes eixos são derivados quatro padrões de vinculação: o Seguro, o Preocupado, o Desligado e o Amedrontado, oriundos da cotação da *Attachment Interview* por si desenvolvida (entrevista semi-estruturada constituída por questões sobre relações de amizade do sujeito, relações amorosas e sentimentos e percepções generalizadas sobre a importância das relações íntimas).

O protótipo Seguro é caracterizado pela valorização das relações íntimas, pela capacidade de as manter sem prejuízo da autonomia pessoal, sobressaindo a coerência (reflectida) nas narrativas sobre as relações. Por seu turno, a classificação Desligado é caracterizada pela desvalorização da importância das relações íntimas e pela ênfase na independência e na auto-determinação face à relação – e ao(s) outro(s) -, verificando-se incoerência de discurso relativamente às relações. O protótipo Preocupado caracteriza-se por um hiper-envolvimento nas relações íntimas, pela tendência em idealizar os outros e pela incoerência e exagero da expressão das emoções na discussão das relações. Por último, o protótipo Amedrontado é caracterizado pelo evitamento das relações íntimas, não por crença na independência do sujeito, mas antes por o indivíduo temer ser rejeitado, numa manifestação de insegurança pessoal e receio face ao envolvimento com o outro.

Bartholomew e Horowitz (1991) conduziram um estudo recorrendo a uma amostra de 77 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos, e encontraram a seguinte distribuição: 47% dos sujeitos eram

Seguros, 21% Amedrontados, 18% eram tidos como Desligados e 4% foram avaliados como Preocupados, verificando-se diferenças significativas entre os quatro grupos no que concerne a problemas interpessoais. Por exemplo, os sujeitos Amedrontados revelaram-se mais capazes de referir problemas que evidenciavam passividade nas relações com os outros, enquanto os sujeitos considerados Desligados apresentavam mais dificuldades relacionadas com a falta de envolvimento com os outros.

Utilizando a medida de Bartholomew e Horowitz (1991), e com o intuito de examinar a relação entre estilos de vinculação, auto-estima e padrões de procura de *feedback* do parceiro, Brennan e Morris (1997) verificaram que os sujeitos avaliados como Seguros eram os que apresentavam níveis mais elevados de auto-estima e de capacidade de procura de *feedback* positivo do parceiro. Curiosamente, e em conformidade com o esperado do ponto de vista teórico, os indivíduos Desligados apresentavam também níveis elevados de auto-estima, não sendo, todavia, capazes de realizar o movimento em direcção ao parceiro. Esta incapacidade estava patente de modo análogo nos sujeitos tidos como Amedrontados e Preocupados, registando-se nestes, níveis baixos de auto-estima e de percepção de competência pessoal.

Num estudo exploratório realizado por Canavarro, Dias e Lima (2006) com 434 sujeitos procedeu-se à classificação nos protótipos de vinculação propostos por Bartholomew (1990) das dimensões derivadas da *EVA*, conforme sugestão de Collins (1996, comunicação pessoal). A partir dos valores médios das dimensões Ansiedade, Confiança nos outros e Conforto com a proximidade, e do valor compósito das duas últimas (a partir do qual se derivou a variável *Conforto/Confiança*), procedeu-se à classificação dos indivíduos a partir do valor médio compósito *Conforto/Confiança* e do valor médio na variável *Ansiedade*. Assim, indivíduos que apresentaram valores superiores ao valor médio da escala (3) na variável *Conforto/Confiança* e valores inferiores ao valor médio na variável *Ansiedade* foram classificados como Seguros (64,3% da amostra); os que apresentaram valores superiores aos valores médios nas variáveis *Conforto/Confiança* e *Ansiedade* foram classificados como Preocupados (10,6% da amostra); os que apresentaram valores inferiores a 3 nas variáveis

Conforto/Confiança e *Ansiedade* foram classificados como Desligados (7,8% da amostra); e, finalmente, os que apresentaram valores inferiores ao valor médio em *Conforto/Confiança* e superiores ao valor médio em *Ansiedade* foram classificados como Amedrontados (6,2% da amostra).

A investigação relacionada com os estilos de vinculação nas relações íntimas recorre ainda a estudos de diários em articulação com o recurso a instrumentos de auto-relato (e.g. Kafetsios & Nezlek, 2002; Shaver, Schachner & Mikulincer, 2005). Nesta linha, num duplo estudo realizado recentemente, Sibley e Liu (2006) procuraram avaliar os efeitos dos estilos de vinculação em relação ao parceiro na avaliação subjectiva da qualidade dos relacionamentos estabelecidos em diversos contextos relacionais, conforme a organização auferida por Overall, Fletcher e Friesen (2003): relação com o parceiro, relação com um familiar, relação com um amigo próximo e relação com outra pessoa, como um colega ou conhecido. Derivados teoricamente do modelo bidimensional de Bartholomew e Horowitz (1991), sobre o desenvolvimento do *modelo do self* e o *modelo do outro*, e assentando na premissa Bowlbyana da organização hierárquica das relações de vinculação, na qual a representação da vinculação com um indivíduo se encontra subordinada à representação global do *outro* (*vide* Baldwin, Keelan, Fehr, Enns & Koh-Rangarajoo, 1996), Sibley e Liu (2006) hipotetizaram, na senda do trabalho desenvolvido por Tidwell, Reis e Shaver (1996), que os estilos de vinculação centrados numa dada relação se constituirão como melhores preditores da qualidade da mesma face a outros contextos relacionais.

O primeiro estudo destes autores contou com a participação de 71 alunos do ensino superior com idades compreendidas entre os 17 e 37 anos, a quem era solicitado o preenchimento do *Relationship Questionnaire* - RQ e a elaboração de um *Diário de Interação Social* - DIS, no qual indicariam, para cada interação estabelecida por períodos superiores a 10 minutos, os níveis percebidos de intimidade, prazer e aceitação, especificando ainda a que categoria pertencia o interlocutor (parceiro, familiar, amigo, outro). Dos resultados encontrados sobressai a associação entre elevados níveis de evitamento (avaliado pelo RQ) e baixos índices de qualidade na interação social (pelo resultado compósito dos

valores de intimidade, prazer e aceitação do DIS relação). Em acréscimo, registou-se uma correlação entre baixos valores nas escalas de ansiedade e evitamento (características de sujeitos tidos como seguros) e a elevada qualidade da interacção com os diversos interlocutores, sendo no entanto esta correlação significativa somente para a relação com o parceiro. O segundo estudo introduz como principal diferença a avaliação do estilo de vinculação, recorrendo desta feita ao *Revised Experiences in Close Relationships – ECR-R*, bem como a avaliação da qualidade da interacção social apenas por meio do nível percebido de prazer experienciado em cada interacção. De modo global, os resultados deste estudo são concordantes com os anteriores, com excepção de ao evitamento estar também associada uma percepção mais negativa da qualidade da interacção com um membro da família.

Com base nestes resultados, Sibley e Liu consideram que as experiências e a organização da vinculação são específicas de uma dada relação e por isso dificilmente generalizáveis a outros contextos relacionais. Em nosso entender, o principal aporte destes estudos assenta na operacionalização das asserções de Kobak (1999) sobre o cariz transaccional das relações de vinculação, sublinhando a dimensão eminentemente diádica que a elas subjaz, não invalidando, porém, a relativa consistência da representação da vinculação em distintos contextos relacionais (e.g. Cook, 2000).

Atentemos agora às diferenças encontradas entre os estilos de vinculação e a experienciação da sexualidade, tida por Ainsworth (1985) e Hazan e Shaver (1987) como o elemento diferenciador das relações de vinculação na idade adulta. Assim, ainda que relações de intimidade possam não ser consideradas relações de vinculação, como sucederá em relacionamentos sexuais que, envolvendo intimidade, não impliquem necessariamente a existência de uma relação de vinculação, considera-se que a integração dos três sistemas propostos por Ainsworth contribui para o estabelecimento da intimidade que, do ponto de vista desenvolvimental, se assume como a tarefa crítica na idade adulta. De facto, o envolvimento sexual constitui-se na idade adulta como o objectivo

associado à procura de proximidade, ao invés do que sucede na infância, em que a procura de proximidade tem como intuito o restabelecimento da segurança (Barón, Zapiain & Apodaca, 2002). A conceptualização de que a experiência da sexualidade difere em função do estilo de vinculação encontra-se alicerçada em ampla investigação empírica, de que são ilustrativos os estudos de Brennan e Shaver (1995), Feeney, Noller e Patty (1993), Hazan e Zeifman (1994) com recurso a instrumentos de auto-relato. Estes autores encontram correlações positivas entre o estilo de vinculação Evitante e relacionamentos sexuais não integrados em relações comprometidas e caracterizadas por baixos níveis de intimidade. Indivíduos com estilos de vinculação Evitante tendem a expressar como natural o relacionamento sexual sem envolvimento afectivo, referindo os maiores níveis de desconforto com o contacto físico. Em contraste, o contacto físico é valorizado por homens tidos como Seguros, não implicando necessariamente contacto sexual explícito (Kirkpatrick, & Davis, 1994). Para estes indivíduos, o relacionamento sexual é tendencialmente estabelecido no seio de relações em que a intimidade, o compromisso e o conhecimento mútuo são valorizados. Nos indivíduos com estilo de vinculação Ansioso-Ambivalente, o *voyeurismo*, exibicionismo, comportamentos de domínio e submissão estão mais presentes no relacionamento sexual por parte das mulheres, enquanto que os homens se apresentam mais reticentes ao contacto sexual. Verifica-se, ainda, neste grupo, uma tendência para desfrutar mais de expressões de afecto não sexualizadas e da expectativa de contacto sexual do que do relacionamento sexual *per se*. Sujeitos com estilos de vinculação Ansiosa apresentam maior auto-imposição de padrões e níveis de perfeccionismo sexual, avaliando como sendo-lhes pelo parceiro imposta a exigência da perfeição no domínio sexual (Hurlbert, White, Powell, & Apt, 1993). Adicionalmente, existe evidência que associa a percepção de rejeição materna na infância e a promiscuidade sexual na idade adulta (Brennan, Shaver & Tobey, 1991) e dificuldade de comunicação e auto-revelação em torno de tópicos de cariz sexual, independentemente da orientação sexual do indivíduo (e.g., Mohr & Fassinger, 2003).

Também Hazan e Zeifman (1994) encontraram associações entre o estilo de vinculação dos sujeitos e o seu comportamento sexual, enfatizando-se que indivíduos classificados como Seguros referiam que a sua actividade sexual era

realizada no contexto de relações tidas como primárias, reciprocamente iniciada e a proximidade física valorizada. Por seu turno, sujeitos tidos como Inseguros/Preocupados, estabeleciam relações sexuais assimétricas, polarizadas em controlo e submissão, sendo de referir neste grupo um menor à-vontade na interacção por parte dos indivíduos do sexo masculino. Em concordância com estes dados encontram-se os de Whisman e Allan (1996), ao indicar que indivíduos classificados como Inseguros consideram ser imprescindível constituírem-se como parceiros sexuais exemplares. Finalmente, adultos classificados como Inseguros/Evitantes tendem a referir menor satisfação com o contacto físico, menos envolvimento afectivo no contexto da relação sexual e menor grau de intimidade com o parceiro (Hazan & Zeifman, 1994; Brennan & Shaver, 1995).

Para além do interesse em torno da influência dos estilos de vinculação no contexto sexual, inúmeros trabalhos sobre a influência dos mesmos nas diversas dimensões do relacionamento íntimo entre adultos têm sido desenvolvidos, adoptando como matriz conceptual (e, por inerência, procedimentos metodológicos específicos) contribuições das abordagens categoriais, dimensionais e prototípicas. Destaque é atribuído aos processos de comunicação em díades violentas, como ilustra o estudo de Roberts e Noller (1999), recorrendo ao *Relationship Styles Questionnaire – RSQ*³⁴ (Griffin & Bartholomew, 1994); às estratégias de resolução de conflito, de que são exemplificativos os trabalhos de Gallo e Smith (2001) com o AAS.

Conforme procurámos evidenciar ao longo deste capítulo, a teoria da vinculação, de modo particular por intermédio do construto de modelos internos dinâmicos (no qual se sublinha a dimensão diádica e co-construída no espaço relacional), constitui-se como um terreno fértil à conceptualização da vinculação

³⁴ O RSQ é um instrumento de auto-relato de 30 itens provenientes da conjugação das medidas de Hazan e Shaver (1987), Collins e Read (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991).

na idade adulta e ao desenvolvimento de um amplo *corpus* empírico, sustentado (e, em simultâneo, viabilizando) pelo desenvolvimento de um manancial de medidas de avaliação da vinculação na idade adulta de cariz representacional e comportamental, bem como sobre os estilos de vinculação e seus correlatos no âmbito das relações íntimas. Ante esta evidência, parece-nos relevante citar Roisman *et al.* (2001, p. 1)

If it is to remain a productive domain of empirical inquiry, attachment research must continue to carefully preserve, critically scrutinize and conscientiously elaborate on Bowlby's (1969/1982) insights about the coherence of human development. Central propositions include a) there are childhood roots of adaptation to adult relationships and b) nevertheless, there is an ongoing role for current experiences in shaping and even transforming developmental trajectories (...)

Estas proposições centrais constituem-se como basilares na nossa compreensão da vinculação no contexto das relações íntimas na idade adulta, exigindo no plano empírico a elaboração de estudos cujo *design* metodológico contemple a integração da *abordagem-multi* (Soares, 2007), dirigidas à compreensão mais ampla das especificidades (dos) e processos subjacentes à vinculação nas relações de casal na idade adulta, num processo continuado de refinamento e robustecimento metodológico que o viabilize.

O trabalho empírico que de seguida expomos (Capítulo III) procura responder a estes reptos, procurando contribuir para o desenvolvimento desta abordagem metodológica da vinculação em adultos, em contexto nacional.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

1. ENQUADRAMENTO E OBJECTIVOS DO ESTUDO

A profícua produção científica no âmbito dos estudos sobre a vinculação ao longo do desenvolvimento assenta no construto de modelos internos dinâmicos, que se constitui como uma ponte entre as experiências de cuidados na infância e as expectativas e crenças relativas ao *self*, aos outros e às relações com eles estabelecidas, conforme salienta Thompson (2008). Assim, este construto assume-se como uma metáfora conceptual (Weiss, 1999) a partir da qual se estabelece o estudo sobre o impacto das relações de vinculação ao longo do desenvolvimento.

Importa porém sublinhar que à multiplicidade de relações de vinculação ao longo do desenvolvimento estão associados modelos internos dinâmicos específicos, o que será particularmente relevante na idade adulta no contexto de relações íntimas de cariz amoroso. Nesta linha, destaque para os estudos desenvolvidos por Crowell e Owens (1996), Cozzarelli, Hoekstra e Bylsma (2000), ou Klohnen, Weller, Luo e Choe (2005), os quais remetem para a presença os modelos internos dinâmicos específicos (da relação íntima) mais comumente associados à qualidade das relações íntimas actuais do que ocorre com os modelos internos dinâmicos gerais.

Conforme salientam Crowell e Waters (2005), num trabalho de revisão dos seus estudos em *Stony Brook*, estes modelos específicos parecem ser iluminados pelos modelos gerais, mas são claramente construídos na singularidade da relação íntima na idade adulta. Tal advém da premissa de que, no contexto conjugal, cada um dos elementos da díade traz consigo uma representação da

vinculação, sendo impreterível que, no seio desta nova relação, seja capaz de interagir e responder a comportamentos e expectativas do outro, também eles iluminados pelos seus modelos gerais. Do ponto de vista empírico, tem vindo a ser reunido suporte a esta asserção, particularmente assente nas moderadas correlações encontradas entre os modelos internos dinâmicos gerais e específicos (e.g. Pierce & Lydon, 2001; Simpson, Rholes, Campbell & Wilson, 2003). Em acréscimo, a qualidade da representação da relação íntima, nomeadamente no que concerne à coerência da narrativa, encontra-se associada ao comportamento observado em tarefas de interacção de casal (e.g., Roisman, *et al.*, 2005; Vieira, 2008), conforme apresentámos no Capítulo II.

Em nosso entender, o processo continuado de (re/co)construção da representação das relações, do *self* e do outro, implica a diferenciação dos modelos internos dinâmicos e do seu impacto ao nível das expectativas e comportamentos no contexto das (novas) relações de vinculação. Se é certo que os investigadores muito se têm debruçado sobre esta problemática, estamos de acordo com Thompson (2008) quanto à necessidade de preencher lacunas na compreensão deste processo e com Collins, Gichard, Ford e Feeney (2004), relativamente às fragilidades metodológicas presentes neste domínio. Especificamente, Collins e cols. consideram que a avaliação da representação do modelo interno dinâmico específico tem assentado na mera adaptação de instrumentos originalmente dirigidos à avaliação dos modelos internos dinâmicos gerais (como será o caso da *CRI*), negligenciando as particularidades de uma relação de vinculação no contexto da conjugalidade.

Neste sentido, o nosso trabalho procura analisar a relação estabelecida entre o modelo interno dinâmico geral da vinculação, o modelo interno específico associado à relação íntima e o comportamento em contexto diádico. Para tal, e respondendo ao repto de Collins e cols. (2004), elaborámos uma entrevista de avaliação da relação íntima – *Intimate Relationship Interview*. A sua construção contemplou os aspectos que se assumem como singulares no contexto de uma relação íntima (Reis, & Shaver, 1988) sob a matriz da vinculação (e.g., Hazan & Shaver, 1987), de forma a colmatar as limitações da investigação prévia que não

integram esta bidimensionalidade (e.g. Prager & Buhrmester, 1998; Crowell, 1990).

No nosso estudo, procurámos ter em consideração as lacunas da investigação na área da vinculação e relações íntimas na idade adulta conforme identificadas por Simpson (2006). De facto, a literatura tende a olvidar o cariz interdependente dos processos diádicos, não permitindo uma clara compreensão do contributo particular de cada um dos indivíduos (Campbell & Kashy, 2002). Assim, no presente trabalho, é atribuído particular ênfase à compreensão do contributo específico do modelo interno dinâmico geral de cada elemento do casal na representação íntima do parceiro e na qualidade da interacção diádica. Atenta-se igualmente ao contributo individual dos elementos da díade no funcionamento global da mesma (Cook & Kenny, 2005).

Tendo em consideração o exposto, o nosso trabalho empírico encontra-se organizado em dois estudos: o **Estudo I** apresenta as características psicométricas da entrevista de representação das relações íntimas (*IRI*) e da tarefa de interacção diádica (*CIT*); o **Estudo II** incide na análise das relações entre o comportamento e a representação no contexto da conjugalidade sob a matriz da teoria da vinculação.

Desta forma, o **Estudo I** contempla a avaliação das propriedades metrológicas da *Intimate Relationship Interview* – *IRI*, entrevista desenvolvida no âmbito deste projecto, permitindo um aporte de cariz metodológico da avaliação das relações íntimas à luz da teoria da vinculação, enquanto medida de avaliação do modelo interno dinâmico específico. São ainda analisadas as características psicométricas da *Couples Interaction Task* – *CIT* em contexto nacional, considerando-se relevante uma avaliação mais parcimoniosa das dimensões envolvidas no processo de interacção de casais relativamente ao realizado em estudos anteriores (e.g., Roisman *et al*, 2001; Vieira, 2008).

No **Estudo II** é analisada a natureza da relação entre a vinculação (avaliada pela *Adult Attachment Interview*), a representação da intimidade (medida pela *Intimate Relationship Interview*) e o comportamento diádico no contexto das relações de casal (avaliado pela *Couples Interaction Task*) junto de 40 casais.

Neste âmbito, pretende-se identificar a contribuição particular do modelo interno dinâmico geral e do modelo interno dinâmico específico de cada um dos elementos do casal para a qualidade da representação conjugal do Outro. Pretende-se ainda analisar a contribuição particular do modelo interno dinâmico específico de cada um dos elementos da díade para a qualidade da interacção diádica.

Neste sentido, os objectivos da investigação podem ser sintetizados nas seguintes questões:

1. *A qualidade da representação da vinculação (mid geral) está associada à qualidade da representação da relação íntima (mid específico)?*

Espera-se que indivíduos com uma representação segura da vinculação sejam mais capazes de integrar de modo coerente as suas experiências com o companheiro, e referir-se-lhes como mais satisfatórias e promotoras de crescimento pessoal do que os indivíduos preocupados ou desligados, à semelhança do verificado no trabalho de Treboux e cols. (2004). Esta hipótese é também alicerçada em dados da investigação que apontam para uma associação moderada entre estas variáveis (Simpson *et al.*, 2002; Crowell & Waters, 2005), veiculando no entanto a possibilidade de o modelo interno dinâmico específico ser (re)elaborado no contexto da relação actual.

2. *A qualidade da representação da vinculação (mid geral) está relacionada com o comportamento observado na interacção de casal?*

É esperado, à semelhança do ocorrido com estudos precedentes (e.g., Roisman *et al.*, 2001) que a segurança da vinculação se associe a interacções diádicas mais positivas, caracterizadas pela reciprocidade de afecto positivo e capacidade de procurar e prestar cuidados. Por seu turno, antecipa-se que indivíduos avaliados como inseguros na AAI apresentem do ponto de vista comportamental dificuldades em balancear as

necessidades próprias e as do companheiro (Wampler, Shi, Nelson & Kimball, 2003), verificando-se prejuízo da qualidade da interacção estabelecida.

3. *O comportamento observado na interacção de casal está associado à qualidade da representação da relação íntima (mid específico)?*

Considera-se que interacções diádicas pautadas pelo equilíbrio entre as necessidades de cada um dos elementos do casal e em que cada indivíduo esteja disponível para acolher o companheiro, se associem a narrativas coerentes e em que é valorizada a relação como promotora de crescimento pessoal (Vieira, 2008). Em contrapartida, com base no trabalho de Roisman e cols. (2005) é expectável que nos indivíduos que apresentam uma representação da relação íntima pautada pela incoerência (emaranhada ou desligada) se verifique a presença de expressão recíproca de emocionalidade negativa e uma baixa qualidade global da interacção com o parceiro.

Analisada a relação entre as variáveis em estudo, importa compreender qual o contributo específico dos modelos internos dinâmicos (a nível geral e específico à relação íntima) no comportamento diádico, bem como qual o contributo de cada um dos elementos do casal para a qualidade da interacção estabelecida (Simpson, 2006). Com estes objectivos, formulam-se as seguintes questões:

4. *Qual o contributo específico da representação da vinculação e da representação da relação íntima no comportamento diádico?*

O presente estudo procura fazer face ao repto lançado por Simpson e Collins (2007, comunicação pessoal) relativo à necessidade de a investigação nesta área equacionar o papel específico da representação da vinculação e da representação da relação íntima no comportamento diádico. Crowell e cols. (2002) verificaram que o comportamento observado no contexto da interacção diádica estava mais associado à

representação da vinculação (avaliada pela *AAI*) do que à representação da relação íntima (medida pela *CRI*). Apesar desta diferenciação, este trabalho apresenta limitações metodológicas a que já aludimos. Assim, recorrendo à *Intimate Relationship Interview*, espera-se que a representação da relação íntima, porque construída no contexto da relação com o parceiro, tenha sobre o comportamento diádico um efeito maior do que o verificado relativamente à representação da vinculação.

5. *Serão a representação da relação íntima e a interacção diádica moderadas pela representação da relação íntima do Outro?*

Atendendo ao carácter co-construído da relação íntima (Aron, Mashek & Aron, 2004) ou, segundo a formulação de Simpson e cols. (2007), assumindo-se a interdependência entre cada um dos elementos da díade a nível representacional e comportamental, importa compreender em que medida a representação da relação íntima de cada indivíduo modera a representação do parceiro e o comportamento observado na interacção diádica. Assim, espera-se que a qualidade da representação da relação íntima seja moderada pela do parceiro. Adicionalmente, crê-se que o efeito da representação da relação íntima de cada indivíduo sobre o comportamento seja moderado pelo modo como o companheiro representa a relação.

Expostos os objectivos e questões de investigação, de seguida apresenta-se o método, descrevendo-se os participantes, as medidas utilizadas e os procedimentos realizados.

2. MÉTODO

2.1. PARTICIPANTES

Como critérios de inclusão dos participantes na amostra definiram-se díades heterossexuais que mantivessem uma relação íntima de duração não inferior a dois anos³⁵, existindo coabitação há pelo menos seis meses. Com o intuito de estudar casais jovens adultos, e num esforço adicional de homogeneização da amostra, estabeleceu-se como limite etário mínimo para participação os 25 anos e como máximo os 40 anos de idade. Por se considerar que a parentalidade influencia a experiência da conjugalidade (Crowell, & Treboux, 2001), a amostra cingiu-se a casais sem filhos desta ou de outras relações, sendo também critério de selecção a inexistência de casamentos ou uniões de facto anteriores para qualquer dos elementos do casal. De salientar que nenhum dos participantes se encontrava em atendimento psicoterapêutico no momento da avaliação, seja individualmente, seja enquanto casal.

A amostra é constituída por 40 casais heterossexuais, residentes em distritos do Norte, Centro e Sul do país, com idades compreendidas entre 25 e 39 anos ($M=28.84$; $DP=2.93$). No que diz respeito às habilitações literárias e profissão, a maioria dos sujeitos tem formação superior e insere-se na categoria Quadros Superiores, Profissões Intelectuais e Científicas (59%), 24% dos indivíduos ($N=19$) integra-se na categoria de Pessoal Administrativo e dos Serviços (PAS), 11% da amostra ($N=9$) inclui-se na categoria Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio (TPNI), 5% ($N=4$) são Estudantes e 1% ($N=1$) encontra-se Desempregado. A Tabela 1 apresenta os dados de caracterização sócio-demográfica dos indivíduos incluídos no estudo.

³⁵ Assumiu-se este critério sob a premissa de que a constituição da relação de vinculação com o parceiro se efectua, em média, a partir do segundo ano da mesma (Hazan & Shaver, 1994).

No que concerne ao tipo de relação, o casamento caracteriza a maior parte dos casais (n=31) e apenas nove casais vivem em união de facto.

A duração da relação oscila entre dois e dezasseis anos, sendo que em média os casais estão envolvidos há aproximadamente sete anos. (em meses, $M = 81.40$; $DP = 37.69$). Relativamente ao tempo total de coabitação, a média situa-se nos dois anos e oito meses, variando entre o mínimo de sete meses e o máximo de nove anos e seis meses (em meses, $M = 32.55$; $DP = 21.99$).

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica da amostra

	N	%
Distrito de Residência		
Porto	26	32
Braga	18	23
Lisboa	18	23
Aveiro	6	15
Viana do Castelo	4	5
Coimbra	2	2
Habilitações Literárias		
Até 9º ano	4	5
10º - 12º ano	16	20
Licenciatura	52	65
Pós-graduação	8	10
Profissão/Ocupação		
Quadros Superiores, Profissões Intelectuais e Científicas	47	58
Pessoal Administrativo e dos Serviços	19	24
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	9	12
Estudantes	4	5
Desempregados	1	1
Total	80	100

2.2. MEDIDAS

De seguida são apresentados os instrumentos utilizados, de acordo com a sua ordem de administração.

2.2.1. FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASAL

A Ficha de Identificação e Caracterização do Casal consiste num breve questionário preenchido pelo casal e dirigido à caracterização sócio-demográfica de cada elemento da díade, contemplando a sua idade, estado civil, habilitações literárias e profissão. Em acréscimo, visa a caracterização da relação no que concerne ao seu tipo (casamento ou união de facto), duração total e ao tempo de coabitação (*vide* Anexo 1).

2.2.2. AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA VINCULAÇÃO:

***ADULT ATTACHMENT INTERVIEW* (GEORGE, KAPLAN & MAIN, 1985)**

Esta entrevista semi-estruturada de tipo clínico foi desenvolvida por George, Kaplan e Main (1985) à luz da teoria da vinculação apresentada por Bowlby (1969; 1983) e compreende um total de 20 questões dirigidas à activação do sistema de vinculação pela eliciação de memórias do indivíduo sobre a experiência de vinculação estabelecida com os pais precocemente, conforme explicitado em momento anterior (*vide* Cap.I). A administração da entrevista tem a duração aproximada de 60-90 minutos, devendo ser realizada por um entrevistador formado especificamente para tal³⁶ e registada em formato de áudio, para transcrição e cotação subsequente.

³⁶ A este propósito e dado tratar-se de uma entrevista *research oriented* e não *clinical oriented* por natureza, consultar Soares (1996).

No âmbito deste estudo foi utilizada a versão portuguesa da *AAI* desenvolvida por Soares e cols. (1996), amplamente utilizada no âmbito de diversos projectos, como sejam os realizados com pacientes com perturbações do comportamento alimentar (Pinho, 2000; Vilarinho, 2003; Dias, 2007), mães adolescentes (Jongenelen, 2004) e suas avós (Carvalho, 2007), ou estudantes do ensino superior (Faria, 2008).

O protocolo da *AAI* inicia-se solicitando ao sujeito que se situe na infância, o mais cedo que se consiga recordar e que descreva brevemente o contexto e história familiar. A caracterização da relação do sujeito com as figuras de vinculação na infância faz-se pelo pedido de cinco adjectivos para cada uma das figuras (comummente mãe e pai, ou seus substitutos relevantes) e de memórias episódicas específicas que ilustrem os adjectivos seleccionados, apelando ao equilíbrio entre memória semântica e memória episódica, como ocorrerá no decurso de toda a entrevista. A *AAI* prossegue com questões de cariz específico em torno de temáticas tidas como críticas da relação da vinculação (situações problemáticas, como preocupações ou dificuldades, acidentes e doenças). Posteriormente, são abordadas separações e possíveis experiências de rejeição, ameaças de abandono, práticas punitivas e comportamento de maus-tratos, explorando-se a representação do sujeito relativamente aos efeitos das experiências relatadas no seu crescimento e no desenvolvimento da sua personalidade, bem como a que atribui o comportamento dos pais. A relação do sujeito com outros adultos significativos que não os pais é analisada, explorando-se de seguida possíveis experiências de perda (por morte) de pessoas significativas, sendo solicitado ao sujeito que relate, para cada experiência ocorrida, o modo como reagiu, as mudanças emocionais ocorridas ao longo do tempo relativamente a essa(s) perda(s), bem como que avalie quais os efeitos da(s) mesma(s) no seu desenvolvimento. A terminar a entrevista, o sujeito deverá centrar-se no momento presente, descrevendo a relação que actualmente estabelece com os pais e a influência desta na interacção com o(s) seu(s) filho/a(s), seja(m) ele(s) real(ais) ou imaginário/a(s) (George, Kaplan & Main, 1985).

A análise e classificação da entrevista neste estudo tem por base o método *Attachment Q-Sort* (Kobak, 1993). Este sistema, baseado no sistema original de classificação da *AAI* desenvolvido por Main e Goldwin (1984, 1998) enfatiza a relação entre a regulação do afecto e o estilo de vinculação ao examinar a utilização de estratégias emocionais minimizadoras *versus* estratégias maximizadoras. Neste método, cada entrevista é cotada independentemente por dois juízes a partir da transcrição do conteúdo, utilizando uma distribuição forçada de 100 descritores. Os descritores são distribuídos por 9 categorias, num número pré-estabelecido de descritores por categoria – cinco descritores para as categorias 1 (“caracteriza muito mal esta entrevista”) e 9 (“caracteriza muito bem esta entrevista”), oito para as categorias 2 e 8, doze para as categorias 3 e 7, dezasseis para as categorias 4 e 6 e dezoito para a categoria 5 (“não caracteriza bem nem mal esta entrevista”) – devendo o juiz procurar avaliar de que forma os descritores são mais ou menos característicos da entrevista em questão.

O acordo inter-juízes é avaliado utilizando o método de bipartição (fórmula de Spearman-Brown), recorrendo-se a um terceiro juiz se o nível de acordo alcançado pelo primeiro par for inferior a .60. A cotação da *AAI* segundo este método contempla dois vectores, de avaliação contínua: por um lado o recurso, por parte do sujeito, a uma estratégia de segurança *versus* insegurança e, por outro, o recurso a uma estratégia de desactivação *versus* hiperactivação. A cotação média dos dois juízes é ainda correlacionada com as cotações prototípicas dos padrões Seguro, Desligado e Preocupado, permitindo classificar os participantes em função da aproximação a um destes protótipos. Quando as cotações não se correlacionam com nenhum dos protótipos, considera-se a entrevista como não-classificável.

Adicionalmente, este método permite a avaliação de mega-itens relacionados com a vinculação, tendo Kobak (1998), com base em modelos conceptuais e empíricos (especificamente recorrendo a análises factoriais exploratórias), identificado oito mega-itens: (i) Mãe Base Segura (5 itens, $\alpha = .90$), referente à confiança do indivíduo na capacidade de funcionamento da mãe; (ii) Disponibilidade da Mãe (13 itens, $\alpha=.97$), e (iii) Disponibilidade do Pai (12 itens, $\alpha=.89$), relativa às percepções dos juízes no que concerne à acessibilidade e

suporte da mãe e pai, respectivamente; (iv) Pai Rigoroso (7 itens, $\alpha=.95$), consiste na percepção dos juízes de que o pai enfatizava a realização e o sucesso em detrimento do apoio emocional; (v) Ruptura Familiar (7 itens, $\alpha=.83$), contempla a presença de rupturas significativas na prestação de cuidados por parte dos pais e conflitos conjugais; (vi) Preocupado (17 itens, $\alpha=.91$): revela uma concentração excessiva do indivíduo nas experiências de vinculação; (vii) Desligado (14 itens, $\alpha=.85$), relativo à minimização expressa pelo indivíduo dos sinais de perturbação, apresentando o *self* como invulnerável; (viii) Coerência (28 itens, $\alpha=.97$): contempla a capacidade do indivíduo em evocar memórias de infância e integrá-las com experiências contraditórias.

Pinho (2000), no âmbito de um estudo sobre a relação entre vinculação e perturbações do comportamento alimentar e recorrendo ao método de *Attachment Q-Sort* de Kobak, desenvolveu três novos mega-itens, designados por mega-itens das perturbações do comportamento alimentar. São eles Mãe Rigorosa (5 itens, $\alpha=.91$), que paralela o mega-item de Pai Rigoroso de Kobak, agora referente à mãe; Emaranhamento Familiar (15 itens, $\alpha=.78$), referente à apresentação da família pelo sujeito como sendo super-protectora e intrusiva; e Rejeição Parental (18 itens, $\alpha=.83$), que compreende a desvalorização das relações de vinculação e a distância emocional face a estas, e sua indisponibilidade psicológica.

O processo de cotação das *AAI's* no âmbito do presente projecto de investigação envolveu a colaboração de juízes formados no método *Q-Sort* no âmbito do Grupo de Estudos da Vinculação - *GEV*, tendo as entrevistas sido distribuídas por pares de juízes constituídos aleatoriamente. Foi necessário recorrer a terceiros juízes em 28 entrevistas e o acordo inter-juízes médio foi de .79 (fórmula de Spearman-Brown).

2.2.3. AVALIAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA:

INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW (LIMA, SOARES, VIEIRA & COLLINS, 2005)

A *Intimate Relationship Interview – IRI* (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005) é uma entrevista semi-estruturada desenvolvida para avaliar a representação da relação íntima por parte de cada um dos elementos do casal. O protocolo da entrevista incide em cinco domínios relevantes para a compreensão da especificidade das relações íntimas, sob o olhar da teoria da vinculação de Bowlby (1969;1983), nomeadamente sobre a regulação emocional, intimidade sexual, capacidade de procurar e de proporcionar cuidados e base segura.

A primeira questão da *IRI* debruça-se sobre a influência, ao nível da relação íntima actual, de outras relações do passado, nomeadamente com as figuras de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento. Em seguida, um outro conjunto de questões explora os padrões de interacção relacionados com a procura e prestação de cuidados, quer em situações de desconforto não directamente relacionadas com a relação, tais como problemas no contexto laboral ou com amigos, quer em situações associadas com a própria relação, como um conflito ou desentendimento do casal. Na sequência destas questões, outras incidem na regulação de proximidade e distância face ao outro, bem como na procura de proximidade, contacto físico e envolvimento sexual com o outro, ao nível da comunicação, satisfação e expressão do desejo. A *IRI* foca, por último, a satisfação, expectativas e aprendizagens associadas à relação, procurando avaliar em que medida o indivíduo considera a sua relação como promotora de crescimento pessoal, num balanceamento entre as necessidades individuais e da relação.

A *IRI* é gravada em registo áudio, transcrita e cotada nas seguintes dimensões: Integração Emocional, Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados, Intimidade Sexual, Equilíbrio Indivíduo/Relação, Idealização e Coerência.

A escala de Integração Emocional centra-se na avaliação da expressão de afecto negativo (como verbalizações que reflectem frustração, raiva ou

hostilidade) e de afecto positivo (e.g.: expressão de sentimentos positivos dirigidos ao outro) e na sua integração num todo organizado e coerente. A escala Procura de Cuidados (*Careseeking*) avalia a capacidade do sujeito procurar cuidados e de aceitar ser confortado pelo outro. Esta escala atende também à capacidade do indivíduo sinalizar ao outro o seu mal-estar, expressando a sua vulnerabilidade de forma clara e a disponibilidade a ser ajudado, mantendo estes sinais até que o outro os reconheça e o conforte. Complementarmente, a escala Prestação de Cuidados (*Caregiving*) avalia a capacidade do indivíduo reconhecer os sinais de vulnerabilidade e de mal-estar do outro, disponibilizando-se a prestar-lhe cuidados e a satisfazer as suas necessidades de conforto e protecção. A escala Intimidade Sexual incide na proximidade física e emocional, na abertura e à-vontade no contexto da expressão sexual, pela capacidade do indivíduo comunicar com o outro sobre tópicos de natureza sexual. A última escala de avaliação específica da relação é a de Equilíbrio Indivíduo/Relação procurando examinar em que medida o sujeito é capaz de, no contexto da relação, experienciar crescimento pessoal e perceber-se como autónomo, ou, se pelo contrário, a relação constrange os seus recursos ou inibe as necessidades e objectivos individuais. Para a avaliação da qualidade da organização da experiência foram desenvolvidas duas escalas: a Idealização avalia a discrepância entre a percepção geral que o indivíduo apresenta de si próprio, do outro, de si na relação e da relação *per se*, e os episódios que descreve sobre esses aspectos; a escala da Coerência atende à precisão e clareza do discurso do indivíduo relativamente ao outro, a si e à relação, e à capacidade de se manter centrado nos tópicos da entrevista, apresentar evidência para as suas avaliações e percepções gerais, reflectir e integrar as suas experiências no contexto da relação.

A cada escala da *IRI* é atribuída uma classificação estruturada ordinalmente, nomeadamente: Muito Baixo, Baixo, Moderado, Alto e Superior³⁷. O processo de cotação da *IRI* envolveu 7 juízes especificamente formados no método de avaliação, tendo sido cada *IRI* distribuída por pares de juízes, que cotaram as

³⁷ Para uma apresentação sumária dos diferentes níveis para cada escala da *IRI*, ilustrada com excertos de entrevistas, *vide* Anexo 2)

entrevistas de modo independente. Foi necessário recorrer a terceiros juízes em 8 entrevistas obtendo-se um acordo inter-juízes médio de .83 ($p < .001$).

2.2.4. AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO NA INTERACÇÃO DIÁDICA:

***COUPLE INTERACTION TASK* (COLLINS, HENNIGHAUSEN, MADSEN & ROISMAN, 1998)**

A *Couple Interaction Task* - *CIT* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman 1998) é uma medida de observação comportamental e, enquanto tarefa de interacção diádica, compreende dois momentos distintos. Num primeiro momento, o casal deve seleccionar numa lista de possíveis problemas na relação o aspecto que se lhes apresente como o maior suscitador de discórdia. É, então, solicitado ao casal que converse sobre o problema durante 10 minutos, apresentando cada um a sua posição face ao mesmo, e que procure resolver o conflito de modo a alcançar uma solução tida como satisfatória para ambos. Num segundo momento é solicitado ao casal que coopere na descrição do que para si seria uma relação ideal ou um casal perfeito (devendo assim descentrar-se da própria relação), por recurso a 45 descritores que deverão, por metodologia *Q-sort*, ser distribuídos em três categorias: caracteriza bem (um casal ideal); não caracteriza bem nem mal (um casal ideal) e caracteriza muito bem (um casal ideal).

A *CIT* é gravada em registo de vídeo e cotada através de dez escalas: Afecto Positivo Diádico, Afecto Negativo Diádico, Raiva, Hostilidade, Resolução de Conflito, Base Segura, Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento, Equilíbrio Indivíduo/Relação, Equilíbrio Relação/Mundo e, numa avaliação geral, através da escala Qualidade da Interacção.

A escala Partilha de Afecto Positivo é dirigida à avaliação da reciprocidade da expressão de afecto positivo pelo casal, centrando-se no grau de sincronia e no reconhecimento de afecto positivo entre os elementos da díade. Embora a avaliação da reciprocidade da expressão emocional esteja também presente na escala de Afecto Negativo Diádico, esta centra-se esta no processo de escalada associado à devolução do afecto negativo expresso pelo parceiro. Focando-se na

expressão de afecto negativo, a escala de Raiva avalia a expressão de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro, ao passo que a escala Hostilidade se reporta a interacções marcadas pela frieza emocional e rejeição do outro, reflectindo desesperança e percepção de futilidade sobre a relação.

Ao nível da avaliação do processo relacional, a escala Resolução de Conflito incide na capacidade do casal trabalhar em conjunto para a tomada de decisões ou resolução de conflito que conduza à mútua satisfação. A escala Base Segura avalia o modo como, no contexto da relação, os indivíduos são capazes de recorrer ao outro como base segura e de ante ele se constituírem como tal.

A dicotomia entre a disponibilidade em expressar opiniões e a defensividade é avaliada pela escala Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento. A escala Equilíbrio Indivíduo/Relação avalia em que medida a relação nutre/promove os parceiros como indivíduos, ou, ao invés, constrange os seus recursos individuais. Pela escala Equilíbrio Relação/Mundo é analisado a capacidade de envolvimento activo e competente por parte do casal em colaborar na realização das tarefas solicitadas.

Finalmente, a avaliação global da Qualidade da Interacção constitui uma avaliação holística da qualidade e profundidade da relação, não derivando porém de um compósito dos *scores* anteriores.

A cotação de cada escala envolve a atribuição de uma classificação de cariz ordinal, que poderá oscilar entre 5 ou 7 valores³⁸. O processo de cotação da *CIT* envolveu 5 juízes especificamente formados no método de avaliação, tendo sido cada *CIT* distribuída por pares de juízes, que cotaram as entrevistas de modo independente. Foi necessário recorrer a terceiros juízes em doze interacções de casal, obtendo-se um acordo inter-juízes médio de .85 ($p < .001$).

³⁸ Para uma apresentação sumária dos diferentes níveis para cada escala da *CIT*, vide Anexo 3).

2.3. PROCEDIMENTOS

O processo de recolha de dados decorreu entre os anos de 2004 e 2007, nos distritos de residência dos casais. O protocolo foi administrado maioritariamente em casa dos participantes (80%), em clínicas de psicologia privadas cedidas para o efeito, nas cidades do Porto e Braga (15%), e no Centro de Medicina Desportiva do Porto (5%), cabendo a decisão do local de avaliação inteiramente aos casais.

A selecção da amostra realizou-se de acordo com um formato de conveniência (Hill & Hill, 2005) através da divulgação do projecto junto de contactos informais³⁹ que indicariam casais que cumprissem os critérios especificados; em paralelo, utilizou-se o método “bola de neve”, caracterizado pela inclusão de indivíduos que partilham das características dos indivíduos já pertencentes à amostra (Lewis & Elam, 2003), e por estes identificados. O primeiro contacto com os casais efectuou-se telefonicamente ou por *e-mail*, cabendo neste momento a apresentação do projecto de investigação e o pedido de colaboração, garantindo-se a sua confidencialidade e anonimato. Em acréscimo ao consentimento oral dos participantes, o momento da recolha dos dados foi precedido (no próprio dia) pelo consentimento informado do casal, devidamente documentado por escrito (*vide* Anexo 4).

A administração do protocolo foi realizada por pares de investigadores, incluindo-se em 95% (n=38) das situações de avaliação o investigador principal. Todos os investigadores envolvidos no processo de recolha de dados (constituindo uma equipa total de seis psicólogos) receberam formação específica em cada uma das medidas utilizadas, no âmbito do Grupo de Estudos da Vinculação, verificando-se rigor e homogeneização neste processo.

O recurso a pares de investigadores permitiu que, após a assinatura do consentimento informado e preenchimento da Ficha de Identificação e Caracterização do Casal, se administrassem simultaneamente as entrevistas individuais, decorridas em divisões separadas. O protocolo iniciava-se então pela

³⁹ Estes contactos foram estabelecidos pelo investigador principal ou por um outro investigador pertencente ao Grupo de Estudos da Vinculação.

administração individual da *AAI*, seguindo-se-lhe a *IRI*. Findas as entrevistas, cada participante era solicitado a preencher (individualmente) uma *checklist* de situações eventualmente problemáticas no âmbito das relações de casal, devendo o indivíduo pontuar numa escala *likert* de 10 pontos quão problemático era determinado tópico na sua relação com o/a companheiro/a (*vide* Anexo 5). Esta ficha (a ser utilizada na *CIT*) era recolhida pelo investigador, dando término à componente individual do processo de avaliação. De seguida, o casal reunia-se, procedendo-se à realização da *CIT*, cuja administração era efectuada somente por um dos investigadores, cabendo ao outro investigador assegurar o estabelecimento e manutenção de todos os pormenores técnicos necessários ao registo áudio e vídeo da interacção de casal (e.g. iluminação, perspectiva, som).

A cada um dos indivíduos foi atribuído um código de identificação, utilizado na transcrição das entrevistas e fichas sócio-demográficas e de caracterização da relação, com o intuito de assegurar a confidencialidade dos dados. À *CIT* foi igualmente atribuído um código tido como compósito dos elementos do casal.

A análise estatística dos dados realizou-se pelo recurso combinado do programa de tratamento estatístico SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences), para Windows, versão 16.0 e do SAS/STAT® (SASINST Software for Statistics) para Windows. Este software foi utilizado dada a natureza diádica de alguns dos dados, uma vez que permite reduzir o erro da pseudo-unilateralidade (Duncan, Kanki, Mokros, & Fiske, 1984), pelo qual a avaliação da díade se faria considerando somente os elementos que a compõem, ao invés da relação que entre si estabelecem e ao contributo e impacto diferencial que a ela aportam (Bond & Kenny, 2002). Em acréscimo, ao adoptarmos como modelo teórico a proposta de Bowlby, em que a vinculação se assume como um construto relacional, esta abordagem metodológica revelou-se especialmente necessária no nosso estudo. Recorrendo a este programa de tratamento estatístico, a influência da organização da vinculação de cada elemento da díade, (medida pela *AAI*) na representação da intimidade (*IRI*) e no comportamento observado na interacção de casal (*CIT*) foi avaliada pelo recurso ao *Actor-Partner Interdependence Model* (*APIM*).

3. RESULTADOS

3.1. ESTUDO I

CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS DA *INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW* E DA *COUPLES INTERACTION TASK*

3.1.1. *INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW*: VALIDADE DE CONSTRUTO E FIDELIDADE

A avaliação das relações estabelecidas entre as escalas da *IRI* realizou-se pelo cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*, para os elementos masculinos e femininos do casal, conforme exposto nas Tabelas 2 e 3, respectivamente.

Tabela 2. Matriz de correlações entre escalas da *IRI* nos homens

Escalas <i>IRI</i>	Integração Emocional	Procura Cuidados	Prestação Cuidados	Intimidade Sexual	Equilíbrio Indivíduo Relação	Idealização	Coerência
Integração Emocional	—						
Procura Cuidados	.59*	—					
Prestação Cuidados	.69*	.68**	—				
Intimidade Sexual	.61**	.52**	.54**	—			
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.64*	.58**	.67**	.61**	—		
Idealização	-.82**	-.65**	-.75**	-.74*	-.70**	—	
Coerência	.74**	.54**	.68**	.74*	.65**	-.91**	—

**p<.01; *p<.05

Tabela 3. Matriz de correlações entre escalas da *IRI* nas mulheres

Escalas <i>IRI</i>	Integração Emocional	Procura Cuidados	Prestação Cuidados	Intimidade Sexual	Equilíbrio Indivíduo Relação	Idealização	Coerência
Integração Emocional	—						
Procura Cuidados	.58*	—					
Prestação Cuidados	.68*	.81*	—				
Intimidade Sexual	.52**	.63**	.48**	—			
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.68*	.76**	.68**	.74**	—		
Idealização	-.76**	-.50**	-.59**	-.52*	-.47**	—	
Coerência	.82**	.47**	.64**	.57*	.54**	-.90**	—

** $p < .01$; * $p < .05$

A leitura das Tabelas 2 e 3 permite constatar que a totalidade das escalas da *IRI* encontra-se relacionada entre si para ambos os elementos do casal, sendo os valores de correlação obtidos significativos ($p < .05$). A direcção da relação estabelecida é positiva, indicando que valores elevados numa dada escala se associam a valores elevados noutra. A excepção a esta leitura ocorre no que concerne à escala Idealização, cuja direcção da correlação com as demais escalas é negativa. Saliente-se que, quer para homens quer para mulheres, a correlação observada (negativa) entre Idealização e Coerência é a mais elevada, com valores de $p = -.911$ e $p = -.896$, respectivamente.

A Tabela 4 apresenta os valores de correlação de *Pearson* das representações da relação íntima entre homens e mulheres.

Tabela 4. Matriz de correlações das escalas da *IRI* entre homens e mulheres

Mulher Homem							
	Integração Emocional	Procura Cuidados	Prestação cuidados	Intimidade Sexual	Equilíbrio Indivíduo/Relação	Idealização	Coerência
Integração Emocional	.47**	.41**	.36*	.36*	.43**	-.38*	.48**
Procura Cuidados	.39*	.34*	.35*	.31	.32*	-.31	.38*
Prestação Cuidados	.42**	.41**	.30	.32*	.37*	-.34*	.43**
Intimidade Sexual	.311	.27	.18	.46**	.36*	-.36*	.45**
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.43**	.29	.18	.36*	.34*	-.41**	.42**
Idealização	-.31*	-.31	-.23	-.41**	-.40*	.31	-.42**
Coerência	.39*	.39*	.34*	.44**	.40*	-.41**	.50**

** p<.01; * p<.05

De um modo global, os dados apresentados indicam a tendência dos casais em representar a relação marital de modo similar. Parece-nos pertinente salientar a ausência de correlações significativas entre a escala de Intimidade Sexual nos homens e as escalas de Integração Emocional, Procura de Cuidados e Prestação de Cuidados.

O estudo das propriedades psicométricas da *IRI* envolveu ainda a análise da organização da sua estrutura, cujos resultados se apresentam de seguida.

Com o objectivo de examinar a validade da *IRI*, procedeu-se ao estudo da validação intra-conceito (Dickes, Tournois, Flieller, & Kop, 1994) por meio da análise da estrutura interna das suas escalas, com recurso a análises factoriais exploratórias, contemplando-se separadamente os elementos do casal.

Num primeiro momento, procedeu-se a uma análise de componentes principais que revelou a emergência de um único factor, com saturações positivas apreciáveis de todas as escalas. Estes resultados apontam para a unidimensionalidade da representação da relação íntima, facto associado às elevadas correlações encontradas entre as escalas. A análise de homogeneidade dos itens da *IRI* envolveu o recurso ao coeficiente de *alpha* de *cronbach*, cujos valores foram para o total dos indivíduos de .81, para os homens de .70 e para as mulheres de .76, indicando que o instrumento apresenta valores adequados ao nível da fidelidade, acima dos valores de referência (Pestana & Gageiro, 2005).

Não obstante esta solução factorial seja interessante, por se considerar como basilares na compreensão da intimidade à luz da teoria da vinculação os vectores de cuidados e de organização discursiva, e atendendo-se à especificidade relacional da escala Intimidade Sexual, procedeu-se de seguida à análise de componentes principais com rotação oblíqua, com normalização Kaiser, forçando-se a extracção de 3 factores. Os resultados encontram-se nas Tabelas 5, para os homens, e 6, para as mulheres.

Tabela 5. Matriz factorial e consistência interna da IRI para os homens

	Componentes		
	1	2	3
Factor 1: Coerência			
Idealização	-.951	-.679	-.603
Coerência	.927	.551	.650
Integração Emocional	.916	.643	
Factor 2: Cuidados			
Procura de Cuidados	.613	.924	
Prestação de Cuidados	.792	.844	
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.655	.765	.674
Factor 3: Intimidade Sexual			
Intimidade Sexual	.710	.493	.899
% variância explicada	71.92	8.71	5.81
<i>alpha de cronbach</i>	.87	.84	---

Método de extracção: Análise de Componentes Principais

Método de rotação: Oblíqua com normalização de Kaiser

Tabela 6. Matriz factorial e consistência interna da IRI para as mulheres

	Componentes		
	1	2	3
Factor 1: Cuidados			
Prestação de Cuidados	.943	.652	.428
Procura de Cuidados	.930	.495	.628
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.770	.542	.836
Factor 2: Coerência			
Coerência	.519	.972	.493
Idealização	-.498	-.952	-.432
Integração Emocional	.667	.884	.502
Factor 3: Intimidade Sexual			
Intimidade Sexual	.508	.537	.969
% variância explicada	68.63	13.41	8.25
<i>alpha de cronbach</i>	.88	.82	---

Método de extracção: Análise de Componentes Principais

Método de rotação: Oblíqua com normalização de Kaiser

É possível verificar que para ambos os elementos do casal as escalas se organizam de modo similar. Assim, um factor abarca as escalas de Idealização (de valor invertido), de Coerência e de Integração Emocional (Factor 1 para os homens; Factor 2 para as mulheres); um segundo factor contempla as escalas de Procura de Cuidados, de Prestação de Cuidados e de Equilíbrio Indivíduo/Relação (Factor 2 para os homens; Factor 1 para as mulheres); e um terceiro factor corresponde à escala de Intimidade Sexual. Face à natureza teórica da saturação dos factores, estes foram designados de Coerência, Cuidados e Intimidade Sexual.

A análise de consistência interna destes factores realizou-se pelo coeficiente *alpha de cronbach*, oferecendo bons níveis de fidelidade (c.f. Tabelas 5 e 6), sendo satisfatórios os níveis da variância explicada.

A avaliação de diferenças entre homens e mulheres na representação da relação íntima com base nos factores da *IRI* realizou-se por meio do *t-test* para amostras emparelhadas, cujos resultados são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7. Diferenças na representação da relação íntima entre homens e mulheres ao nível dos factores da *IRI*

Factores da <i>IRI</i>	Homens	Mulheres	<i>t</i> (40)
	(N=40) M (DP)	(N=40) M (DP)	
Coerência	10.55 (3.17)	10.53 (3.13)	.49
Cuidados	6.18 (2.13)	6.58 (2.2)	-.06
Intimidade Sexual	3.42 (1.13)	3.35 (1.09)	.40

Não são encontradas diferenças significativas entre os elementos masculinos e femininos do casal ao nível dos padrões da *IRI*, indicando que homens e mulheres tendem a representar de modo similar a sua relação íntima.

Com o objectivo de avaliar as relações estabelecidas entre os factores da *IRI* para os elementos masculinos e femininos do casal, procedeu-se ao cálculo do

coeficiente de correlação de *Pearson*, conforme exposto nas Tabelas 8 e 9, respectivamente.

Tabela 8. Matriz de correlações entre factores da *IRI* nos homens

Factores da <i>IRI</i>	Coerência	Cuidados	Intimidade Sexual
Coerência	—		
Cuidados	.75**	—	
Intimidade Sexual	.74**	.57**	—

**p<.01

Tabela 9. Matriz de correlações entre factores da *IRI* nas mulheres

Factores da <i>IRI</i>	Coerência	Cuidados	Intimidade Sexual
Coerência	—		
Cuidados	.64**	—	
Intimidade Sexual	.57**	.59**	—

**p<.01

De acordo com as Tabelas 8 e 9 todos os factores da *IRI* se encontram relacionados entre si para ambos os elementos do casal, sendo a direcção da relação positiva e os valores de correlação obtidos altamente significativos (p<.01).

Na Tabela 10 são apresentados os valores de correlação de *Pearson* das representações da relação íntima entre homens e mulheres com base nos factores da *IRI*.

Tabela 10. Matriz de correlações dos factores da *IRI* entre homens e mulheres

Mulher	Coerência	Cuidados	Intimidade Sexual
Homem			
Coerência	.47**	.39*	.43**
Cuidados	.44**	.40**	.35*
Intimidade Sexual	.40*	.24	.46**

** p<.01; * p<.05

Da leitura da Tabela 10 ressaltam as correlações moderadas significativas e altamente significativas da representação da relação íntima entre ambos os elementos do casal quando se atende aos factores da *IRI*, única excepção feita à relação entre a Intimidade Sexual nos homens e os Cuidados nas mulheres.

3.1.2. COUPLES INTERACTION TASK: VALIDADE DE CONSTRUTO E FIDELIDADE

A *CIT* permite a avaliação de um conjunto de escalas tidas como relevantes para a compreensão das especificidades do comportamento diádico no contexto de uma relação íntima.

Pelo recurso ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* foram analisadas as relações estabelecidas entre as escalas da *CIT* para os 40 casais, cujos resultados se apresentam na Tabela 11.

Tabela 11. Matriz de correlações entre as escalas da *CIT*

Escalas da <i>CIT</i>	Afecto Positivo Diádico	Afecto Negativo Diádico	Raiva	Hostilidade	Resolução de Conflito	Base Segura	Equilíbrio Assertividade/Auto-retraimento	Equilíbrio Indivíduo/Relação	Equilíbrio Relação/Mundo	Qualidade da Interação
Afecto Positivo Diádico	—									
Afecto Negativo Diádico	-.66**	—								
Raiva	-.69**	.76**	—							
Hostilidade	-.61**	.62**	.66**	—						
Resolução Conflito	.64**	-.63**	-.58**	-.68**	—					
Base Segura	.82**	-.69**	-.71**	-.58**	.78**	—				
Equilíbrio Assertividade/Auto-retraimento	.56**	-.51**	-.40*	-.57**	.74**	.69**	—			
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.73**	-.71**	-.66**	-.76**	.77**	.79**	.73**	—		
Equilíbrio Relação/Mundo	.80**	-.49**	-.50**	-.58**	.77**	.76**	.72**	.75**	—	
Qualidade Interação	.83**	-.71**	-.66**	-.78**	.84**	.86**	.77**	.88**	.81**	—

** p<.01

A Tabela 11 evidencia a presença de relações estatisticamente significativas para a totalidade das escalas em estudo. Salvaguardando-se a direcção negativa

das correlações envolvendo as escalas relativas à tonalidade emocional (especificamente Afecto Negativo Diádico, Raiva e Hostilidade), as demais interrelacionam-se positivamente. Salientem-se as elevadas correlações (superiores a .8) estabelecidas entre a escala Qualidade da Interação e as escalas Equilíbrio Indivíduo/Relação, Base Segura, Resolução de Conflito, Afecto Positivo Diádico e Equilíbrio Relação/Mundo.

Em acréscimo a esta abordagem, que recorre a escalas de avaliação do comportamento diádico, procedeu-se no âmbito deste estudo à análise das propriedades psicométricas da CIT ao nível da organização da sua estrutura, permitindo uma avaliação mais parcimoniosa das dimensões contempladas pelo instrumento.

De modo análogo ao realizado com a *IRI*, a análise da validade da *CIT* envolveu o estudo da validação intra-conceito (Dickes, *et al.* 1994), examinando-se a estrutura interna das suas escalas. Para tal, procedeu-se a análises factoriais exploratórias, que passamos a apresentar.

Num primeiro momento, procedeu-se a uma análise de componentes principais, emergindo um único factor com saturações positivas apreciáveis de todas as escalas e com um valor de consistência interna para a totalidade dos casais de .87.

Estes resultados apontam para a unidimensionalidade do comportamento diádico, aspecto explicado pelas elevadas correlações encontradas entre as escalas, particularmente no que concerne à escala de avaliação global da Qualidade da Interação. Assim, optou-se por excluir esta escala da análise, procedendo-se de seguida à análise de componentes principais com rotação varimax, com normalização Kaiser. Os resultados encontram-se na Tabela 12.

Tabela 12. Matriz factorial e consistência interna da CIT

	Componentes	
	1	2
Factor 1: Balanceamento self-outro		
Equilíbrio Assertividade/Auto-retraimento	.884	.194
Equilíbrio Relação/Mundo	.863	.307
Resolução de Conflito	.784	.437
Equilíbrio Indivíduo/Relação	.706	.582
Base Segura	.683	.593
Factor 2: Tonalidade Emocional Negativa		
Raiva	.223	.915
Afecto Negativo Diádico	.306	.848
Hostilidade	.495	.641
Afecto Positivo Diádico	-.593	-.626
<hr/>		
% variância explicada	70.73	9.47
<i>Alpha de cronbach</i>	.937	.872

Método de extracção: Análise de Componentes Principais

Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser

De acordo com a Tabela 12 é possível verificar a extracção de 2 factores, definidos pelo seu conteúdo como: Balanceamento Self-Outro (Factor 1), que reúne as escalas Equilíbrio Assertividade/Auto-retraimento, Equilíbrio Relação/Mundo, Resolução de Conflito, Equilíbrio Indivíduo/Relação e Base Segura; e Tonalidade Emocional Negativa (Factor 2), que congrega as escalas Raiva, Afecto Negativo Diádico, Hostilidade e Afecto Positivo Diádico (esta saturando negativamente), com valores da variância explicada tidos como adequados.

A análise de consistência interna destes factores realizou-se pelo coeficiente *alpha de cronbach*, oferecendo bons valores ao nível da homogeneidade dos itens (.94 e .87, respectivamente). A análise de fidelidade envolveu ainda a avaliação da correlação item-total dos itens, que oscilou entre 0.70 e 0.85, não se verificando o aumento do valor de *alpha* caso algum item fosse removido.

A análise das relações estabelecidas entre os factores Balanceamento Self-Outro, Tonalidade Emocional Negativa e a dimensão Qualidade da Interacção

realizou-se pelo cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*, conforme apresentado na Tabela 13.

Tabela 13. Matriz de correlações entre factores e dimensão da CIT

	Balanceamento Self-Outro	Tonalidade Emocional Negativa	Qualidade Interacção
Balanceamento Self-Outro	—		
Tonalidade Emocional Negativa	-.81**	—	
Qualidade Interação	.93**	-.87**	—

**p<.01

Verifica-se que o factor Tonalidade Emocional Negativa se relaciona negativamente com o factor Balanceamento Self-Outro e com a dimensão Qualidade da Interação, indicando que valores elevados de tonalidade emocional negativa se associam a valores baixos quer na capacidade de manter o equilíbrio entre o indivíduo e o companheiro, quer na apreciação global da qualidade de interação diádica. Ao invés, valores elevados no factor Balanceamento Self-Outro associam-se a valores elevados na Qualidade da Interação, conforme indica a direcção positiva da correlação estabelecida entre ambos. Independentemente da direcção das relações obtidas, registam-se valores de correlação significativos ($p < .01$).

Em suma, o estudo metrológico levado a cabo com a *IRI* e a *CIT* permite considerar a sua adequabilidade, ao nível da validade e fidelidade. Considera-se que as soluções factoriais obtidas permitem uma leitura mais parcimoniosa e simultaneamente mais abrangente e englobante dos processos envolvidos ao nível da representação da relação íntima e do comportamento no contexto da interação diádica em casais.

No Estudo II debruçar-nos-emos sobre as relações estabelecidas entre a vinculação, a representação da intimidade e o comportamento diádico.

3.2. ESTUDO II

VINCULAÇÃO, REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS E COMPORTAMENTO DIÁDICO NO CONTEXTO CONJUGAL

3.2.1. VINCULAÇÃO

Nesta secção são apresentados os resultados relativos à distribuição dos padrões de vinculação na amostra, atendendo à concordância existente entre os elementos do casal. Aspectos como as estratégias de vinculação utilizadas e as diferenças encontradas entre os indivíduos ao nível dos mega-itens da vinculação serão igualmente alvos de análise.

A distribuição dos padrões de vinculação para os elementos masculinos e femininos do casal é apresentada nas Tabelas 14 e 15, respectivamente.

Tabela 14. Distribuição da representação de vinculação nos homens

Seguro N (%)	Inseguro N (%)	
24 (60)	Desligado N (%)	Preocupado N (%)
	8 (20)	8 (20)

Tabela 15. Distribuição da representação de vinculação nas mulheres

Seguro N (%)	Inseguro N (%)	
25 (62.5)	Desligado N (%)	Preocupado N (%)
	4 (10)	11 (27.5)

No que diz respeito aos homens, verifica-se uma maior proporção de indivíduos classificados como Seguros (60%) em relação a indivíduos Inseguros (60% *versus* 40%), existindo dentro desta categoria igual percentagem (20%) de indivíduos classificados como Preocupados e Desligados.

Relativamente às mulheres, mantém-se a preponderância de indivíduos classificados como Seguros em relação a indivíduos Inseguros (aproximadamente 63% *versus* 37%). Dentro categoria de Insegurança, o padrão Preocupado é o que se encontra mais representado, com aproximadamente 27% das mulheres, tendo 10% das participantes sido classificadas como Desligadas. Não são encontradas associação significativa em função do sexo ($\chi^2 = 1.827$; n.s.)

Atendendo às combinações das organizações de vinculação por casal (Tabela 16), verifica-se que a maioria das díades pode ser classificada como Seguro/Seguro, seguindo-se as combinações Seguro/Preocupado e Seguro/Desligado. Nos casais em que ambos os elementos da díade são considerados Inseguros, a combinação Preocupado/Preocupado é a mais representada, seguindo-se os pares Preocupado/Desligado e Desligado/Desligado.

Tabela 16. Concordância do padrão da AAI no casal

Mulher Homem	Seguro	Preocupado	Desligado
	(N=25)	(N=11)	(N=4)
Seguro (N=24)	18	4	2
Preocupado (N=8)	4	4	0
Desligado (N=8)	3	3	2

A Tabela 17 apresenta a distribuição das configurações por casal da Segurança e Insegurança (não destrinchando pois a organização Preocupada e Desligada).

Tabela 17. Distribuição das configurações de Segurança e Insegurança da AAI no casal

Mulher Homem	Seguro	Inseguro
	(N=25)	(N=15)
Seguro (N=24)	18	6
Inseguro (N=16)	7	9

$\chi^2 = 4.00$; $p < .05$

Verifica-se a presença de associações significativas ao nível das configurações Segurança/Segurança e Insegurança/Insegurança.

Obedecendo a um objectivo de cariz metodológico, realizaram-se análises de variância multivariada (MANOVAs) para comparar os indivíduos ao nível dos mega-itens da vinculação em função dos três padrões de vinculação. Os resultados para homens e mulheres são apresentados nas Tabelas 18 e 19, respectivamente.

Tabela 18. Mega-Itens da AAI e padrão de vinculação nos homens

Mega-itens da Vinculação	Seguro	Preocupado	Desligado	F	Scheffé
	(N=24) M (DP)	(N=8) M (DP)	(N=8) M (DP)		
Mãe Base-Segura	27.93 (3.29)	23.40 (8.07)	26.11 (3.32)	7.64**	S>D*
Disponibilidade Materna	72.93 (10.29)	69.40 (8.76)	60.11 (9.32)	4.32**	S>P*
Disponibilidade Paterna	60.17 (8.01)	52.11 (6.31)	54.65 (11.16)	4.97**	S>P*
Pai Rigoroso	32.78 (7.53)	38.74 (4.24)	40.39 (5.96)	6.43*	S<P*; S<D*
Disrupção Familiar	28.01 (4.64)	36.76 (4.82)	32.52 (7.25)	11.92*	S<P*; S<D*
Preocupado	52.26 (14.27)	106.93 (29.16)	90.15 (12.31)	50.08***	S<P***; S<D***
Desligado	55.49 (8.48)	73.67 (9.49)	85.37 (10.02)	63.96***	S<D***; D>P***

*** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Tabela 19. Mega-Itens da AAI e padrão de vinculação nas mulheres

Mega-itens da Vinculação	Seguro	Preocupado	Desligado	F	Scheffé
	(N=25) M (DP)	(N=11) M (DP)	(N=4) M (DP)		
Mãe Base-Segura	27.93 (3.29)	23.40 (8.07)	26.11 (3.32)	7.64**	S>D*
Disponibilidade Materna	80.64 (8.49)	72.78 (10.32)	66.51 (11.83)	6.93*	S>P*
Disponibilidade Paterna	62.35 (5.78)	49.63 (7.85)	53.22 (10.21)	3.46*	S>P*
Pai Rigoroso	30.69 (7.17)	40.24 (5.53)	35.72 (9.24)	5.84*	S<P*;S<D*
Disrupção Familiar	31.24 (4.35)	39.38 (3.31)	35.49 (5.73)	7.47*	S<P*;S<D*
Preocupado	58.65 (13.38)	103.86 (32.46)	93.96 (11.31)	78.35***	S<P***;S<D***
Desligado	53.46 (4.72)	70.12 (5.34)	91.88 (11.87)	57.92***	S<D***;D>P***

***p<.001; **p<.01; *p<.05

De acordo com o expectável, foram encontradas diferenças significativas na cotação dos mega-itens da vinculação atendendo aos padrões de vinculação dos homens e das mulheres. Especificamente, indivíduos seguros apresentam valores significativamente mais elevados no mega-item “mãe base-segura” do que indivíduos avaliados como desligados. Os mega-itens referentes à disponibilidade materna e paterna encontram-se significativamente mais elevados nos indivíduos seguros do que nos preocupados, verificando-se o inverso nos mega-itens “pai rigoroso”, “disrupção familiar” e “preocupado”. Nestes, os indivíduos desligados apresentam também valores significativamente mais elevados do que os indivíduos seguros, tal como sucede no mega-item “desligado”. Este último mega-item diferencia ainda os padrões de insegurança, com os indivíduos desligados a apresentarem valores significativamente mais elevados do que os sujeitos preocupados.

A comparação dos indivíduos ao nível das estratégias de vinculação considerando os três padrões de vinculação realizou-se por meio de análises de variância multivariada (MANOVAs) para homens e para mulheres, cujos resultados se apresentam nas Tabelas 20 e 21.

Tabela 20. Estratégias de vinculação e padrão da AA/ nos homens

Estratégias	Seguro (N=24) M (DP)	Preocupado (N=8) M (DP)	Desligado (N=8) M (DP)	F	Scheffé
Segurança-Insegurança	.72 (.2)	-.27 (.46)	-.43 (.37)	141.32**	S>D** S>E** D<E*
Desactivação- Hiperactivação	-.02(.13)	-.19 (.12)	.34(.18)	48.2**	S<D** E<D***

***p<.001 **p<.01 *p<.05

Tabela 21. Estratégias de vinculação e padrão da AA/ nas mulheres

Estratégias	Seguro (N=25) M (DP)	Preocupado (N=11) M (DP)	Desligado (N=4) M (DP)	F	Scheffé
Segurança-Insegurança	.69 (.19)	-.70 (.37)	-.43 (.21)	195.84**	S>D** S>E** D<E*
Desactivação-Hiperactivação	-.09 (.1)	-.27 (.08)	.52 (.08)	52.73***	S<D** E<D***

***p<.001; **p<.01 *p<.05

A leitura das Tabelas 20 e 21 permite verificar a presença de diferenças estatisticamente significativas ao nível das estratégias de Segurança-Insegurança e Desactivação-Hiperactivação quer em homens quer em mulheres. Especificamente, regista-se a primazia do pólo de Segurança nos indivíduos classificados como Seguros relativamente aos Preocupados e Desligados, e de o padrão Desligado indicar uma maior inclinação ao pólo da desactivação face ao padrão Seguro e Preocupado, para ambos os elementos do casal.

3.2.2. REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA E VINCULAÇÃO

Previamente à análise da relação estabelecida entre o padrão de vinculação do indivíduo e sua representação da relação íntima, importa referir que quando comparados os resultados obtidos pelos indivíduos na *IRI* ao nível das escalas e dos factores em função do tipo e duração da relação, não emergem diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos factores para ambos os elementos do casal, da mesma forma que não se registam diferenças estatisticamente significativas quando considerado o tempo de coabitação.

As diferenças obtidas nos resultados por factores da *IRI* em função do padrão de vinculação são apresentadas nas Tabelas 22 e 23 para os elementos masculinos e femininos do casal, respectivamente.

Tabela 22. Padrão de vinculação e factores da *IRI* nos homens

Padrão AAI Factores IRI	Seguro	Preocupado	Desligado	F	Scheffé
	(N=24) M (DP)	(N=8) M (DP)	(N=8) M (DP)		
Coerência	12.13 (2.57)	9.25 (2.6)	7.13 (1.95)	13.6*	S>P*;S>D*
Cuidados	7.17 (1.57)	5.63 (2.32)	3.75 (1.16)	12.91*	S>D*
Intimidade Sexual	3.79 (.93)	3.13 (1.35)	2.63 (1.06)	4.12*	S>D*

*p<.05

Tabela 23. Padrão de vinculação e factores da *IRI* nas mulheres

Padrão AAI Factores IRI	Seguro	Preocupado	Desligado	F	Scheffé
	(N=25) M (DP)	(N=11) M (DP)	(N=4) M (DP)		
Coerência	11.84 (2.47)	8.55 (2.87)	7.75 (3.5)	8.12*	S>P*;S>D*
Cuidados	7.16 (2.21)	5.82 (1.94)	5.00 (1.82)	2.77	-----
Intimidade Sexual	3.72 (1.10)	2.91 (.83)	2.25 (.50)	5.24*	S>D*

*p<.05

É possível concluir a presença de diferenças estatisticamente significativas nos factores de representação da relação íntima em função do padrão de vinculação, tanto para homens como para mulheres. Concretamente, verifica-se que indivíduos avaliados como Seguros apresentam significativamente valores mais altos ao nível da Coerência do que os apresentados por indivíduos Preocupados e Desligados. Embora esta tendência se mantenha ao nível dos Cuidados e da Intimidade Sexual em ambos os elementos do casal, apenas são encontradas as diferenças significativas entre Seguros e Desligados no factor Cuidados nos homens e no factor Intimidade Sexual, em ambos os elementos do casal.

3.2.3. INTERACÇÃO DIÁDICA E VINCULAÇÃO

Nesta secção são expostos os resultados da análise categorial realizada com a *CIT*, a relação observada entre o padrão de vinculação do indivíduo e o comportamento na interacção diádica, bem como entre as configurações de Segurança/Insegurança do casal e comportamento diádico, ao nível dos factores (c.f. Estudo I) e categorias encontrados.

Tendo em vista a categorização dos casais com base nas características do comportamento diádico, alvo de análises prévias, procedeu-se a uma análise de *clusters* (TwoStep) forçando-se 3 categorias, cujos resultados são apresentados na Tabela 24.

Tabela 24. Médias dos factores e dimensão da *CIT* nas categorias de comportamento

Factores e Qualidade Interacção	Clusters <i>CIT</i>	Interacção Emaranhada (N=15)	Interacção Distanciada (N=14)	Interacção Balanceada (N=11)
		M (DP)	M (DP)	M (DP)
Tonalidade Emocional Negativa		13.00 (2.96)	8.00 (1.50)	5.58 (.99)
Balanceamento <i>Self</i> -Outro		16.58 (3.91)	23.44 (1.51)	27.75 (2.30)
Qualidade Interacção		3.37 (.96)	4.33 (.49)	5.33 (.50)

É possível identificar um grupo de casais cuja qualidade geral da interacção é avaliada como baixa, apresentando elevada tonalidade emocional negativa e revelando dificuldades em balancear as necessidades da relação e de cada um dos elementos da díade, podendo a interacção destes casais ser designada como Emaranhada. Um segundo grupo apresenta uma tonalidade emocional negativa avaliada como média/baixa, uma capacidade média de equilibrar as necessidades de cada elemento da díade e da relação, sendo a qualidade global da sua interacção avaliada como abaixo da média. Face a estas características comportamentais, optou-se por designar estes casais como tendo uma interacção Distanciada. Finalmente, um terceiro grupo de díades caracteriza-se por uma qualidade geral da interacção avaliada como elevada, a expressão emocional negativa é baixa, e em que se verifica uma elevada capacidade em equilibrar as necessidades próprias, do outro e da relação. A este conjunto de díades designámos de casais com interacção Balanceada.

As Tabelas 25 e 26 apresentam os resultados do teste de diferenças entre os factores e dimensão da *CIT* quando considerados os padrões de vinculação dos homens e das mulheres, respectivamente.

Tabela 25. Diferenças nos factores e dimensão da *CIT* em função da *AAI* nos homens

Padrão <i>AAI</i>	Seguro	Preocupado	Desligado	
Factores	(N=24)	(N=8)	(N=8)	F
E Dimensão <i>CIT</i>	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
Tonalidade Emocional Negativa	8.91 (4.25)	10.25 (3.49)	11.25 (3.49)	1.14
Balanceamento <i>Self-Outro</i>	23.00 (5.07)	21.37 (5.47)	17.00 (6.50)	3.64*
Qualidade Interacção	5.08 (1.38)	4.63 (1.50)	3.63 (1.59)	3.05

*p<.05

Tabela 26. Diferenças nos factores e dimensão da CIT em função da AAI nas mulheres

Padrão AAI	Seguro	Preocupado	Desligado	
Factores e Dimensão CIT	(N=25) M (DP)	(N=11) M (DP)	(N=4) M (DP)	F
Tonalidade Emocional Negativa	8.36 (3.48)	11.63 (4.61)	12.25 (1.5)	4.05*
Balanceamento Self-Outro	22.92 (5.56)	20.63 (5.50)	14.75 (2.98)	4.15*
Qualidade Interação	5.16 (1.40)	4.09 (1.57)	3.50 (1.00)	3.71*

*p<.05

Indivíduos avaliados como Seguros apresentam valores superiores aos apresentados por indivíduos inseguros, particularmente Desligados, no factor Balanceamento Self-Outro e na dimensão Qualidade da Interação. Em contrapartida, ao nível do factor Tonalidade Emocional Negativa, indivíduos Desligados apresentam valores superiores aos Preocupados, sendo os Seguros os que menor Tonalidade Emocional Negativa expressam. As diferenças enunciadas são significativas para as mulheres, ao passo que para os homens tal ocorre significativamente apenas no factor Balanceamento Self-Outro.

As Tabelas 27 e 28 apresentam as distribuições dos *clusters* da CIT em função do padrão de vinculação, para homens e mulheres respectivamente.

Tabela 27. Padrão de vinculação dos homens e clusters da CIT

Clusters CIT				
Padrão AAI	Interação Emaranhada	Interação Distanciada	Interação Balanceada	N
Seguro	10	6	8	24
Preocupado	4	2	2	8
Desligado	1	6	1	8
N	15	14	11	40

Tabela 28. Padrão de vinculação das mulheres e *clusters* da CIT

Clusters CIT Padrão AAI	Interacção Emaranhada	Interacção Distanciada	Interacção Balanceada	N
Seguro	10	6	9	25
Preocupado	5	4	2	11
Desligado	–	4	–	4
N	15	14	11	40

Os resultados apontam para que à Interacção Balanceada corresponda uma maior proporção de indivíduos classificados como seguros na AAI relativamente a indivíduos preocupados ou desligados, bem como que à Interacção Distanciada corresponda uma maior proporção de indivíduos classificados como Desligados na AAI, embora não seja possível avaliar a presença de associações significativas.

Até ao momento, têm sido apresentados resultados relativos ao modo como os casais se distribuem ao nível da CIT em função do padrão de vinculação dos participantes no estudo. De seguida expor-se-á o modo como estas variáveis se encontram afectadas quando se consideram as configurações de vinculação do casal (**Tabela 29**).

Tabela 29. Configuração de vinculação de casal e *clusters* da CIT

Clusters CIT Configuração Casal	Interacção Emaranhada	Interacção Distanciada	Interacção Balanceada	N
Seguro/Seguro	9	2	7	18
Seguro/Inseguro	2	8	3	13
Inseguro/Inseguro	4	4	1	9
N	15	14	11	40

$\chi^2 = 10.16$; $p < .05$

São encontradas associações estatisticamente significativas a nível comportamental ao considerarem-se as configurações de Segurança e

Insegurança da vinculação do casal. Especificamente, verifica-se que casais em que pelo menos um dos elementos é classificado como Inseguro na *AAI* apresentam maior tendência a enquadrarem-se numa interacção avaliada como Emaranhada ou Distanciada do que ocorre (proporcionalmente) com díades avaliadas como Seguro/Seguro.

3.2.4. INTERACÇÃO DIÁDICA, REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA E VINCULAÇÃO

O estudo da relação estabelecida entre o comportamento observado na interacção diádica e a representação da relação íntima assentou na análise do modo como a relação íntima é representada pelos três *clusters* de casais eduzidos da *CIT*. Assim, com o objectivo de avaliar diferenças na representação da relação íntima em função das categorias de comportamento diádico, procedeu-se à análise de variância univariada, cujos resultados são apresentados nas Tabelas 30 e 31, para homens e mulheres, respectivamente.

Tabela 30. Diferenças na representação da relação íntima em função dos *clusters* da *CIT*, nos homens

<i>Clusters CIT</i> Factores <i>IRI</i>	Interacção Emaranhada (N=15) M (DP)	Interacção Distanciada (N=15) M (DP)	Interacção Balanceada (N=15) M (DP)	<i>F</i>	Scheffé
Coerência	11.06 (2.76)	8.64 (2.84)	12.27 (3.17)	5.28*	ID<IB
Cuidados	10 (2.36)	8.00 (2.93)	11.63 (2.41)	6.17*	ID<IB
Intimidade Sexual	3.53 (.99)	2.93 (.91)	3.91 (1.37)	2.63	-----

* $p < .05$

Tabela 31. Diferenças na representação da relação íntima em função dos *clusters* da *CIT*, nas mulheres

<i>Clusters CIT</i> Factores <i>IRI</i>	Interacção Emaranhada (N=15) M (DP)	Interacção Distanciada (N=15) M (DP)	Interacção Balanceada (N=15) M (DP)	<i>F</i>	Scheffé
Coerência	10.46 (2.82)	9.5 (3.83)	11.90 (2.11)	1.9	----
Cuidados	9.80 (2.62)	9.07 (2.84)	12.27 (2.86)	4.40**	ID<IB
Intimidade Sexual	3.4 (.91)	2.79 (1.12)	4.00 (1.00)	4.40*	ID<IB

**p<.01; *p<.05

Do ponto de vista meramente estatístico, não é possível diferenciar de forma significativa (ao nível representacional) os indivíduos que apresentam uma interacção Emaranhada relativamente aos restantes. Porém, dada a relevância do ponto de vista conceptual que esta abordagem proporciona, parece-nos útil, e pela lente da teoria da vinculação, salientar que do ponto de vista clínico estaremos perante organizações de representação da relação íntima que poderão ser distinguidas com base nos *clusters* da *CIT*. Assim, díades com uma Interacção Emaranhada caracterizam-se por apresentarem uma organização representacional caracterizada por níveis intermédios de coerência, prestação e procura de cuidados e intimidade sexual; um outro grupo de casais, com uma Interacção Desligada, apresenta baixos níveis de coerência na representação da relação íntima, baixos níveis de procura e prestação de cuidados, bem como de intimidade sexual; finalmente, as díades que apresentam uma Interacção Balanceada caracterizam-se pela representação coerente da relação íntima, valorização da intimidade sexual e da prestação e procura de cuidados. Face a estas diferenças, optámos por designar, ao nível da representação da relação íntima, o primeiro grupo como possuindo uma Organização Emaranhada, o segundo como apresentando uma Organização Desligada e o último como tendo uma Organização Balanceada.

Na Tabela 30 é possível verificar a presença de diferenças estatisticamente significativas ao nível dos factores Coerência e Cuidados da *IRI* entre os homens que apresentam uma Interacção Distanciada e os que se caracterizam por uma

Interacção Balanceada. Especificamente, estes apresentam níveis superiores em ambos os factores relativamente aos homens com uma Interacção Distanciada.

No que diz respeito às mulheres (Tabela 31) diferenças estatisticamente significativas são encontradas nos factores Cuidados e Intimidade Sexual da *IRI* entre as mulheres que apresentam uma Interacção Balanceada e as que se caracterizam por uma Interacção Distanciada. Assim, é possível observar que as mulheres com uma Interacção Distanciada apresentam significativamente valores mais baixos nos factores em causa relativamente às mulheres com uma Interacção Balanceada.

Na Tabela 32 é apresentada a concordância da organização da representação da relação íntima entre os elementos do casal.

Tabela 32. Concordância da Organização *IRI* no casal

Mulher Homem	Emaranhada	Distanciada	Balanceada
	(N=15)	(N=14)	(N=11)
Emaranhada (N=15)	6	3	6
Distanciada (N=14)	3	10	1
Balanceada (N=11)	6	1	4

Quando consideradas as categorias de representação da relação íntima, é possível verificar a tendência dos casais em representarem de forma similar a sua relação íntima, apesar de não ser possível avaliar a significância estatística destas associações. Atente-se especificamente à elevada proporção de indivíduos em que ambos os elementos do casal são avaliados como apresentando uma representação distanciada.

O estudo da relação estabelecida entre estas organizações representacionais da relação íntima e a vinculação abrange dois níveis de análise: os padrões de vinculação dos indivíduos e as configurações do casal de segurança e insegurança na *AAI*.

As Tabelas 33 e 34 apresentam as distribuições das organizações de representação da *IRI* em função do padrão de vinculação, para os homens e para as mulheres, respectivamente.

Tabela 33. Padrão de vinculação e Organização *IRI* nos homens

Organização <i>IRI</i> Padrão <i>AAI</i>	Emaranhado	Desligado	Balanceado	N
Seguro	11	3	10	24
Preocupado	3	4	1	8
Desligado	1	7	—	8
N	15	14	11	40

Tabela 34. Padrão de vinculação e Organização *IRI* nas mulheres

Organização <i>IRI</i> Padrão <i>AAI</i>	Emaranhado	Desligado	Balanceado	N
Seguro	11	5	9	25
Preocupado	3	6	2	11
Desligado	1	3	—	4
N	15	14	11	40

A leitura das Tabelas 33 e 34 indica que indivíduos avaliados como Inseguros tendem a apresentar uma representação Emaranhada ou Desligada da relação íntima, ao passo que os indivíduos Seguros distribuem-se quase equitativamente entre uma representação Balanceada ou Emaranhada da relação íntima, embora não seja possível aferir a presença de associações significativas.

As Tabelas 35 e 36 apresentam a associação entre as organizações da *IRI* e as configurações de segurança e insegurança do casal na *AAI*, para homens e mulheres respectivamente.

Tabela 35. Organização *IRI* dos homens em função da configuração de segurança do casal na *AAI*

Configuração Casal \ Organização <i>IRI</i>	Organização <i>IRI</i>			N
	Emaranhada	Desligada	Balanceada	
Seguro/Seguro	8	2	8	18
Seguro/Inseguro	6	5	2	13
Inseguro/Inseguro	1	7	1	9
N	15	14	11	40

$\chi^2 = 10.22$; $p < .05$

Tabela 36. Organização *IRI* das mulheres em função da configuração de segurança do casal na *AAI*

Configuração Casal \ Organização <i>IRI</i>	Organização <i>IRI</i>			N
	Emaranhada	Desligada	Balanceada	
Seguro/Seguro	8	2	8	18
Seguro/Inseguro	5	6	2	13
Inseguro/Inseguro	2	6	1	9
N	15	14	11	40

$\chi^2 = 13.3$; $p < .05$

A leitura das Tabelas 35 e 36 permite concluir que nas díades em que pelo menos um dos elementos do casal é classificado como Inseguro na *AAI*, os indivíduos têm maior tendência a representar a relação íntima de uma forma Emaranhada ou Desligada. Atente-se ao facto de casais avaliados como Seguro/Seguro apresentarem uma diminuta proporção de indivíduos que apresentam uma representação Desligada da relação íntima, não se diferenciando nas Organizações Emaranhada e Balanceada.

Os resultados até aqui apresentados incidem sobre as relações estabelecidas entre a vinculação e a intimidade, sob os pontos de vista representacional e comportamental. A abordagem factorial e categorial adoptada permite compreender a natureza destas relações, diferenciando tipos de representação e de interacção observada em função de padrões de vinculação e da configuração do casal ao nível da segurança e insegurança.

Neste momento, importa pormenorizar a análise no sentido de examinar o contributo diferencial exercido pela vinculação, pela representação da relação íntima e pelo comportamento diádico no contexto da conjugalidade. Parece-nos igualmente pertinente distinguir o papel específico que cada um dos elementos do casal desempenha nestes domínios relativamente ao seu parceiro, atendendo ao facto de diversos resultados de cada elemento do casal apresentarem correlações significativas, indicando algum grau de interdependência diádica no casal (Simpson, *et al.*, 2007). Para tal, adoptou-se o *Actor-Partner Interaction Model* (c.f. Ponto 2.3), recorrendo-se a uma abordagem dimensional da representação da relação íntima e do comportamento diádico. Os resultados desta análise são apresentados de seguida.

3.2.5. VINCULAÇÃO, REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES ÍNTIMAS E COMPORTAMENTO DIÁDICO: MODELO DE INTERACÇÃO E CONTRIBUTOS INDIVIDUAIS

A Tabela 37 apresenta a influência do padrão de vinculação de cada um dos elementos do casal no comportamento diádico e o modo como este efeito é moderado pelo padrão de vinculação do parceiro (distinguido como Seguro ou Inseguro).

Tabela 37. Odds Ratio simples e ajustados (ao padrão de vinculação do outro elemento do casal) de um score CIT inferior, em função do padrão de vinculação (n=40)

Escala CIT	Padrão Vinculação	Individual		Ajustado	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
		OR	OR	OR	OR
Afecto Positivo Diádico		8.3*	3	7*	2
Afecto Negativo Diádico		.2	2.1	.1	4.7
Hostilidade		.2	.2	.2	.3
Resolução do Conflito		2.2	1.7	2	1.4
Base Segura		1.8	2.2	1.5	1.9
Eq. Assertividade /Auto-retraimento		4.1*	3.1	3.3	2.3
Equilíbrio Individuo/Relação		3.9*	3.1	3.1	2.3
Equilíbrio Mundo/Relação		2.1	3	1.6	2.6
Qualidade da Interação		7.1**	5.3*	5.4*	3.9*

**p<.01; *p<.05

Modelo: Probabilidade de CIT baixa; Categoria de referência: Padrão Seguro

Verifica-se que o efeito individual do padrão Inseguro da mulher no comportamento diádico aumenta significativamente o risco de um resultado baixo no comportamento diádico em termos de Afecto Positivo Diádico, Equilíbrio Assertividade/Auto-retraimento, Equilíbrio Individuo/Relação e Qualidade da Interação. Por seu lado, o padrão Inseguro do homem aumenta significativamente o risco de um resultado baixo na escala Qualidade da Interação.

Quando considerado o padrão de vinculação ajustado ao do outro elemento do casal, observa-se que o efeito individual de um padrão Inseguro no comportamento diádico vê-se diluído pelo padrão Seguro do parceiro, ou potenciado se o padrão de vinculação do parceiro for também Inseguro. Tal é evidenciado nas escalas Afecto Positivo Diádico e Qualidade da Interação para as mulheres e na escala Qualidade da Interação para os homens.

Atente-se agora aos efeitos individuais e ajustados da representação da relação íntima sobre a interação diádica. A Tabela 38 apresenta a influência da representação da relação íntima de cada elemento do casal no comportamento diádico e o modo como este efeito é moderado pela representação da intimidade do parceiro, ao nível das escalas de avaliação da *IRI*.

Tabela 38. Odds Ratio simples e ajustados (ao score *IRI* do outro elemento do casal) de um score *CIT* inferior, em função dos score *IRI* de cada elemento do casal (n=40)

Escalas <i>CIT</i>	Escalas <i>IRI</i>		Ajustado	
	Feminino'	Masculino	Feminino	Masculino
	OR''	OR''	OR ⁺	OR ⁺
Base Segura	6.8**	8.7**	4.9*	6.5*
Base Segura	4.2*	6.1*	3.3	5.1*
Base Segura	3.6	8.8**	1.6	7.4*
Equilíbrio	6.4*	9**	3.4	6*
Indivíduo/Relação	15.7**	15.8***	9.4*	10.3**
Qualidade Interação	.1*	.1*	.1*	.1*
Qualidade Interação	9**	11.7***	4.2	6.5*
Afecto Positivo	5.3*	2.3	1.8	1.8
Diádico	2.4	4.6*	1.3	4
Qualidade Interação	2.3	2.3	1.8	1.8
Qualidade Interação	5.6*	17***	3.1	12.7*

***p<.001; **p<.01; *p<.05

' IRI alto é a categoria de referência " OR – odds ratio não ajustado + OR – odds ratio ajustado

Na Tabela 38, verifica-se que a representação da relação íntima de cada indivíduo tem efeito sobre o comportamento diádico, mas é também moderado pela representação da relação íntima do companheiro. Assim, atendendo ao efeito individual de um resultado baixo na representação da procura de cuidados observa-se que este aumenta significativamente o risco de um resultado baixo ao nível da Base Segura para ambos os elementos do casal. O efeito individual de um resultado baixo na representação da Prestação de Cuidados aumenta de igual modo o risco de um resultado baixo ao nível da Base Segura para ambos os elementos do casal.

Quanto ao efeito individual de um resultado baixo na escala Equilíbrio Indivíduo/Relação da *IRI* verifica-se que este aumenta significativamente o risco de um resultado baixo nas escalas Equilíbrio Indivíduo/Relação e Qualidade da Interação da *CIT* para ambos os elementos do casal, enquanto que para a escala Base Segura tal efeito verifica-se apenas para os homens.

Considerando as escalas de organização do discurso da *IRI*, é possível observar que o efeito individual de um nível alto de Idealização aumenta significativamente o risco de um resultado baixo na Qualidade da Interação para qualquer dos elementos do casal, ocorrendo precisamente o inverso quando considerada a escala de Coerência.

Ao nível da representação da Intimidade Sexual, o efeito individual de um resultado baixo nesta escala aumenta significativamente o risco de um resultado baixo na escala Afecto Positivo Diádico para as mulheres e na escala Qualidade da Interação para os homens.

Ainda de um ponto de vista individual, o efeito de um resultado baixo na escala Integração Emocional aumenta significativamente o risco de um resultado baixo na Qualidade da Interação para ambos os elementos da díade.

Quando considerada a representação da intimidade ajustada à do outro elemento do casal observa-se que o efeito individual de resultados inferiores nas escalas em análise no comportamento diádico se vê diluído pelos resultados mais elevados do parceiro, ou potenciado se os resultados forem igualmente baixos. Registe-se o efeito de compensação particularmente forte no que concerne à Qualidade da Interação ao considerar a Coerência na *IRI* do Outro, assim como ao nível do Equilíbrio Indivíduo/Relação na *CIT* ao considerar a representação do Equilíbrio Indivíduo/Relação do parceiro na *IRI*.

Com o objectivo de avaliar o contributo específico do padrão de vinculação e da representação da relação íntima de cada um dos elementos do casal no comportamento diádico observado, procedeu-se a análises de regressão logística múltipla, conforme apresentado na Tabela 39.

Tabela 39. Odds Ratio de um score CIT inferior em função do padrão de vinculação e score IRI de cada elemento do casal

Escala CIT	Padrão de Vinculação (inseguro vs. seguro)		Escala IRI (inferior vs. superior)	
	Feminino ¹	Masculino	Feminino	Masculino
	OR ²	OR ²	OR ²	OR ²
Base Segura	.7	.8	Procura de Cuidados 6.2	6.7*
Base Segura	1.1	.7	Prestação de Cuidados 3.5	5.8*
Base Segura	1	.9	Equilíbrio Indivíduo/Relação 1.6	7.6*
Equilíbrio	2.1	1.1	2.2	6.2*
Indivíduo/Relação	4.1	1.6	4.4	11.7*
Qualidade Interação	6.1*	1.4	Idealização .2	.1
Qualidade Interação	4.7	.8	Coerência 2.1	8.8*
Afecto Positivo Diádico	5	1.6	Intimidade Sexual 2.9	1.3
Qualidade Interação	6*	2.9	.7	3.3
Afecto Positivo Diádico	7.9*	1.5	Integração Emocional .8	1.8
Qualidade Interação	6*	2.9	.7	3.3

*p<.05

¹ IRI alto é a categoria de referência ² OR – odds ratio ajustado

É possível constatar que resultados inferiores nas escalas Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados e Equilíbrio Indivíduo/Relação dos homens na IRI aumentam significativamente o risco de resultados mais baixos na escala Base Segura. Esta dimensão está deste modo, para os homens, dependente da representação da intimidade, ao nível das escalas referidas, e não da organização da vinculação. Para a escala Equilíbrio Indivíduo/Relação da CIT regista-se igualmente, para estes indivíduos, uma influência da escala Equilíbrio Indivíduo/Relação da IRI no sentido em que resultados inferiores nesta escala aumentam o risco de resultados baixos na primeira.

Ao nível da Qualidade da Interação observa-se que, para os homens, resultados baixos nesta escala estão dependentes de resultados inferiores nas escalas representacionais Equilíbrio Indivíduo/Relação e Coerência.

Por seu turno, para as mulheres, verifica-se a preponderância do contributo do padrão de vinculação sobre a representação da intimidade. Especificamente, a Qualidade da Interação encontra-se claramente dependente da organização de vinculação, no sentido em que uma organização de vinculação insegura aumenta

significativamente o risco de resultados inferiores nesta apreciação global do comportamento diádico. Nas mulheres salienta-se ainda a influência que a organização de vinculação exerce ao nível do afecto positivo diádico avaliado comportamentalmente.

Finalmente, interessa examinar o contributo específico do padrão de vinculação do próprio e da representação da relação íntima do parceiro no modo como os indivíduos representam a sua relação íntima. Os resultados são apresentados nas Tabelas 40 e 41 para homens e mulheres, respectivamente.

Tabela 40. Resultados das regressões logísticas múltiplas para os *score IRI* masculino (n=40). *Odds Ratio* de um *score IRI* inferior para o sexo masculino, em função do padrão de vinculação e *score IRI* feminino correspondente

Score IRI Masculino	Padrão Vinculação (inseguro vs. seguro)	IRI Feminino' (inferior vs. superior)
	OR''	OR''
Integração Emocional	8.5**	4.1
Procura de Cuidados	3.2	3.2
Prestação de Cuidados	6.2*	1.8
Intimidade Sexual	4.3	6.2*
Equilíbrio Indivíduo/Relação	3.3	5.4*
Idealização	0.1*	0.7
Coerência	13.7**	6.1*

**p<.01; *p<.05

' IRI alto é a categoria de referência '' OR – razão de *odds* ajustado

Tabela 41. Resultados das regressões logísticas múltiplas para os *score IRI* feminino (n=40). *Odds Ratio* de um *score IRI* inferior para o sexo feminino, em função do padrão de vinculação e *score IRI* masculino correspondente

Score IRI Feminino	Padrão Vinculação (inseguro vs. seguro)	IRI Masculino' (inferior vs. superior)
	OR''	OR''
Integração Emocional	6.0*	9.2**
Procura de Cuidados	15.5**	6.2*
Prestação de Cuidados	3.1	2.5
Intimidade Sexual	6.3*	5.3*
Equilíbrio Indivíduo/Relação	15.7**	8.6*
Idealização	0.1*	2.3
Coerência	11.4**	11.8**

***p<.001; **p<.01; *p<.05

*IRI alto é a categoria de referência ** OR – *odds ratio* ajustado

Para os homens, verifica-se que um padrão de vinculação inseguro aumenta o risco de resultados inferiores nas escalas representacionais Integração Emocional, Prestação de Cuidados, Idealização e Coerência. Quando considerada a representação da intimidade do outro elemento do casal, observa-se que resultados inferiores ao nível da representação da companheira aumentam o risco de resultados baixos para os homens nas escalas Intimidade Sexual, Equilíbrio Indivíduo/Relação e Coerência da *IRI*.

No que respeita às mulheres, um padrão de vinculação inseguro aumenta o risco de resultados inferiores em todas as escalas com excepção da relativa à Prestação de Cuidados. Quando ponderada a representação da intimidade do parceiro, observa-se que resultados inferiores do mesmo aumentam o risco de resultados baixos nas mulheres nas escalas Integração Emocional, Procura de Cuidados, Intimidade Sexual, Equilíbrio Indivíduo/Relação e Coerência da *IRI*.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O estudo das relações entre a representação de vinculação, a representação da relação íntima e o comportamento diádico no contexto das relações de casal poderá concorrer quer para a compreensão das especificidades inerentes às relações íntimas, enquanto relações de vinculação entre adultos na idade, quer para o desenvolvimento de metodologias sensíveis e capazes de captar estas especificidades (Roisman *et al.*, 2001; Collins *et al.*, 2004; Simpson, 2006).

Neste âmbito, a discussão dos resultados do nosso estudo organiza-se da seguinte forma: num primeiro momento, atenta-se às suas contribuições metodológicas do ponto de vista representacional e comportamental e, de seguida, são analisadas as relações entre os padrões de vinculação e a qualidade da representação e do comportamento diádico nas relações íntimas. Tal apreciação é, posteriormente, elaborada tendo como nível de análise o contributo particular de cada elemento do casal bem como os contributos específicos

desempenhados pelos padrões de vinculação e pelas dimensões da representação da relação íntima nas dimensões da interação diádica. Finda a discussão dos principais resultados, apresentam-se as principais conclusões e reflecte-se sobre as limitações do estudo bem como sobre as suas implicações para a investigação futura.

4.1. CONTRIBUTOS METODOLÓGICOS: A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA E A INTERACÇÃO DIÁDICA

A teoria da vinculação tem-se constituído como um terreno fértil na proliferação de medidas e métodos de avaliação (Crowell & Treboux, 1995). Por se tratar de uma teoria de cariz desenvolvimental (Sroufe, 2005) os investigadores têm procurado abranger a complexidade do funcionamento do indivíduo nas suas diferentes esferas de desenvolvimento, sob pena de, como defende Roisman (2001), se desvirtuar o legado conceptual de Bowlby.

Neste sentido, consideramos relevante debruçarmo-nos com maior acuidade sobre aquele que em nosso entender se constitui como um contributo metodológico na avaliação da representação da relação íntima na idade adulta. De facto, cremos que a *Intimate Relationship Interview* supre as lacunas apontadas por Collins e cols. (2004) referentes à não acuidade metodológica que tem caracterizado a avaliação da relação íntima do ponto de vista representacional, dado assistir-se frequentemente à mera adaptação de instrumentos inicialmente dirigidos à avaliação do modelo interno dinâmico geral. Em contraponto, a *IRI*, elaborada sob a matriz da teoria da vinculação, enfatiza construtos basilares como os de base segura, procura e prestação de cuidados focados nas relações entre adultos e, no seu processo de cotação, atribui particular relevância à idealização e coerência da narrativa, que Main e Goldwin (1984; 1998) identificaram como centrais no processo de organização representacional, sem olvidar porém as especificidades inerentes a uma relação íntima de cariz amoroso na idade adulta, como seja a intimidade sexual (Zimmer-

Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2004). Além disso, ao nível da fidelidade e da validade de construto, a *IRI* revelou ser um instrumento robusto.

No domínio comportamental, o recurso a metodologias de cariz observacional na idade adulta retoma o legado empírico de Ainsworth (e.g., 1978). De modo particular, a *CIT* tem sido amplamente utilizada em vários estudos (e.g., Roisman *et al.*, 2001; Ostrov, & Collins, 2007; Simpson, *et al.*, 2007) que recorrem a várias escalas para a sua análise e cotação (Collins *et al.*, 1998). Embora estas escalas sejam úteis, consideramos que a abordagem factorial adoptada no presente estudo conduziu à identificação de um número mais restrito de factores que possibilitam uma análise parcimoniosa do processo diádico e tonalidade emocional partilhada pelos casais. Em acréscimo, a determinação de *clusters* de casais em função do seu comportamento permite a adopção de uma perspectiva categorial que percorre a senda do realizado empiricamente na tradição do quadro referencial da vinculação, independentemente da metodologia utilizada (e.g., Ainsworth, 1978; Goldwin & Main, 1984; 1998; Feeney, Noller & Hanrahan, 1994).

4.2.VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA

Os nossos resultados indicam que a qualidade da representação da vinculação está associada à qualidade da representação da relação íntima, em conformidade com a literatura (Treboux *et al.*, 2004). Especificamente, a segurança da vinculação associa-se a narrativas pautadas pela coerência, pela valorização da intimidade sexual e pela representação de si e do outro como capaz de procurar e prestar cuidados em situações de *distress*.

Dos nossos resultados ressalta a tendência de indivíduos com padrão de vinculação preocupado e desligado apresentarem uma organização representacional emaranhada ou distanciada da relação íntima, indicando alguma continuidade entre o modelo interno dinâmico geral e o específico à relação

Íntima. Importa verificar que esta continuidade não é observada nos indivíduos com padrão de vinculação seguro, dado apresentarem de modo quase equitativo uma organização balanceada e emaranhada da relação íntima. De modo global, estes dados são consentâneos com os de Simpson e cols. (2002), que encontraram associações apenas moderadas entre o modelo interno dinâmico geral e o específico.

À segurança na AAI estão associadas capacidades de integração coerente de diferentes tonalidades afectivas nas narrativas sobre a relação íntima, indicando uma experiencição reflectida de um leque extenso de emoções, vivenciada também em contexto sexual. A apreciação destes indivíduos de que a relação íntima lhes proporciona desenvolvimento pessoal, permitindo a exploração do tecido envolvente, alia-se à sua capacidade de flexivelmente solicitarem suporte em momentos de *distress*, bem como de o proporcionarem ao companheiro, potenciando deste modo o desenvolvimento da relação, que, dada a centralidade destes aspectos no contexto da intimidade (Collins & Sroufe, 1999; Roisman *et al.*, 2001), aufere aos elementos do casal o sentido de pertença (Cassidy, 2001). A referida flexibilidade não é evidenciada por indivíduos preocupados ou desligados, os quais, em contraste, parecem caracterizar-se pela rigidificação de papéis ora de procura ora de prestação de cuidados - no caso dos preocupados, comumente conotadas com características de prestação compulsiva de cuidados (e.g., Kuncé & Shaver, 1994) -, ou simplesmente mostrar-se incapazes de realizar qualquer destes papéis.

Numa perspectiva eminentemente diádica, verificámos a interdependência da representação de intimidade de um indivíduo relativamente ao seu padrão de vinculação e à representação de intimidade do outro. Nesta linha, saliente-se que a idealização de si, do outro e da relação depende exclusivamente da qualidade de vinculação do próprio, indicando que a insegurança potencia a representação da relação íntima como exemplar e a valorização da percepção de terceiros face à relação em detrimento da experiência efectiva no seu contexto. Este efeito de exclusividade do padrão de vinculação na representação da intimidade ocorre apenas nos elementos masculinos do casal, relativamente à capacidade de

integrar emoções de distintas tonalidades e no que respeita à representação da prestação de cuidados. É curioso verificar a este propósito que a integração coerente de afecto por parte dos elementos femininos do casal se dá também em função do seu padrão de vinculação, mas particularmente da integração emocional revelada pelo companheiro.

Ainda que a representação do outro influencie a do próprio, é de salientar a preponderância do padrão de vinculação na qualidade da representação de intimidade ao nível da coerência, aspecto indiciador de estabilidade do modelo interno dinâmico no adulto, conforme antecipado (Bowlby, 1979; Fraley, 2002), não invalidando porém que a relação diádica contribua para a (re)co-construção de modelos representacionais (Crowell *et al.*, 2002). Especificamente, a representação do relacionamento enquanto promotor de desenvolvimento pessoal para os elementos masculinos do casal parece ser modelada pela representação da companheira, não desempenhando o padrão de vinculação um papel decisivo no balanceamento entre necessidades individuais e da relação, nem na representação da intimidade em contexto sexual. Por seu turno, nos elementos femininos da díade e no que concerne à representação da intimidade sexual, quer a representação do companheiro quer a segurança da vinculação parecem aportar-lhes a sensibilidade e responsividade ao outro, valorizando-o (e a si) enquanto ser sexual (LeGrand, Snell & Zlokovich, 2002).

4.3. VINCULAÇÃO E INTERACÇÃO DE CASAL

Em conformidade com a literatura (e.g., Roisman *et al.*, 2001; Bouthillier, Julien, Dubé, Bélanger & Hamelin, 2002; Simpson *et al.*, 2007) o nosso estudo encontra associações entre o padrão de vinculação e o comportamento no contexto da interacção de casal.

Atentando em primeira instância aos resultados encontrados exclusivamente no domínio comportamental diádico, verifica-se, em consonância com trabalhos prévios (e.g., Collins & Feeney, 2000; Lima, Vieira, Soares, Collins & Martins,

2007) que a qualidade da interacção do casal se associa fortemente à riqueza e complexidade do processo de resolução de conflito, que abrange por sua vez competências do casal em colaborar e negociar, realizando cedências em prol do bem comum. A esta leitura subjaz o balanceamento entre as necessidades individuais e as da relação, sustentadas na capacidade de ambos os elementos da díade recorrerem ao outro como base segura e de ante ele constituírem-se como tal (Crowell, Fraley & Shaver, 1999).

O processo enunciado parece estar particularmente presente em indivíduos avaliados como seguros no que concerne ao seu padrão de vinculação. Concretamente, é possível observar nestes indivíduos um equilíbrio entre solicitar e prover cuidados, a que se associa uma maior satisfação no processo de resolução de conflito, antevendo-se ainda a sua mestria em proceder a movimentos de interioridade e exterioridade (Soares, 2004), na dialéctica entre autonomia e vinculação, cujo balanceamento viabiliza o desenvolvimento sincrónico do indivíduo (na) e da relação. Tal sincronia parece esvair-se em indivíduos preocupados e, de modo ainda mais visível, em indivíduos desligados. Apesar desta tendência antagónica à segurança, crê-se que os processos subjacentes a cada uma destas organizações inseguras serão distintos, especificamente no que concerne à dinâmica de resolução de conflito e expressão de afecto. Quiçá por parte dos preocupados se assista a um esforço em preservar a relação, ainda que à custa da perda do sentido de *self*, ao passo que nos desligados registar-se-á um esforço em preservar o *self*, ainda que de tal decorra prejuízo para a relação, conforme verificaram Creasy e Hesson-McInnis (2001). A este propósito, Wampler, Shi, Nelson e Kimball (2003) enunciam como objectivos no estabelecimento de intimidade por parte de indivíduos preocupados a busca de segurança (a todo o custo) e por parte dos indivíduos desligados, o estabelecimento de controlo (a qualquer custo), numa conceptualização análoga à proposta por Mashek e Sherman (2004).

Partindo da premissa anterior, e considerando agora as configurações de segurança e insegurança no casal, compreende-se que sejam os casais em que ambos os elementos são inseguros os que apresentam uma menor manifestação de opiniões e expressão recíproca de afecto positivo aquando do processo de

resolução de conflito (à semelhança do verificado por Cohn e cols., 1992), ostentando ainda desequilíbrio na negociação do *self* e da relação, estando o eixo dos cuidados (Soares, 2004) igualmente comprometido. Se os casais em que ambos são seguros evidenciam claramente mais competências nas dimensões referidas, saliente-se o facto de a presença de um elemento seguro numa díade parecer concorrer para uma melhor qualidade global da relação do que ocorre quando ambos são inseguros, evidência consentânea com a encontrada por Paley, Cox, Burchinal e Payne (1999) com metodologia similar.

A adopção do modelo de interdependência do comportamento de um indivíduo face ao seu padrão de vinculação e ao do companheiro remete o debate para um nível de sofisticação conceptual e metodológica superior, assumindo o cariz diádico que subjaz ao comportamento e ao padrão de vinculação. Neste sentido, assume-se como indubitável o facto de o impacto lesivo da insegurança do padrão de vinculação no comportamento diádico de um elemento do casal ser contrabalançado pela segurança do outro. Tal verifica-se no referente à tonalidade emocional, em que a segurança do elemento masculino minimiza o risco de uma baixa reciprocidade de afecto positivo e de uma elevada reciprocidade de afecto negativo, que estariam patentes ao considerar-se isoladamente a insegurança do elemento feminino. Estes dados, congruentes com os encontrados por Creasey (2002), fazem crer que a segurança de um elemento do casal se assume como protectora da relação ao maximizar a expressão positiva de afecto diádico, particularmente se o elemento do casal seguro for o homem. Este efeito não se verifica contudo no que respeita à expressão de opiniões e ao desenvolvimento individual no contexto da relação, em que parece imperar o padrão de vinculação do elemento feminino, sem interacção da do elemento masculino. Crê-se pois que a insegurança da vinculação da mulher desempenha um papel independente no sentido de potenciar o auto-retraimento e a constrição da individualidade no contexto diádico. Como apreciação global da qualidade da interacção, elegendo assim um olhar macro sobre a mesma, verifica-se que a segurança de qualquer dos elementos do casal concorre para a minimização do risco danoso que a

insegurança do parceiro teria na riqueza da interacção (Crowell *et al.*, 2002; Roisman *et al.*, 2001) no seu cômputo geral.

4.4. REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ÍNTIMA E INTERACÇÃO DE CASAL

Um dos fundamentos orientadores do presente estudo era que o modelo interno dinâmico específico à relação íntima estaria associado à interacção diádica do casal. Trabalhos anteriores oferecem suporte empírico a esta hipótese (Crowell *et al.*, 2002; Roisman *et al.*, 2005; Vieira, 2008), que o nosso estudo confirma.

Os resultados do nosso trabalho permitem verificar que a capacidade em expressar opiniões e concomitantemente validar as do companheiro e atender às suas necessidades, estão associadas à coerência das narrativas sobre a relação íntima. Nestas, a representação do outro como disponível e responsivo associa-se comportamentalmente ao balanceamento do *self*-outro, num processo em que a resolução de conflito e o processo de negociação é tido como equilibrado e satisfatório para a díade.

Por seu turno, nos indivíduos cujo modelo interno dinâmico específico à relação íntima são tidos como desligados ou emaranhados, observa-se o que Byng-Hall (1999) define como o desequilíbrio no balanceamento da proximidade/distância, caracterizado pela disrupção no eixo dos cuidados. De facto, a flexibilidade e reciprocidade exigida no contexto das relações íntimas na idade adulta ao nível da procura e prestação de cuidados não é observada do ponto de vista comportamental, podendo verificar-se o que Johnson, Makinen, Millikin (2001), ao considerar a centralidade do cuidar, designa por *attachment injury*. À semelhança do verificado por Roisman e cols. (2005), estes indivíduos tendem a apresentar dificuldade na regulação da emocionalidade, assistindo-se frequentemente a um processo de escalada pautado pela raiva e hostilidade, conforme haviam enunciado Rholes, Simpson e Orina (1999).

4.5. VINCULAÇÃO, REPRESENTAÇÃO DA INTIMIDADE E COMPORTAMENTO NA RELAÇÃO ÍNTIMA

O estudo das interconexões entre a vinculação, a representação da intimidade e o comportamento observado na relação diádica é tido por Rholes e Simpson (2004) como um desafio contemporâneo para a compreensão das relações íntimas na idade adulta à luz da teoria da vinculação. A resposta a este repto exige a consideração dos efeitos de interacção entre o padrão de vinculação, a representação da intimidade e o comportamento, a nível individual e também diádico.

Assim, a nível individual, é possível salientar que o comportamento de base segura no contexto da interacção é maximizado quando os indivíduos se representam como capazes de recorrer ao outro em momentos de *distress* e de serem sensíveis e responsivos face ao *distress* do companheiro. Assiste-se como que a um *continuum* entre o domínio representacional e comportamental, igualmente observado por Roisman e cols. (2005) com recurso à *CRI*.

Para os elementos masculinos do casal, o comportamento de base segura vê-se igualmente potenciado pela representação da relação enquanto promotora do seu desenvolvimento pessoal e pela representação de si enquanto contribuindo para o desenvolvimento do relacionamento íntimo actual. Neste equilíbrio entre as necessidades pessoais e relacionais observa-se um efeito de maximização entre o domínio representacional e comportamental, patente ainda na apreciação da qualidade da relação. Torna-se deste modo claro que a representação de crescimento pessoal sustentado de, e na relação, consubstancia a manifestação de comportamentos denotadores de sentido de compromisso, pertença recíproca e de bem-estar (Collins & Sroufe, 1999).

É curioso assinalar que a representação da intimidade sexual influencia o comportamento de ambos os elementos da díade, verificando-se porém que tal impacto ocorre em modos distintos: nas mulheres surge ao nível da partilha de afecto positivo, ao passo que para os homens evidencia-se na avaliação global da qualidade da relação, estando contudo subjacente em ambos a valorização da cumplicidade e do (re)conhecimento mútuo (Brennan & Shaver, 1995).

Atentando à organização discursiva relativamente à relação actual, saliente-se o modo como a idealização de si, do outro e do relacionamento compromete para cada um dos elementos do casal a qualidade global da relação observada, por antítese ao que sucede com a capacidade de representacionalmente integrar o *self* e o outro no contexto diádico.

Incluindo na análise do efeito entre a representação e o comportamento a representação da intimidade do outro, emerge a característica diádica que lhes está inerente. Sublinha-se que uma representação íntima positiva por parte do parceiro relativamente à qualidade da procura de cuidados exerce um efeito protector sobre o comportamento ao nível da base segura. Para os homens, a representação positiva por parte da companheira relativamente à qualidade da prestação de cuidados exerce um efeito protector ao nível do equilíbrio entre o indivíduo e a relação.

No eixo dos cuidados, evidencia-se a interdependência da representação da qualidade de procura de cuidados de ambos os elementos do casal nos seus comportamentos individuais de *careseeking*, registando-se por seu turno que, ao nível da prestação de cuidados, a interdependência ocorre apenas para os homens. Efectivamente, o comportamento feminino de prestação de cuidados vê-se dependente apenas da representação dos seus companheiros. Este resultado vai na linha dos encontrados por Vieira (2008), nos quais surge uma clivagem entre o domínio representacional e comportamental para as mulheres.

Crê-se ser particularmente pertinente quer pela saliência dos resultados obtidos, quer pela sua relevância conceptual, o facto de a coerência na organização do discurso do parceiro relativamente à relação íntima moderar a qualidade global da interacção, não ocorrendo o equivalente para a idealização. Concomitantemente, a representação da relação como base segura para o desenvolvimento pessoal por parte do parceiro parece minimizar o risco de, no plano da interacção diádica, se verificar desequilíbrio entre as necessidades do indivíduo e as da relação, dando azo à leitura do outro como capaz de colmatar tal desequilíbrio, assumindo-se deste modo a recursividade das interacções (Relvas, 2000).

Sendo claro que quer o padrão de vinculação, quer a representação da intimidade por parte de cada um dos elementos do casal influenciam o

comportamento diádico, cumpre neste momento compreender o impacto diferencial que cada um destes domínios representacionais tem no comportamento de interacção de casal. Assim, denota-se que, para os homens, a representação da relação actual se assume como preponderante no comportamento diádico em comparação com o seu padrão de vinculação, ocorrendo o inverso para os elementos femininos do casal, em que o padrão de vinculação parece exercer mais peso na interacção diádica. Assim, se para os homens, os resultados são consentâneos com os dados de Cozzarelli e cols. (2000), em que o modelo interno dinâmico específico contribui mais fortemente para a interacção estabelecida com a companheira, para as mulheres as experiências diádicas ocorridas com as figuras prestadoras de cuidados ao longo da sua história desenvolvimental parecem ser mais determinantes na interacção com o companheiro.

4.6. LIMITAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO FUTURA

A reduzida dimensão da amostra impediu a realização de análises estatísticas mais aprofundadas que permitiriam, por exemplo, averiguar a existência de diferenças entre as várias organizações de representação da relação íntima, ou entre grupos com base no padrão de vinculação.

A opção por incluir medidas de avaliação diádica (por oposição a individual) ao nível comportamental decorreu da consideração de que reflectiriam mais fielmente a (não) sincronia e o carácter relacional da interacção conjugal. Estamos de acordo com Simpson e cols. (2007), quanto ao facto de a opção entre medidas diádicas e individuais se assumir como um dilema comum entre os investigadores que se dedicam ao estudo de construtos relacionais. Embora consideremos relevantes os resultados encontrados com recurso a medidas de avaliação diádica do comportamento, julgamos que a investigação futura deverá contemplar, adicionalmente, um enfoque individual sobre o comportamento no contexto da interacção diádica. Desta forma, poderão ser equacionados os contributos específicos a nível comportamental por parte de cada elemento do

casal. Este estudo poderia permitir, ainda, uma análise mais rigorosa ao nível da organização da representação da relação íntima de cada indivíduo, dado que ao invés de esta ter sido obtida por meio de um *score* total da díade, poderia advir do seu próprio comportamento. Finalmente, esta nova nova proposta deveria, também, reflectir um enfoque desenvolvimental inerente à teoria da vinculação, traduzida num desenho longitudinal, de forma a abarcar a complexidade co-construtiva das trajectórias individuais e diádicas.

O presente estudo compreendeu díades que não estavam envolvidas em processos terapêuticos, individualmente ou enquanto casal. Consideramos pertinente que a investigação futura recorra a amostras clínicas, permitindo compreender se os processos aqui identificados também ocorrem em casais com psicopatologia. Especificamente, face ao carácter (continuamente) co-construído da relação íntima, para o qual a história desenvolvimental de cada um elementos do casal dá a sua contribuição, parece-nos adequado que a intervenção terapêutica com casais assuma um enfoque circular e recursivo das interacções (Relvas, 2000), contrapondo-se aos modelos unidireccionais que sublinham as qualidades individuais como determinantes no relacionamento do casal (e.g., Zaleski & Galkowska, 1978, *in* Davila, 2003). Deste modo, o foco da intervenção é transferido do indivíduo e das suas (in)competências para o processo relacional e para os movimentos de proximidade/distância, interioridade/exterioridade e procura/prestação de cuidados, *“identificando aspectos modificáveis relativamente à vinculação que facilitem o relacionamento familiar e aspectos da interacção (...) que promovam a segurança da vinculação de cada um dos elementos”* (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2004, pp. 426).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

- Aguilar, B., Sroufe, L.A., Egeland, B. & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behaviour types: from birth to 16 years. *Developmental Psychopathology*, 12, 109-132.
- Ainsworth, M. (1963). The development of infant-mother interaction among the Ganda. In B. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior*, vol.2, (pp.67-104). London: Methuen.
- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. (1977). Infant development and mother-infant interaction among Ganda and American families. In P.H. Leiderman & S. Tulkin (Eds.), *Culture and infancy: Variations on human experience*. New York: Academic Press.
- Ainsworth, M. (1985). Attachment across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 60-83) New York: Routledge.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.Y.: Erlbaum.
- Alexandrov, E.O., Cowan, P.A. & Cowan, C.P. (2005). Couple attachment and the quality of marital relationships: method and concept in the validation of the new couple attachment interview and coding system. *Attachment & Human Development*, 7 (2), 123-152.
- Almeida, J. (2005). *Apoio social e morbilidade em estudantes universitários nos períodos de transição: Estudo comparativo da prevalência da ansiedade e da depressão*. Monografia de investigação não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Amatto, P.R. & Booth, A. (2001). The Legacy of Parents' Marital Discord: Consequences for Children's Marital Quality. *Journal of Personality and Social Psychology* 81 (4): 627-638.

Ammaniti, M., van IJzendoorn, M.H., Speranza, A.M., & Tambelli, R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: An exploration of stability and change. *Attachment and Human Development*, 2, 328–346.

Aron, A.P., Mashek, D. & Aron, E. (2004). Closeness as including other in the self. In D. Mashek & A.P. Aron (Eds.). *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 27-41). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

B

Bailey, H., Waters, E., Pederson, D. & Moran, G. (1999). Ainsworth revisited: an empirical analysis of interactive behavior in the home. *Attachment & Human Development*, 1, 2191-216.

Bakermans-Kranenburg, M.J. & van IJzendoorn, M.H. (1993). A psychometric study of the Adult Attachment Interview - Reliability and discriminate validity. *Developmental Psychology*, 29, 870-879.

Baldwin, M.W. & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships* 2, 247–261.

Baldwin, M., Keelan, Fehr, B., Enns, J. & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social-cognitive conceptualization of attachment working models: availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (1), 94-109.

Ball, J., Cowan, P., & Cowan, C. (1995). Who's got the power? Gender differences in marital problem-solving discussions. *Family Process*, 34 (3), 303-321.

Barón, M.J., Zapiain, J.G. & Apodaca, P. (2002). Apego e satisfacción afectivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, 14 (2), 469-475.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relations*, 7, 147-178.

Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2)226-244.

Basco, M.R., Birchler, B., Kalal, Talbott, R. & Slatter, M.A. (1991). The clinician rating of adult communication (CRAC): a clinician's guide to the assessment of interpersonal communication skill. *Journal of Clinical Psychology*, 47 (3):368-380.

- Beck, A. & Steer, R. (1993). *Beck Depressive Symptoms Inventory*. San Antonio. Tx: Psychological Corporation.
- Beijersbergen, M., Bakermans-Kranenburg, M. & van IJzendoorn, M. (2006). The concept of coherence in attachment interviews: comparing attachment experts, linguists, and non-experts. *Attachment & Human Development*, 8 (4), 353-369.
- Belsky, J. (1988). The Effects of Infant Day Care Reconsidered. *Early Childhood Research Quarterly*, 3, 235-272.
- Belsky, J. (2005). Attachment theory and research in ecological perspectives: insights from the Pennsylvania infant and family developmental project and the NICHD study of early child care. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York: The Guilford Press.
- Belsky, J., Garduque, L. & Hrnčir, E. (1984). Assessing performance, competence, and executive capacity in infant play: Relations to Home environment and security of attachment. *Developmental Psychology*, 20, 406-417.
- Benoit, D. & Parker, K. (1994). Stability and transmission of attachment across generations. *Child development*, 65, 1444-1456.
- Berman, W. & Sperling, M. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults. Clinical and developmental perspectives* (pp. 1-30). NY: Guilford Press.
- Berman, W., Marcus, L. & Berman, E. (1994) Attachment in marital relations. In Sperling, M. & Berman, W. (Eds.) *Attachment in Adults* (pp. 204-231). New York: The Guilford Press.
- (*) Blatz, W. (1966). *Human Security*. Toronto: University of Toronto.
- Block, J.H. & Block, J. (1980). The role of ego-control and ego-resiliency in the organization of behaviour. In W.A. Collins (Ed.). *Minnesota Symposium on Child Psychology*, Vol.13 (pp. 39-101). New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.
- Blum, D. 2002. *Love at Goon Park: Harry Harlow and the science of affection*. Cambridge: Perseus Publishing.
- Bond, C.F. & Kenny, D.A. (2002). The triangle of interpersonal models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 355-366.

- Bosquet, M. & Egeland, B. (2001). Associations among maternal depressive symptomatology, state of mind and parent and child behaviours: implications for attachment-based interventions. *Attachment & Human Development*, 3, 173-99.
- Bouthillier, D., Julien, D., Dube, M., Belanger, I., & Hamelin, M. (2002). Predictive validity of adult attachment measures in relation to emotion regulation behaviours in marital interactions. *Journal of Adult Development*, 9, 291-305.
- Bowlby, J. (1940). The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXI, 1-25.
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: their characters and home life. *International Journal of Psycho-Analysis*, XXV, 19-52.
- Bowlby, J. (1957). An ethological approach to research in child development. *British Journal of Medical Psychology*, XXXIII, 4, 230-240.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 1-23.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss: Attachment* (1st and 2nd edition). London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Sadness and Depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brennan, K.A. & Shaver, P.R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-283.
- Brennan, K.A. & Morris, K.A. (1997). Attachment styles, self-esteem and patterns of seeking feedback from romantic partners. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 23-31.
- Brennan, K.A., Shaver, P.R. & Tobey, A.E. (1991). Attachment styles, gender, and parental problem drinking. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 451-466.

- Bretherton, I. & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships: a construct revisited. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.) *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect. In Bretherton & E. Waters (Eds.) *Growing points of attachment theory and research*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 209, 50 (1-2).
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.). *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York: The Guilford Press.
- Buchanan, C.M. & Waizenhofer, R. (2001). The impact of interparental conflict on adolescent children: considerations of family systems and family structure. In A. Booth, A.C. Crouter & M. Clements (Eds.), *Couples in conflict* (pp. 149-160). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Buss, D.M. & Schmitt, D.P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.
- Byng-Hall, J. (1999). Family therapy and couple therapy: toward greater security. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.) *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 625-645). New York: Guilford Press.

C

- Campbell, L.J. & Kashy, D.A. (2002). Estimating actor-partner and interaction effects for dyadic data using PROC MIXED and HLM: a user-friendly guide. *Personal Relationships*, 9, 327-342.
- Canavarro, C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M.C., Dias, P. & Lima, V.S. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica propósito da aplicação da adult attachment scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia*, XX, 155-186.
- Carlivati, J. & Collins, W.A. (2007). Adolescent attachment representations and development in a risk sample. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 11. 91-105.

- Carlson, E.A. (1998). A prospective longitudinal study of attachment disorganization/disorientation. *Child Development*, 69, 1107-1128.
- Carvalho, M.J. (2007). *Avós, mães adolescentes e bebés - Os vínculos ao longo das gerações*. Universidade do Minho (Tese de doutoramento não publicada).
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guildford Press.
- Cassidy J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3, 121-155.
- Cavanhaug, J. & Blanchard-Fields, F. (2005). *Adult development and aging*. Belmont: Wadsworth Publishing.
- Christensen, A. & Shenk, D.C. (1991). Communication, conflict, and psychological distance in non-distressed, clinic and divorcing couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 458-463.
- Cicchetti, D., Toth, S. & Lynch, M. (1995). Bolwby's dreams comes full circle: the application of attachment theory to risk and psychopathology. *Advances in Clinical Child Psychopathology*, 17, 1-75.
- Cohn, D., Cowan, P., Cowan, C. & Pearson, J. (1992). Mothers' and fathers' working models of childhood attachment relationships, parenting styles, and child behaviour. *Development and Psychopathology*, 4, 417-431.
- Collins, N. & Feeney, B. (2000). A safe haven: an attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1053-1073.
- Collins, N.L. & Read, S.J. (1994). Cognitive representations of adult attachment: the structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.) *Advances in personal relationships, Vol. 5: Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley, Inc.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, W.A., Hennighausen, M. & Roisman, G. (1998). *Dyadic coding of couple interactions: rating qualitative features of close relationships*. Unpublished Coding Manual, Institute of Child Development, University of Minnesota.

- Collins, W.A. & Sroufe, L.A. (1999). Capacity for intimate relationships: a developmental construction. In W. Furman, C. Feiring, & B.B. Brown (Eds.), *Contemporary Perspectives on Adolescent Romantic Relationships* (pp. 123-147). New York: Cambridge University Press.
- Collins, N.L., Guichard, A.C., Ford, M.B. & Feeney, B.C. (2004). Working models of attachment: new developments and emerging themes. In W.S. Rholes & J.A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: theory, research and clinical implications* (pp. 196-239). New York: Guilford.
- Cook, W.L. (2000). Understanding attachment security in family context. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 285-294.
- Cook, W.L. & Kenny, D. (2005). The Actor-Partner Independence Model: a model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development* 29 (2), 101-109.
- Coutinho, J. (em preparação). A aliança terapêutica como contributo para a mudança: o papel da resolução das rupturas e das variáveis do terapeuta.
- Coutinho, J. (2005). Influência da qualidade de vinculação do cliente no estabelecimento da aliança terapêutica inicial. Monografia de investigação não publicada. Braga: Universidade do Minho
- Cowan, P.A. & Cowan, C.P. (2003). Normative family transitions, normal family processes, and healthy child development. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: growing diversity and complexity*, 3rd edition, (pp. 424-459). New York: Guilford Press.
- Cox, M., Owen, M.T., Henderson, V.K. & Margand, N.A. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28, 474-483.
- Cox, M., Paley, B., Payne, C.C. & Burchinal, M. (1999). The transition to parenthood: Marital conflict and withdrawal and parent-infant interactions. In M. J. Cox, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Conflict and cohesion in families: causes and consequences* (pp. 87-104). Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cozzarelli, C., Hoekstra S.J., & Bylsma, W. (2000). General versus specific mental models of attachment: are they associated with different outcomes? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26 (5), 605-618.

(^{*)} Craik, K. (1943). *The Nature of Explanation*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Creasy, G. & Hesson-McInnis, M. (2001). Affective responses, cognitive appraisals, and conflict tactics in late adolescent romantic relationships: associations with attachment orientations. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 85-96.
- Crittenden, P. (1997). Patterns of attachment and sexual behavior: risk of dysfunction versus opportunity for creative integration. In L. Atkinson & K. Zucker (1997). *Attachment and Psychopathology*. (pp. 47-93). New York: The Guilford Press.
- Crowell, J.A. (1990) Current relationship interview. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.
- Crowell, J.A. & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 4, 294-327.
- Crowell, J. & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In Clulow, C. (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy: the 'secure base' in practice and research*. (pp. 28-42). Sussex: Brunner-Routledge.
- Crowell, J.A., Treboux, D. Gao, Y. Fyffe, C., Pan, H. & Waters, E. (2002). Assessing secure base behaviour in adulthood: Development of a measure links to adult attachment representations, and relations to couples' communication and reports of relationships. *Developmental Psychology*, 38, 679-693.
- Crowell, J.A., Waters, E., Treboux, D., O'Connor, E., Colon-Downs, C., Feider, O., Posada, G. & Golby, B. (1995). The discriminant validity of the Adult Attachment Interview. *Child Development*, 67, 2584-2599.
- Crowell, J.A. & Owens, S.T. (1996). *Current Relationship Interview and scoring system*. Unpublished manuscript. State University of New York at Suny Stony Brook.
- Crowell, J., Fraley, R. & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.
- Crowell, J., Treboux & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: The transition to marriage. *Developmental Psychology* 38, 467-479.
- Crowell, J., Gao, Y., Lawrence-Savane, T., Abbott, G., Olmsted, M & Lord, C. (2001). When do attachment representations matter? – Relations among the AAI, CRI and Behavior in the development of adult partnerships. *Developmental Psychology*, 38, 679-693.

- Crowell, J.A., Treboux, D., Gao, Y., Fyffe, C., Pan, H. & Waters, E. (2002). Assessing secure base behavior in adulthood: development of a measure, links to adult attachment representations, and relations to couples' communication and reports of relationships. *Developmental Psychology*, 38 (5):679-93.
- Crowell, J. & Waters, E. (2005). Attachment representations, secure-base behaviour and the evolution of adult relationships: The Stony Brook Adult Relationship Project. In K.E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York: The Guilford Press.
- Cummings, M. & Davies, P. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 43 (1): 31±63.

D

- Davila, J. (2003). Attachment processes in couples therapy: Implications for behavioral models. In S. Johnson & V. Whiffen (Eds.), *Attachment: A perspective for couple and family intervention*. NY: Guilford.
- Dickes, P., Tourniois, J., Flieller, A. & Kop, J.L. (1994). *La psychométrie*. Paris: PUF.
- DeHart, G., Sroufe, L.A. & Cooper, R. (2000). *Child development: its nature and course, 4th Edition*. New York: McGraw-Hill.
- Dias, P. (2007). Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga.
- Dickstein, S., Seifer, R., Andre, M. & Schiller, M. (2001). Marital Attachment Interview. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18 (5) 651-672.
- Dozier, M. & Kobak, R. (1992). Psychophysiology in attachment interviews: Converging evidence for deactivating strategies. *Child Development*, 63 (6), 1473-1480.
- Dozier, M., Manni, M. & Lindhiem, O. (2005). Lessons from the Longitudinal Studies of Attachment. In K.E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York: The Guilford Press.
- Duncan, S., Kanki, B., Mokros, H. & Fiske, D.W. (1996). Pseudounilaterality and other ills to which interaction research is heir. In H.B. Mokros (Ed.), *Interaction and identity:*

information and behaviour, Volume 5, (pp. 71-96). New Brunswick, NJ: Transaction.[Reprint of Journal Article: Duncan, S., Kanki, B., Mokros, H., & Fiske, D.W. (1984).]

E

Egeland, B. & Erickson, M.F. (1987). Psychologically unavailable caregiving: the effects on development of young children and the implications for intervention. In M. Brassard, B. Germain & S. Hart (Eds.), *Psychological maltreatment of children and youth* (pp.110-120). New York: Pergamon Press.

Eldridge, K.A. (2000). *Demand-withdraw communication during marital conflict: Relationship satisfaction and gender role considerations*. Unpublished doctoral dissertation, University of California, Los Angeles.

Eliker, J., Englund, M. & Sroufe, A. (1992). Predicting peer competence and peer relationships in childhood from early parent-child relationships. In R. Parkes & G. Ladd (Eds.). *Family-peer relationships: Modes of linkage* (pp. 77-106). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. London: Faber & Faber.

F

Faria, C. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. Dissertação de doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.

Faria, C., Fonseca, M., Lima, V.S., Soares, I. & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). New York: The Guilford Press.

Feeney, J.A., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment. In M.B. Sperling & W.H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: clinical and developmental perspectives* (pp. 122–158). New York: Guilford.

- Feeney, J. A.; Noller, P.; and Patty, J. (1993). Adolescents' Interactions with the Opposite Sex: Influence of Attachment Style and Gender. *Journal of Adolescence* 16, 169–186.
- Fisher, J. & Crandell, L. (2001). Patterns of relating in the couple. In Clulow, C. (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy: the 'secure base' in practice and research*. (pp. 15-27). Sussex: Brunner-Routledge.
- Floyd., F.J. (2004). Communication Skills Test (CST): Observational System for couples' problem-solving skills. In P. Kerig & D.H. Baucom (Eds.). *Couple observational coding systems* (pp. 143-158). New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.
- Fonagy, P., Target, M. & Gergely, G. (2000). Attachment and borderline personality disorder: a theory and some evidence. *Psychiatric Clinics of North America*, 23 (1), 103-122.
- Fonagy, P. & Target, M. (1997). Attachment and reflective function: their role in self-organization. *Development and Psychopathology*, 9, 679-700.
- Fonagy, P., Leigh, T., Steele, M., Steele, H., Kennedy, R., Mattoon, G., Target, M & Gerber, A. (1996). The relation of attachment status, psychiatric classification, and response to psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64 (1), 22-31.
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Moran, G. & Higgitt, A. (1991). The capacity for understanding mental states: The reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, 12, 201-218.
- Fox, N.A., Kimmerly, N.L. & Schafer, W.D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: a meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.
- Fraley, C. & Shaver, P. (1998). Airport separations: a naturalistic study on adult attachment dynamics in separating couples. *Journal of Personality and Social Psychology* 75 (5): 1198-1212.
- Fraley, C. & Spieker, S.J. (2003). What are the differences between dimensional and categorical models of individual differences in attachment? Reply to Cassidy (2003), Cummings (2003), Sroufe (2003), and Waters and Beauchaine (2003). *Developmental Psychology*, 39, 423-429.
- Fremmer-Bombik, E., Rudolph, J., Veit, B., Schwarz, G. & Schwarzmeier, I. (1989). *The Regensburg method of analysing the adult attachment interview*. University of Regensburg Manuscripto não publicado.

Furman, W. (1999). Friends and lovers: the role of peer relationships in adolescent romantic relationships. In W.A. Collins & B. Laursen (Eds.). *The Minnesota symposia on Child Psychology, vol. 30. Relationships as developmental contexts*. (pp.133-153). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

G

Gallo, L. & Smith, T. (2001). Attachment Style in Marriage: Adjustment and Responses to Interaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(2), 263-289.

George, C. & Solomon, J. (1996). Representational models of relationships: links between caregiving and attachment. *Infant Mental Health Journal*, 17 (3), 198-216.

George, C. & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: the caregiving behavioural system. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (pp. 649-670). New York: The Guilford Press.

George, C., Kaplan, N. & Main, M. (1984). *Attachment interview for adults*. Manuscripto não publicado. University of California at Berkeley.

Goossens, F. & Van IJzendoorn, M. (1990). Quality of infants' attachment to professional caregivers: relation to infant-parent attachment and day-care characteristics. *Child Development*, 61, 832-837.

Gottman, M., Coan, J., Carrere, S., & Swanson, C. (1998). Predicting marital happiness and stability from newlywed interactions. *Journal of Marriage and Family*, 60, 5-22.

Gottman, J.M., & Notarius, C.I. (2000). Decade Review: observing marital interaction. *Journal of Marriage and Family*, 62 (4), 927-947.

Grossmann, K.E. & Grossmann, K. (1991). Attachment quality as an organizer of emotional and behavioral responses in a longitudinal perspective. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 93-114). London: Tavistock/Routledge.

Grossmann, K.E. & Grossmann, K. (1999). Mary Ainsworth: our guide to attachment research. *Attachment and Human Development*, 1, 224-228.

Grossmann, K.E., Grossmann, K., & Kindler, H. (2005). Early care and the roots of attachment and partnership representations: the Bielefeld and Regensburg longitudinal studies. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.).

Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies (pp. 98-136). New York: The Guilford Press.

Grossmann, K., E., Fremmer-Bombik, E., Rudolph, J. & Grossmann, K. (1988). Maternal attachment representations as related to patterns of infant-mother attachment and maternal care during the first year. In R. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: mutual influences* (pp. 241-260). Oxford: Clarendon Press.

Grossmann, K., Grossmann, K., Winter, M. & Zimmermann, P. (2002). Attachment relationships and appraisal of partnership: from early experience of sensitive support to later relationship representation. In L. Pulkkinen & A. Caspi. (Eds.). *Paths to successful development: Personality in the life course*. Cambridge: University of Cambridge.

Gray-Little, B., Baucom, D. & Hamby, S. (1996). Marital power, marital adjustment, and therapy outcome. *Journal of Family Psychology*, 10 (3), 292-303.

Gurung, R., Sarason, B. & Sarason, I. (2001). Predicting relationship quality and emotional reactions to stress from significant-other-concept clarity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27 (10), 1267-1276.

H

Haberland, H. & Mey, J. (2002). Editorial: linguistics and pragmatics, 25 years after. *Journal of Pragmatics*, 34, 1671-1682.

(*) Harlow, H. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 673-685.

Harlow, H. & Harlow, M. (1966). Learning to love. *American Scientist*, 54, 244-272.

Harlow, H. & Zimmermann, R. (1959). Affectional responses in the infant monkey. *Science*, 130, 421.

Hartup, W. (1992). Friendships and their developmental significance. In McGurk, H. (Ed.). *Childhood social development: Contemporary perspectives*. (pp. 175-206). NJ: Psychology Press.

Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.

- Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachment: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355-377). NY: The Guilford Press.
- Heavey, C.L., Gill, D.S. & Christensen, A. (1996). The Couples Interaction Rating System. Unpublished manuscript. University of California, Los Angeles.
- Hesse, E. (1996). Discourse, memory, and the Adult Attachment Interview: a note with emphasis on the emerging cannot classify category. *Infant Mental Health Journal*, 17, 4-11.
- Hesse, E. (1999). State of mind with respect to attachment and its effects on parenting behaviour. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp. 395-433). New York: Guilford Press.
- Heyman, R.E., Weiss, R.L. & Eddy, J.M. (1995). Marital Interaction Coding System: revision and empirical evaluation. *Behaviour Research and Therapy*, 33, 737-746.
- Heyman, R.E., Eddy, J.M., Weiss, R.L. & Vivian, D. (1995). Factor analysis of the Marital Interaction Coding System. *Journal of Family Psychology*, 9, 209-215.
- Heyman, R.E. & Vivian, D. (2000). *Rapid Marital Interaction Coding System Manual*. Disponível em www.psy.sunysb.edu/marital.
- Hill, M. & Hill, A. (2005). Investigação por questionário. Lisboa: Edições Sílabo.
- Holtzworth-Munroe, A., Smutzler, N. & Stuart, G.L. (1998). Demand and withdraw communication among couples experiencing husband violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66, 731-743.
- Hops, H., Wills, T.A., Patterson, G.R. & Weiss, R.L. (1972). *Marital Interaction Coding System - MICS*. Unpublished manuscript, University of Oregon.
- (*) Horn, L. (1989). *A Natural History of Negation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hurlbert D. F.; White L. C.; Powell, R.D.; Apt., C. (1993). Orgasm consistency training in the treatment of women reporting hypoactive sexual desire: an outcome comparison of women-only groups and couples-only groups. *Journal of behaviour therapy and experimental psychiatry*. 24, 1, 3-13.

J

- Jacob, T. & Khnan, G. (1987). The classification of behavioural observation codes in studies of family interaction. *Journal of Marriage and the Family* 49 (3), 677-687.

- Jacob, T. & Leonard, K. (1992). Sequential analysis of marital interactions involving alcoholic, depressed and non-distressed men. *Journal of Abnormal Psychology*, 101 (4): 647-656.
- Johnson, S.M., Makinen, J.A., Millikin, J.W. (2001). Attachment injuries in couple relationships: A new perspective on impasses in couples therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 27(2): 145-155.
- Jongenelen, I. (2004). Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: da matriz relacional à matriz contextual. Dissertação de Doutorado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Julien, D., Markman, H. & Lindhal, K. (1989). A comparison of a global and a microanalytic coding system: implications for future trends in studying interactions. *Behavioral Assessment*, 11 (1), 81-100.

K

- Karney, B.R., Bradbury, T.N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: a review of theory, methods, and research. *Psychological Bulletin*, 118 (1), 3-34.
- Kenny, D.A., Kashy, D.A. & Bolger, N. (1998). Data analysis in social psychology. In D.T. Gilbert, S.T. Fiske & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of Social Psychology*, vol. I., 4th edition (pp. 233-265). New York: McGraw-Hill.
- Kirkpatrick, L. & Hazan, C. (1994). Attachment styles and close relationships: a four-year prospective study. *Personal Relationships*, 2, 229-237.
- Kirkpatrick, L. & Davies, K. (1994). Attachment style, gender and relationship stability: a longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 502-512.
- Klohnen, E. & John, O. (1998). Working models of attachment: a theory-based prototype approach. In J. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory & Close Relationships* (pp. 115-140). New York: The Guilford Press.
- Klohnen, E., Weller, J., Luo, S. & Choe M. (2005). Organization and predictive power of general and relationship-specific attachment models: one for all, and all for one? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31 (12), 1665-1682.
- Klohnen E.C., Weller J.A., Luo S. & Choe, M. (2005). Organization and predictive power of general and relationship-specific attachment models: one for all, and all for one? *Personality and Social Psychology Bulletin* 31 (12), 1665-1682.

(*) Kobak, R. (1985). *The transition to college: Attitudes towards attachment and social competence*. Unpublished Doctoral Dissertation. University of Virginia.

Kobak, R. (1993). *The Attachment Q-Sort*. Manuscrito não publicado. University of Delaware.

Kobak, R. (1999). The emotional dynamics of disruption in attachment relationships: implications for theory, research, and clinical intervention. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (pp. 21-43). New York: The Guilford Press.

Kobak, R. & Sceery, A. (1988). Attachment in later adolescence: Working models, affect regulation, and perceptions of self and others. *Child Development*, 59, 135-146.

Kunce, L.J. & Shaver, P.R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. *Attachment Processes in Adulthood*. New Jersey: Jessica Kingsley Publishers.

L

LeGrand, A. K., Snell, W.E. & Zlokovich, M. (2002). Psychological attachment and human sexuality. In W.E. Snell (Ed.), *New Directions in the Psychology of Human Sexuality: research and Theory*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications. WEB: <http://cstl-cla.semo.edu/snell/books/sexuality/sexuality.htm>.

Levinson, D. J. (1980). Toward a conception of the adult life course. In N. Smelser & E. H. Erikson (Eds.), *Themes of love and work in adulthood* (pp. 265-290). Cambridge: Harvard University Press.

Lewis, J. & Elam, J., (2003) (Eds.). *Qualitative research practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*. New York: Sage.

Lima, V.S., Soares, I., Vieira, F. & Collins, W.A. (2005). *A Intimate Relationship Interview e sistema de cotação, versão 1.0*. (Manuscrito não publicado). Universidade do Minho.

Lima, V.S., Vieira, F. & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia*, XX (1), 51-63.

Lima, V.S., Vieira, F., Soares, I., Collins, W.A. & Martins, C. (Julho, 2006). *Couples' Relationships: Representation and Behaviour*. Poster apresentado no *The International Attachment Conference*. Braga: Universidade do Minho.

- Lima, V.S., Vieira, F., Soares, I., Collins, W. A. & Martins, C. (Julho, 2006). *Representation of Intimacy and Dyadic Behaviour in Couples' Relationships*. Poster apresentado no The 2006 International Association for Relationship Research Conference, Rethymno, Grécia.
- Liotti, G. (2000). Disorganized attachment, models of borderline states and evolutionary psychotherapy. In P. Gilbert & K. Bailey (Eds.), *Genes on the couch. Explorations in evolutionary psychotherapy*. Philadelphia, Brunner Routledge.
- Liotti, G., Cortina, M., Farina, B. (2008). Attachment theory and multiple integrated treatments of borderline patients. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 36, 295-315.
- (*) Lorenz, K.Z. (1935). Der Kumpan in der Umwelt des Vogels. *Journal Orn. Berl*, 83. English translation in C.H. Schiller (Ed.). (1957) *Instinctive Behavior*. New York: International University Press.

M

- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: findings and directions for future research. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.). *Attachment Across the Life Cycle* (pp. 127-159). London: Tavistock/Routledge.
- Main, M. & Goldwyn, R. (1984/1998). Adult attachment scoring and classification systems. Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley.
- Main, M. & Goldwyn, R. (1994). *Adult attachment scoring and classification systems*. University of California at Berkeley. (Manual não publicado).
- Main, M., & Hesse, E. (1990). Parents unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behaviour the linking mechanism? In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the Preschool Years: Theory, Research and Intervention* (pp. 161-182). Chicago: The Chicago University Press.
- Main, M., Hesse, E. & Kaplan, N. (2005). Predictability of attachment behaviour and representational processes at 1, 6 and 19 years of age: the Berkeley longitudinal study. In K.E. Grossman, K. Grossman, & E. Waters (Eds.), *Attachment from Infancy to Adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 245-304). New York: The Guilford Press.

- Main, M. & Solomon, J. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In M. Yogman & T. Brazelton (Eds.), *Affective Development in Infancy* (pp. 95-124). Norwood, NJ: Ablex.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial No. 209), 66-104.
- Malick, N. & Lindhal, K.M. (2004). System for coding interactions in dyads. In P. Kerig & D.H. Baucom (Eds.), *Couple observational coding systems* (pp. 173-188). New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.
- Mallinckrodt, B., Coble, H.M., & Gantt, D.L. (1995). Working alliance, attachment memories, and social competencies of women in brief therapy. *Journal of Counseling Psychology*, 42, 79–84.
- Marris, P. (1958). *Widows and their families*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Marques, T. (2004). *Anorexia Nervosa e Vinculação*. Monografia de investigação não publicada. Maia: ISMAI.
- Mashek, D. & Sherman, M.(2004). Desiring less closeness with intimate others. In D. Mashek & A.P. Aron (Eds.). *Handbook of Closeness and Intimacy* (pp. 143-155). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Mikulincer, M., Florian, V. Cowan, P. & Cowan, C. (2004). Attachment Security in Couple Relationships: A Systemic Model and Its Implications for Family Dynamics. *Family Process*, 41 (3), 405 – 434.
- Mohr, J.J. & Fassinger, R.E. (2003). Self-acceptance and self-disclosure of sexual orientation in lesbian, gay, and bisexual adults: An attachment perspective. *Journal of Counseling Psychology*, 50(44): 482-495.
- Morin, E. (1973). *Paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América
- Morrison, T.L., Urquiza, A.J. & Goodlin-Jones, B.L. (1997). Attachment, perceptions of interaction and relationship adjustment. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 627-642.

N

Newcomb, A.F., Bukowski, W.M., & Bagwell, C.L. (1999). Knowing the sounds: Friendship as a developmental context. In W.A. Collins & B. Laursen (Eds.). *The Minnesota symposia on Child Psychology. Vol. 30. Relationships as developmental contexts*.(pp.63-83). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

O

Ostrov, J. & Collins, W.A. (2007). Social Dominance in Romantic Relationships: A Prospective Longitudinal Study of Non-verbal Processes. *Social Development*, 16(3): 580-595.

Overall, N., Fletcher, G. & Friesen, M. (2003). Mapping the intimate relationship mind: comparisons between three models of attachment representations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 (12), 1479-1493.

P

Paley, B., Cox, M.J., Harter, K.S.M. & Margand, N.A. (2002). Adult attachment stance and spouses' marital perceptions during the transition to parenthood. *Attachment and Human Development*, 4, 340-360.

Paley, B., Copx, M., Burchinal, M. & Payne, C. (1999). Attachment and marital functioning: comparison of spouses with continuous-secure, earned-secure, dismissing, and preoccupied stances. *Journal of Family Psychology*, 13, 580–597.

Patterson, R., & Moran, G. (1988). Attachment theory, personality development, and psychotherapy. *Clinical Psychology Review*, 8 (6), 611-636.

Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS (4ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pierce, T. & Lydon, J.E. (2001). Global and specific relational models in the experience of social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80 (4): 613-631.

Pinho, A.F. (2000). *Perturbações do comportamento alimentar e vinculação: contributos para a caracterização clínica*. Dissertação não publicada. Braga: Universidade do Minho.

Polan, H.J. & Hofer, M.A. (1999). Psychobiological origins of infant attachment and separation responses. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment:*

theory, research, and clinical applications (pp. 162-180). New York: The Guildford Press.

Posada, G. & Waters, E. (1988). The Family Behavior Survey. Unpublished manuscript. State University of New York at Suny Stony Brook.

Prager, K. & Buhrmester, D. (1998). Intimacy and need fulfillment in couple relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15 (4), 435-469.

R

Reis, H.T. & Patrick, B.C. (1996). Attachment and intimacy: component processes. In A. Kruglanski & E.T. Higgins (Eds.). *Social Psychology: handbook of basic principles* (pp. 523-563). New York: Guilford.

Reis, H.T., Collins, W.A. & Berscheid, E. (2000). The relationship context of human behaviour and development. *Psychological Bulletin*, 126 (6), 180-193.

Reis, H.T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (pp. 367-389). Chichester: Wiley.

Relvas, A.P. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: perspectiva sistémica. In I. Soares (Coord.). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (In)Adaptativas ao longo da Vida* (pp. 435-467). Coimbra: Quarteto.

Rholes, W., Simpsom, J.A. & Orina, M. (1999). Attachment and anger in an anxiety-provoking situation. *Journal of Personality and Social Psychology* 76 (6), 940-957.

Roberts, N., & Noller, P. (1998). The associations between adult attachment and couple violence: The role of communication patterns and relationship satisfaction. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 317-350). New York: Guilford.

Robertson, J. & Bowlby, J. (1952). Responses of young children to separation from their mothers. *Courrier Centre Internationale Enfance*, 2, 131-142.

Roisman, G.I., Madsen, S.D., Henninghausen, K.H., Sroufe, L.A & Collins, W.A. (2001). The coherence of dyadic behaviour across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment and Human Development*, 3 (2), 156-172.

- Roisman, G.I., Tsai, J.L. & Chiang, K-H. S. (2004). The emotional integration of childhood experience: physiological, facial expressive, and self-reported emotional response during the Adult Attachment Interview. *Developmental Psychology*, 40, 776 – 789.
- Roisman, G.I., Padron, E., Sroufe, L.A. & Egeland, B. (2002). Earned-secure attachment status in retrospect and prospect. *Child Development*, 73 (4), 1204-1219.
- Roisman, G.I, Collins, W.A., Sroufe, L.A. & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behaviour in their current romantic relationship: prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment and Human Development*, 7 (2), 105-121.
- (*) Rooter, J. (1982). *The Development and Application of Social Learning Theory*. New York: Praeger.

S

- Sagi-Schwartz, A. & Aviezer, O. (2005). Correlates of attachment to multiple caregivers in Kibbutz children from birth to emerging adulthood: the Haifa longitudinal study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 165-197). New York: The Guilford Press.
- Sampson, M. (2004). *Continuity and change in patterns of attachment between infancy, adolescence and early adulthood in a high risk sample*. Unpublished doctoral dissertation, University of Minnesota, Minneapolis.
- Scott, R., & Cordova, J.V. (2002). The influence of adult attachment styles on the association between marital adjustment and depressive symptoms. *Journal of Family Psychology*, 16, 199-208.
- Shapiro, A. & Gottman, J.M. (2004). The Specific Affect Coding System. In P. Kerig & D.H. Baucom (Eds.). *Couple observational coding systems* (pp. 191-207). New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.
- Shaver, P. & Brennan, K.A. (1992). Attachment styles and the 'Big Five' personality traits: their connections with each other and with romantic relationships outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 536-545.
- Shaver, P. & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment and Human Development*, 4 (2), 133-161.

- Sibley, C.G. & Liu, J.H. (2006). Working models of romantic attachment and the subjective quality of social interactions across relational contexts. *Personal Relationships*, 16, 243-259.
- Sillars, A.L. (1986). *Procedures for coding interpersonal conflict* (revised manual). Missoula: University of Montana, Department of Interpersonal Communication.
- Simpson, J. (2006). Dyadic analysis: basic concepts and overview. In D. Kenny, D. Kashy & W. Cook (Eds.), *Dyadic Data Analysis*. New York: The Guilford Press.
- Simpson, J. & Rholes, W. (1997). *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Simpson, J., Rholes, W. & Philips, D. (1996). Conflict in close relationships: An attachment perspective., *Journal of Personality and Social Psychology* In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment process in adulthood* (pp. 181-204). London: Kingsley.
- Simpson, J., Rholes, W. & Nelligan, J. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: the role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (3), 434-446.
- Simpson, J., Rholes, W., Campbell, L., Tran, S. & Wilson, C. (2003). Adult attachment, the transition to parenthood, and depressive symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (6), 1172-1187.
- Simpson, J., Rholes, W., Orina, M. & Grich, J. (2002). Working models of attachment, support giving, and support seeking in a stressful situation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (5), 598-608.
- Simpson, J.A., Collins, W.A., Tran, S. & Haydon, K.C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: a developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (2), 355–367.
- Simpson, J.A., Winterheld, H.A., Rholes, W.S. & Orina, M.M. (2007). Working models of attachment and reactions to different forms of caregiving from romantic partners. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93, 466-477.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

- Soares, I. (2000). Introdução à psicopatologia do desenvolvimento: questões teóricas e de investigação. In I. Soares (Coord.). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (In)Adaptativas ao longo da Vida* (pp. 11-42). Coimbra: Quarteto.
- Soares, I. (2002). *A vinculação vinculada. Lição Síntese*. Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia. Manuscrito não publicado. Braga: Universidade do Minho.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I., Martins, E. & Tereno, S. (2007). Vinculação na infância. In I. Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 47-98). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Spanier, G. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28.
- Sperling, M. & Berman, W. (Eds.) (1994). *Attachment in adults. Clinical and developmental perspectives*. New York: Guilford Press.
- Sroufe, A. (1983). Infant-caregiver attachment and patterns of adaptation in preschool: the roots of maladaptation and competence. In M. Perlmutter (Ed.), *Minnesota Symposium in Child Psychology*, vol. 6, (pp. 41-91). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Sroufe, A. (1988). The role of infant-caregiver attachment in development. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 18-40). Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Sroufe, A. (2005). Attachment and development: a prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7, 349-367.
- Sroufe, A., Carlson, E., Levy, A. & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11(1), 1-14.
- Sroufe, A., Cooper, R.G. & DeHart, G. (1992). *Child development: its nature and course*, 2nd edition. New York: McGraw Hill.
- Sroufe, A., Egeland, B. & Carlson, E. (1999). One social world: the integrated development of parent-child and peer relationships. In W.A. Collins & B. Laursen (Eds.). *The Minnesota symposia on Child Psychology, Vol. 30 - relationships as developmental contexts* (pp. 241-261). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

- Sroufe, A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W.A. (2005a). *The Development of the Person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: The Guilford Press.
- Sroufe, A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W.A. (2005b). Placing early attachment experiences in developmental context: the Minnesota longitudinal study. In K. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.). *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 48-70). New York: The Guilford Press.
- Sroufe, A., Egeland, B. & Kreutzer, T. (1990). The fate of early experience following developmental change: longitudinal approaches to individual adaptation in childhood. *Child Development*, 61, 1363-1373.
- Sroufe, L.A. & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup and Z. Rubin (Eds.), *Relationships and Development* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Steele H & Steele M (1994) Intergenerational patterns of attachment. In D. Perlman & K. Bartholomew (Eds.) *Attachment Processes During Adulthood. Advances in Personal Relationships Series*, 5, 93-120.
- Sternberg, R. (1998). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335.
- Suomi, S. & Harlow, H. (1978). Early experience and social development in rhesus monkeys. In M. Lamb (Ed.), *Social and Personality Development*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

T

- Tereno, S., Soares, I., Bouça, D. & Sampaio, D. (2001). *Attachment, family dynamics and therapeutic processes in eating disorders: preliminary data*. Poster presented at *The 5th London International Conference on Eating Disorders*. London.
- Tereno, S. (2008). *Intergenerational approach of attachment: the contribution of intimate marital representations*. Dissertação de doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Thomas, G., Fletcher, G. & Lange, C. (1997). On-line empathic accuracy in marital interaction. *Journal of personality and Social Psychology*, 72 (4), 839-850.

- Thompson, R. (2008). Attachment-related mental representations: introduction to the special issue. *Attachment & Human Development*, 10(4), 347-358
- Thompson, R. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (pp. 265-286). New York: The Guilford Press.
- Tidwell, M.O., Reis, H.T., Shaver, P.R. (1996). Attachment, attractiveness, and social interaction: a diary study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (4), 729-745.
- Tomkins, S. (1991). *Affect, imagery, consciousness, Vol. III, the negative affect: anger and fear*. New York: Springer.
- Treboux, D., Crowell, J. & Waters, E. (2004). When “new” meets “old”: configurations of adult attachment representations and their implications for marital functioning. *Developmental Psychology*, 40, 295-314.
- Tulving E. (1972). Episodic and semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson (Eds.) *Organization of memory* (pp. 381-403). New York: Academic Press.

V

- van IJzendoorn, M. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: a meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- van IJzendoorn, M. (1995b). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review*, 12, 76-99.
- van IJzendoorn, M. & Kroonenberg, P. (1988). Cross-cultural patterns of attachment: A meta-analysis of the strange situation. *Child Development*, 59, 147-156.
- van IJzendoorn, M. & Bakermans-Kranenburg, M. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: a meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8–21.
- Vaughn, B.E., Egeland, B., Sroufe, L. A. & Waters, E. (1979). Individual differences in infant-mother attachment at twelve and eighteen months: stability and change in families under stress. *Child Development*, 50, 971-975.
- Verneuil, A.M. (2001). *The Intergeneration Transmission of Attachment: How Do We Account for the "Transmission Gap?"* Doctoral Research Paper, Biola University.

- Vieira, F. M. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação: estudo exploratório*. Dissertação de mestrado não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Vieira, F., Lima, V.S., Soares, I., Collins, W. A. & Martins, C. (Julho, 2006). *Representation of Intimacy in Couples: The Intimate Relationship Interview*. Poster presented in *The 2006 International Association for Relationship Research Conference*, Rethymno.

W

- Wampler, K., Shi, L., Nelson, B. & Kimball, T. (2003). The adult attachment interview and observed couple interaction: implications for an intergenerational perspective on couple therapy. *Family Process*, 42, 497-515.
- Waters, E., Crowell, J., Elliot, M., Corcoran, D. & Treboux, D. (2002). Bowlby's secure base theory and the social/personality psychology of attachment styles: work(s) in progress [A commentary on Shaver & Mikulincer's *Attachment-related psychodynamics*]. *Attachment and Human Development*, 4, 230-242.
- Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, E., Kondo-Ikemura, K., Posada, G. & Richters, J. (1991). Learning to love: mechanisms and milestones. In M. Gunnar & L.A. Sroufe (Eds.). *Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 23. Self Processes and Development* (pp.217-255). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J. & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and early adulthood: a 20-year longitudinal study. *Child Development*, 71, 684-689.
- Waters, E., Weinfield, N. & Hamilton, C. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: general discussion. *Child Development*, 71 (3), 703-706.
- Waters, H. & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8 (3), 185-197.

- Weinfield, N., Sroufe, A. & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a high-risk sample: continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71 (3), 695-702.
- Weiss, R.L. & Tolman, A.O. (1990). The marital interaction coding system-global (MICS-G): A global comparison to the MICS. *Behavioral Assessment*, 12, 271-294.
- West, M. & Sheldon-Keller, A. (1994). *Patterns of relating. An adult attachment perspective*. New York: The Guilford Press.
- Whisman, M.A. & Allan, L.E. (1996). Attachment and social cognition theories of romantic relationships: convergent or complementary perspectives? *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 263-278.
- White (1989). Gender differences in marital communication patterns. *Family Process*, 28 (1), 89-106.

Y

- Yates, T. (2004). The developmental psychopathology of self-injurious behavior: compensatory regulation in posttraumatic adaptation. *Clinical Psychology Review*, 24 (1), 35-74.
- (*) Young, J.Z. (1964). *A model for the brain*. London: Oxford University Press.

Z

- Zimmer-Gembeck, M.J., Siebenbruner, J., Collins, W.A. (2004). A prospective study of intraindividual and peer influences on adolescents' romantic and sexual behavior, *Archives of Sexual Behavior*, 33, 381-394.
- Zimmermann, P. (1999). Structure and functions of internal working models of attachment and their role for emotion regulation. *Attachment & Human Development*, 1 (3): 291-306.

(*) Referência não consultada directamente.

ANEXOS

ANEXO 1

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASAL

Ficha de Identificação e Caracterização do Casal
Projecto de Investigação da Universidade do Minho
Departamento de Psicologia

Identificação

Elemento	Feminino	Masculino
Nome		
Idade		
Estado Civil		
Habilitações Literárias		
Profissão		
Frequenta formação pós-graduada?	Sim Não	Sim Não
e-mail		
Telefone		
Morada		

Caracterização da Relação

Por favor indique:

<p>1) Tempo total da relação: _____ anos e _____ meses</p>	<p>2) Há quanto tempo vivem juntos: _____ anos e _____ meses</p>
<p>3) Tipo de relação</p> <p>Casamento <input type="checkbox"/></p> <p>União de Facto <input type="checkbox"/></p>	<p>Tempo decorrido</p> <p>_____ anos e _____ meses</p>
<p>4) Existem filhos do casal ou de relações anteriores?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	
<p>5) Anteriormente a esta relação, algum dos elementos do casal manteve:</p> <p>a) Casamentos Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Durante quanto tempo?</p> <p>b) Uniões de facto Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> _____ anos, _____ meses</p>	

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 2

INTIMATE RELATIONSHIP INTERVIEW

ESCALAS – DESCRIÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E EXEMPLOS DE DISCURSO

Escala	IRI: Descrição, Categorizações e exemplos do discurso
Intimidade sexual	<p>Envolve procura e percepção de proximidade física e emocional, partilha de si no contexto da expressão sexual.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> pouca ou nenhuma intimidade sexual com o outro; incapacidade de comunicação em torno de questões de natureza sexual, inibição na partilha de afecto positivo e no contacto físico com próprio corpo e com o do outro. (e.g. <i>“Não conversamos muito. (...) Numa relação sexual nunca perco a noção de nada e a coisa não flui. (...) Quanto menos se falar disto melhor (...) Acho que se sente rejeitado e já se habituou, portanto já não procura (com alívio).”</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> partilha de afecto positivo e intimidade física, surgindo algumas dificuldades de comunicação em torno de questões de natureza sexual. (e.g. <i>“Actualmente a nossa relação sexual não está muito mal, entendemo-nos bem, sabemos aquilo que cada um gosta, mas de qualquer maneira acho que para ele é sempre pouco...”</i>).</p> <p><u>Limite Superior:</u> partilha de sentimentos e comunicação aberta em torno de questões de natureza sexual; valorização da componente física, proximidade e envolvimento emocional. O outro é visto em contexto sexual como base segura (segurança, suporte, protecção). (e.g. <i>“acho que a nível sexual nos completamos perfeitamente. Valorizo muito a honestidade que temos em nos exprimir-mos livremente, os olhares que trocamos...”</i>).</p>
Equilíbrio Indivíduo/Relação	<p>Balanceamento entre o experienciar crescimento pessoal pelo envolvimento na relação, promovendo-a, ou se relação constrange recursos, necessidades e objectivos individuais.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> relação limita ou suprime o indivíduo, que não se sente satisfeito com a relação, podendo desvalorizá-la/minimizá-la, manter-se distante e/ou negar quaisquer contrariedades e impacto negativo na sua individualidade. (e.g. <i>“De facto esperava uma vida familiar diferente...”</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> valorização da relação, porém com desequilíbrio entre as necessidades da relação e o desenvolvimento de áreas pessoais (e.g. realização pessoal, profissional). (e.g. <i>“É uma coisa que eu gostava muito que ele me acompanhasse (profissão). É algo para mim fundamental e ele não me acompanha 100% nisso e eu gostava que ele tivesse essa visão também.”</i>)</p> <p><u>Limite Superior:</u> relação serve plenamente as necessidades e objectivos individuais; o outro constitui-se como base segura, a partir da qual ele consegue explorar o mundo fora da relação, promovendo e assegurando também a qualidade do relacionamento. (e.g. <i>“Dá-me estabilidade. Permite que me sinta bem comigo e que possa investir no meu trabalho e amigos”</i>).</p>
Idealização	<p>Discrepância entre a representação semântica e evidência episódica do indivíduo face ao outro, a si na relação e/ou à própria relação.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> discurso consistentemente suportado com evidência episódica; descrição de relação positiva/satisfatória dando a tal suporte convincente, ou referência a problemas na relação sem necessidade de os negar ou normalizar. (e.g. <i>“Fico logo histérica, tenho dificuldade em reagir aos problemas, enervo-me muito com tudo e isso por vezes interfere no nosso bem-estar...”</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> descrições suportadas por episódios vagos, superficiais ou relativos a comportamentos de cariz instrumental; descrições poderão ser baseadas mais no que os outros pensam sobre a relação do que a experiência do próprio. (e.g. <i>“não vou dizer que é espectacular e não vou dizer que é mau... vou dizer que é normal”</i>)</p> <p><u>Limite Superior:</u> relação descrita como perfeita/maravilhosa, sem de tal apresentar evidência episódica, por ausência de memórias específicas ou sua contradição; negação ou normalização de problemas. (e.g. <i>“Nunca tivemos problemas. Não somos como os outros casais.”</i>)</p>
Prestação de Cuidados (Caregiving)	<p>Avalia capacidade em prestar cuidados, reconhecendo sinais de distress do outro, e respondendo de forma a satisfazer essas necessidades.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> incapaz de assumir-se como base segura para o outro; não reconhece sinais de procura de cuidados; apresenta desinteresse ou criticismo ao desconforto do outro. (e.g. <i>“eu não sou assim grande coisa (...), se acho que não é nada importante não ligo nada. Entra por um ouvido e sai pelo outro”</i>).</p> <p><u>Nível Médio:</u> padrão inconsistente de caregiving, podendo variar em função da temática; Em alguns momentos é capaz de se assumir como base segura, podendo fazê-lo de modo inadequado (e.g. exercer domínio, controlar comportamento do outro), não satisfazendo as necessidades do outro. (e.g. <i>“Os métodos que eu uso é que às vezes não são muito eficazes e às vezes acabo por prejudicar ainda mais (...). Tento chamar-lhe a atenção e quando uma pessoa está mal não se deve fazer isto...”</i>).</p> <p><u>Limite Superior:</u> capaz de assumir-se como base segura, sentindo-se confortável nesse papel; revela abertura e interesse pela vulnerabilidade do outro, ajudando-o adequada e eficazmente, independentemente do conteúdo ou intensidade emocional manifestada. (e.g. <i>“Procuro ajudá-lo, ouvindo-o, ou dando-lhe o espaço de que precisa. Estou certa de que sabe que estou aqui para ele, para o ajudar em cada coisa de que necessita, como tem acontecido (situação familiar). Isso é o pilar da nossa relação. E deixa-me muito feliz.”</i>)</p>

Integração do Afecto Positivo e Negativo	<p>Escala de balanceamento, avalia a expressão de afecto e sua integração. Engloba a expressão de afecto negativo (e.g. verbalizações que reflectem frustração, impaciência, raiva, hostilidade, rejeição, insatisfação) e de afecto positivo (e.g. sentimentos positivos dirigidos ao outro, evidência de partilha de afecto físico e verbal).</p> <p><u>Limite Inferior:</u> evitamento da expressão de afecto negativo através de distanciamento e desvalorização do outro e/ou da relação; elevada expressão de afecto negativo, sem reconhecimento do mesmo; expressão de afecto positivo ausente ou não articulado de modo coerente com o afecto negativo. (e.g. <i>“Ele é muito importante para mim (...) há situações do dia-a-dia em que pergunto... O que é que eu estou aqui a fazer com este gajo?”</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> expressão moderada de afecto positivo, caracterizada pela pouca evidência episódica e cariz instrumental que assume. O afecto negativo existente não se constitui como aspecto central da relação, porém permanece a ausência de integração emocional (e.g. <i>“É ótimo saber que pode ir ao supermercado buscar-me alguma coisa”</i>)</p> <p><u>Limite Superior:</u> expressões de afecto positivo frequentes; afecto negativo existente reconhecido abertamente, podendo coexistir diferentes tonalidades afectivas, sem prejuízo do próprio e/ou da relação. (e.g. <i>“No meio das asneiras que fizemos, quando senti que estava já por um fio, vi como precisava dela e que, se calhar, estava a remar num sentido completamente contrário àquele para onde eu queria ir.”</i>)</p>
Coerência	<p>Quão precisa, clara e compreensível é a representação que o indivíduo tem do outro, de si e da relação e de que forma consegue transmiti-lo no decurso da entrevista. Máximas descritas por Main & Goldwyn (1994) – Qualidade, Quantidade, Relevância e Modo.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> discurso de difícil compreensão, confuso, violando claramente as máximas da coerência; poderão ocorrer contradições entre nível semântico e episódico, oscilações constantes de pontos de vista sem seu reconhecimento, discurso emaranhado, vago ou excessivamente conciso, fuga para tópicos irrelevantes, etc. (e.g. <i>“(...) é assim, não usei o meu rancor, não é, não desculpa com o rancor que tinha, logicamente que não. Logicamente a senhora que vá morrer longe (riso), estás a perceber... mas não... eu tento resolver os problemas... qual era a questão?”</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> discurso compreensível, verificando-se algumas violações das máximas da coerência (e.g., discurso vago, dificuldades em relatar episódios que sustentem a descrição feita, oscilações de ponto de vista, mudanças repentinas de assunto). (e.g. <i>“Nunca houve, acho eu, a necessidade de falarmos acerca disso, portanto eu creio que sinceramente é uma relação normal, acho eu”</i>)</p> <p><u>Limite Superior:</u> discurso fluído, consistente e integrado; capacidade em fornecer uma descrição clara e espontânea das experiências e da relação, sustentando-a episodicamente (e.g. <i>“Sou muito racional e às vezes não consigo concretizar alguns projectos. O sentido pragmático dela ajuda-me, por exemplo, a cumprir os passos necessários para mudar de emprego. Por exemplo, o ter ido hoje comprar o jornal, e ajudar-me a ver anúncios com cuidado.”</i>)</p>
Procura de Cuidados (Careseeking)	<p>Avalia capacidade de procurar cuidados e ser confortado pelo outro no contexto da relação.</p> <p><u>Limite Inferior:</u> sujeito não recorre ao outro como base segura (e.g. isola-se, recorre a outras pessoas), podendo evitar a expressão de vulnerabilidade, expressar o desconforto exclusivamente com afecto negativo, ou rejeitar e desvalorizar o apoio dado pelo outro. (e.g. <i>Até me lembro de começar a chorar e é a ele, mas é que é a ele, logo, logo que me vou queixar. Logo. Mesmo. Ou choro, ou reclamo, ou lhe vou contar o que se passou... sempre. Sempre.</i> (exemplos). <i>Não estou a ver. Acho que nunca aconteceu, não.</i>)</p> <p><u>Nível Médio:</u> padrão inconsistente de <i>careseeking</i>, podendo variar em função da temática; em alguns momentos é capaz de procurar suporte e expressar pensamentos e sentimentos, podendo não ser muito claro quanto às expectativas face ao comportamento; dificuldade em manter sinais de procura de cuidados, não sendo facilmente confortado. (e.g. <i>“Posso eventualmente contar-lhe alguma coisa, o que é que sucedeu ou assim, mas nem sempre (...). Às vezes peço conselhos quando vejo que ela pode ajudar em alguma coisa, sobretudo se são problemas humanos...”</i>)</p> <p><u>Limite Superior:</u> sujeito enceta e mantém sinais de desconforto, sendo facilmente confortado; <i>distress</i> sinalizado de modo congruente nos domínios emocional, verbal e comportamental, sentindo-se o sujeito confortável nesse papel. (e.g. <i>Falo muito com ela (...), apoio-me muito nela sobre como devo fazer, como devo lidar com esta ou aquela situação. É importante para mim.</i>)</p>

ANEXO 3

COUPLES INTERACTION TASK:

ESCALAS – DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Escala	CIT: Descrição e Categorizações
Afecto Positivo Diádico	<p>Reciprocidade na expressão de afecto positivo pelo casal (e.g. sorrisos, evidência de afecto físico ou verbal).</p> <p>Limite Inferior: reciprocidade de afecto positivo praticamente ausente, por ausência de afecto positivo ou por um dos elementos do casal expressar afecto positivo que é respondido pelo outro com afecto neutro ou negativo.</p> <p>Nível Médio: alguma partilha de afecto positivo, podendo algumas expressões de afecto positivo ser emparelhadas com afecto neutro ou negativo pelo parceiro.</p> <p>Limite Superior: elevada partilha de afecto positivo, sendo as expressões de afecto positivo consistentemente emparelhadas com afecto positivo pelo parceiro</p>
Afecto Negativo Diádico	<p>Reciprocidade na expressão de afecto negativo pelo casal (e.g. frustração, impaciência, desprezo, raiva e/ou hostilidade).</p> <p>Limite Inferior: expressões de afecto negativo podem ser inexistentes, ou a existir, são emparelhadas por afecto neutro ou positivo pelo parceiro.</p> <p>Nível Médio: reciprocidade de afecto negativo, mas o conflito consegue ser contido por meio de frieza contínua entre os parceiros.</p> <p>Limite Superior: expressões de afecto negativo repetidamente devolvidas, num processo de escalada; consequente conflito é um aspecto dominante da sessão.</p>
Raiva	<p>Expressão intensa e activa de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro (e não a terceiros ou à tarefa).</p> <p>Limite Inferior: ausência de sinais de raiva, ou desempenhando um papel insignificante na interacção.</p> <p>Nível Médio: aumento da frequência e intensidade de episódios de raiva, porém, limitados e comumente controlados.</p> <p>Limite Superior: interacção caracterizada pela raiva e por uma inadequada ou inconsistente capacidade para a modular.</p>
Hostilidade	<p>Dinâmica fria e rejeitante que reflecte desesperança e futilidade sobre a relação.</p> <p>Limite Inferior: ausência de esforços de distanciamento ou rejeição, ou a existirem o outro elemento da díade procura dissipar a situação.</p> <p>Nível Médio: reciprocidade no comportamento de distanciamento e comentários dolorosos, contribuindo ambos os parceiros para o tom hostil da interacção.</p> <p>Limite Superior: interacções inundadas de distanciamento mútuo, ausência de remorso e desesperança na relação ou sua melhoria.</p>
Resolução de Conflito	<p>Capacidade do casal trabalhar em conjunto para a tomada de decisões ou resolução de conflito, conduzindo à mútua satisfação.</p> <p>Limite Inferior: insatisfação no processo de tomada de decisão, interacções restritivas e pautadas pela insensibilidade ante a perspectiva do outro.</p> <p>Nível Médio: moderada satisfação com o processo de resolução do conflito, com uma certa rigidez, havendo no entanto algum esforço para trabalhar em conjunto.</p> <p>Limite Superior: ambos os elementos da díade estão satisfeitos com o processo de tomada de decisão, envolvendo colaboração e negociação de conflito.</p>
Base Segura	<p>Capacidade de recorrer ao outro como base segura e de como tal se assumir.</p> <p>Limite Inferior: sujeitos funcionam como entidades separadas</p> <p>Nível Médio: sujeitos são apenas algumas vezes capazes de funcionar como base segura para o parceiro e de a ele recorrerem.</p> <p>Limite Superior: ambos os elementos da díade são consistentemente eficazes em constituírem-se como base segura e de recorrerem ao outro como base segura</p>

Equilíbrio Assertividade/Auto- Retraimento	<p>Avalia balanceamento entre a abertura e assertividade <i>versus</i> retraimento, passividade e/ou defensividade.</p> <p>Limite Inferior: ambos os parceiros mostram sinais de indisponibilidade à expressão de opiniões, passividade e/ou defensividade.</p> <p>Nível Médio: um dos parceiros pode abrir-se e expressar livremente opiniões e sentimentos, enquanto o outro resiste à abertura, ou ambos os parceiros apresentam um misto de vulnerabilidade e defensividade ao longo das tarefas.</p> <p>Limite Superior: ambos os elementos do casal revelam segurança na expressão de opiniões e sentimentos, e confiança em estar a ser ouvido.</p>
Equilíbrio Indivíduo/Relação	<p>Grau pelo qual a relação nutre/promove os parceiros como indivíduos, ou, ao invés, os constrange dos seus recursos individuais.</p> <p>Limite Inferior: a interacção parece limitar ou suprimir a individualidade de um ou ambos os parceiros, devido a emaranhamento ou a uma dinâmica destrutiva.</p> <p>Nível Médio: a relação parece servir os indivíduos, mas apenas ocasionalmente e não de um modo prolongado.</p> <p>Limite Superior: no contexto da relação ambos os parceiros expressam a sua individualidade, contribuindo para a interacção diádica.</p>
Equilíbrio Relação/Mundo Exterior	<p>Capacidade da díade em manter um envolvimento activo e competente no “trabalhar em conjunto” para completar as tarefas.</p> <p>Limite Inferior: incapacidade do casal em completar em conjunto as tarefas estipuladas, ou a interacção pode ser limitada na tentativa de o fazer.</p> <p>Nível Médio: casal completa todas ou algumas partes das tarefas, mas o esforço põe em causa a harmonia da interacção.</p> <p>Limite Superior: interacção harmoniosa, com praticamente igual grau de envolvimento no completar eficaz e adequadamente a tarefa.</p>
Qualidade da Relação	<p>Avaliação holística da qualidade e profundidade da relação, não derivando de um compósito dos <i>scores</i> anteriores.</p> <p>Limite Inferior: lacunas nas dimensões positivas da relação, ou presença de claros aspectos negativos (vitimização, conflito crónico e intenso, rigidez de papéis); a relação pode ser linear, vazia, ou penosa para um ou ambos os elementos.</p> <p>Nível Médio: inúmeras combinações de alguma ausência de aspectos positivos, ou presença de alguns elementos negativos.</p> <p>Limite Superior: relação caracterizada por cuidado recíproco, confiança e proximidade emocional; sensibilidade às necessidades e desejos do outro, partilha profunda de experiências e sentimentos; prazer em estar com o outro e fidelidade.</p>

ANEXO 4

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____ declaro aceitar colaborar como participante na investigação “**Vinculação e Relações Intimas**”, em curso no Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, autorizando a gravação em áudio da entrevista e em vídeo das tarefas de interação propostas, bem como o preenchimento individual de questionários.

A confidencialidade e anonimato estão salvaguardados para além dos membros da equipa de investigação e sem prejuízo pessoal de cariz ético ou moral.

O Participante,

Tomei conhecimento,

Vânia Sousa Lima

Filipa Mucha Vieira

(Investigadoras)

Data: _____

ANEXO 5

OBSERVAÇÃO DA INTERACÇÃO DO CASAL: LISTAGEM DE PROBLEMAS

Observação da Interação do Casal

Número do Participante: _____

Data: _____

Masculino: _____ Feminino: _____

Instruções

Apresenta-se seguidamente uma listagem com um conjunto de áreas que diferentes pessoas referem como problemáticas no contexto de relações íntimas. Por favor, indique o grau pelo qual cada uma das áreas é um problema na sua relação, fazendo um círculo em redor do número que considerar adequado (sendo “1: Não é problemático” e “10: É muito problemático”). Use os espaços 12 e 13 para indicar áreas que considere relevantes e que não tenham sido mencionadas.

NOTA: O seu cônjuge preencherá igualmente este questionário e ambos verão o questionário do outro num momento posterior desta sessão.

	Não é					É muito				
	problemático					problemático				
<hr/>										
1) Dinheiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2) Comunicação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3) Sogros e Família	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4) Sexo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5) Religião	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6) Tempos-livres	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7) Amigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8) Álcool e Drogas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9) Filhos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10) Ciúmes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11) Divisão de tarefas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
12)_____	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
13)_____	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10